

EV 01101355-8



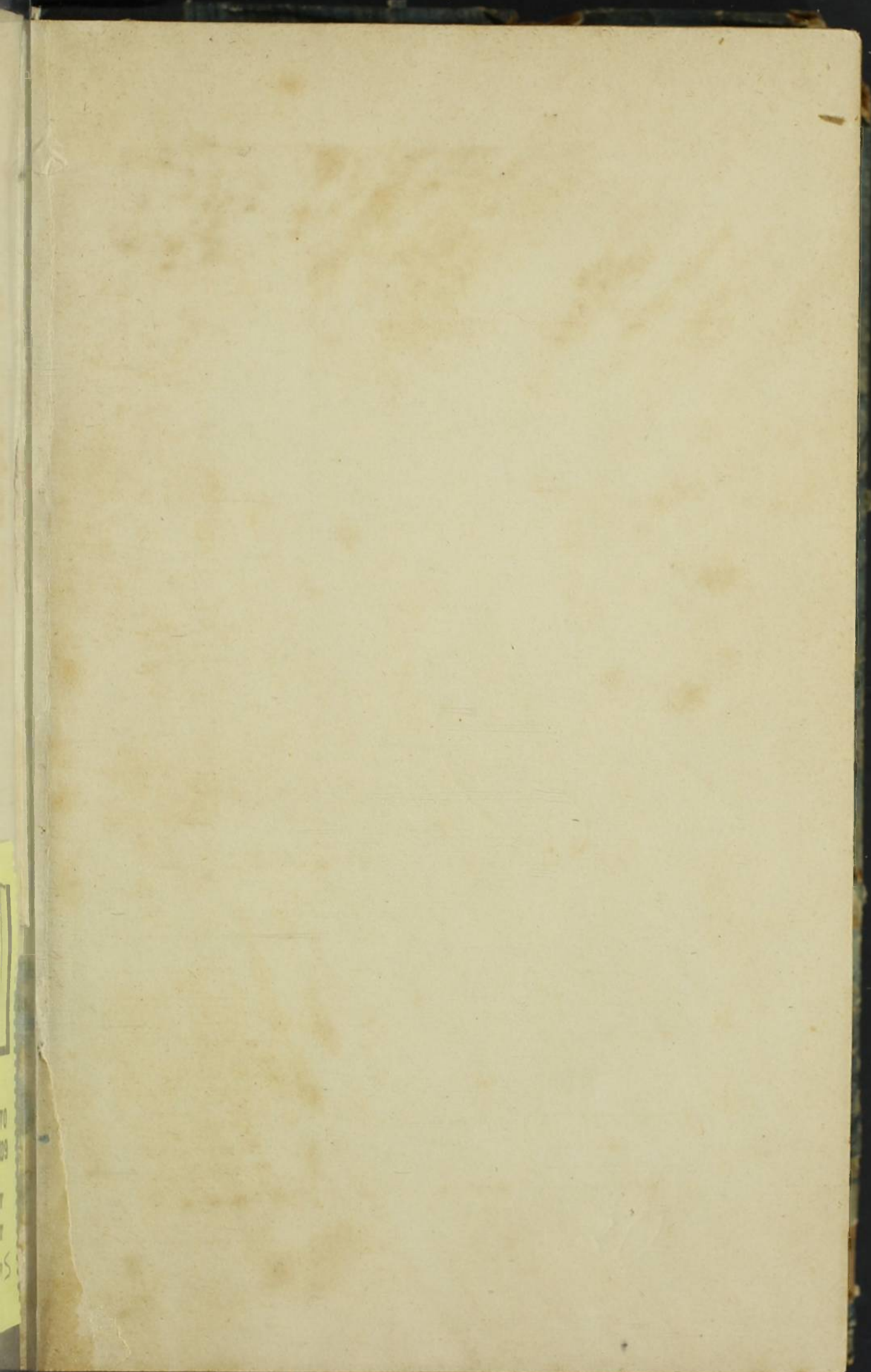
Rua Ruy Barbosa, 15-B
Salvador - BA. - Cep 40.020-070
Tels.: (71) 3243-5383 / 3322-4809

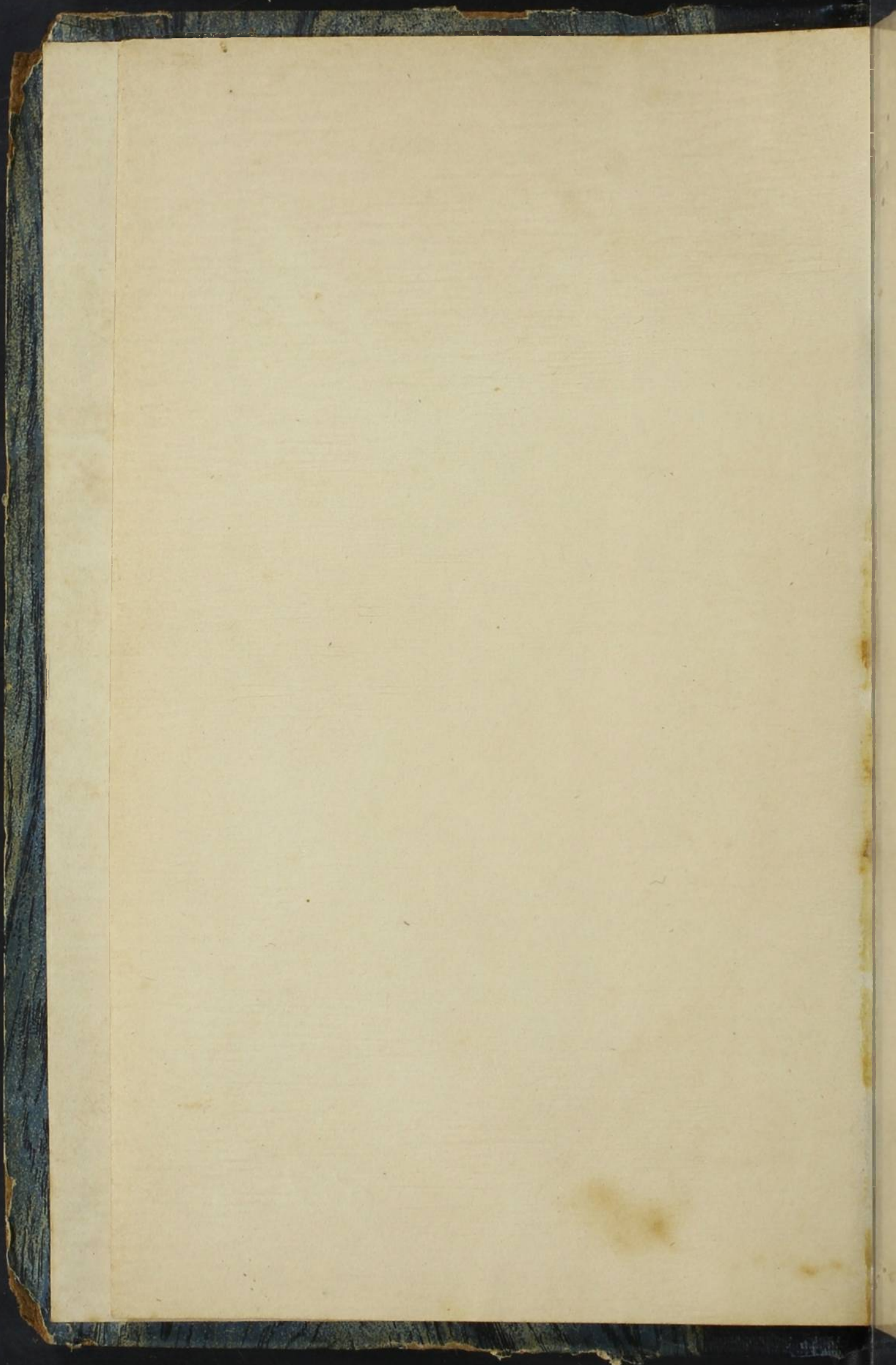
www.livbrandaosebo.com.br
e-mail: lbsebo@terra.com.br

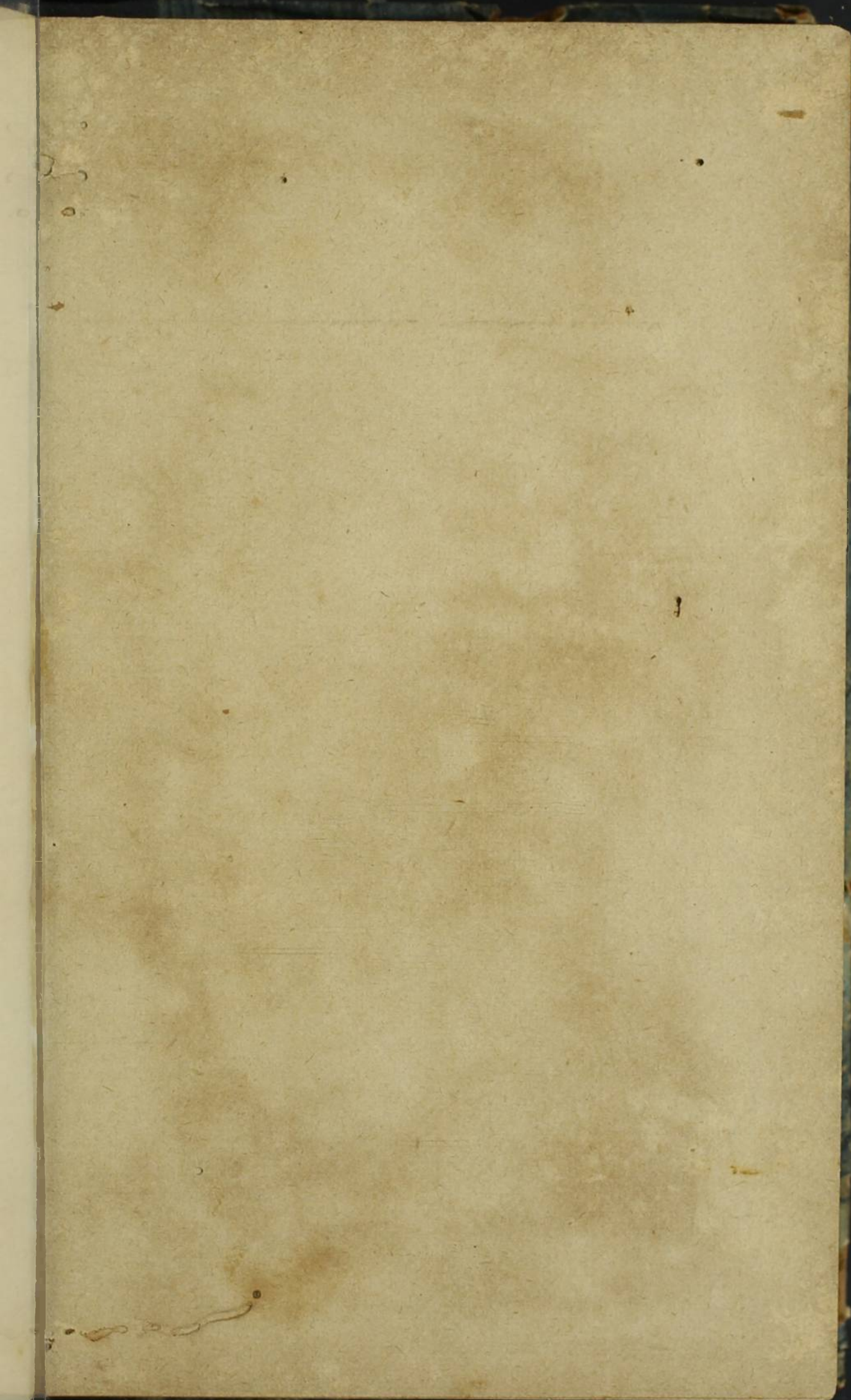
3 170 / CONTOS

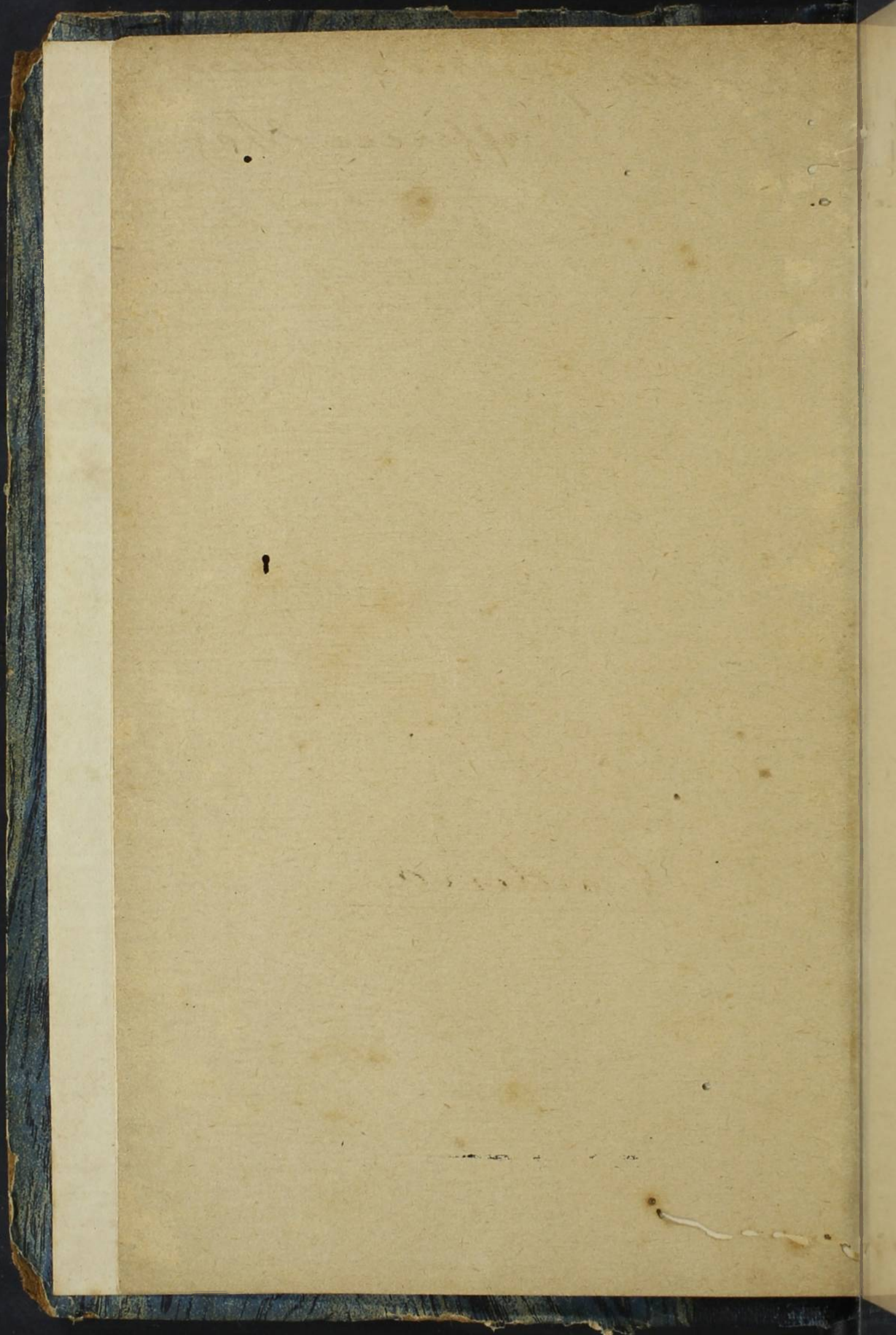
T

D









seu querido Adroaldo
offerece Magazine

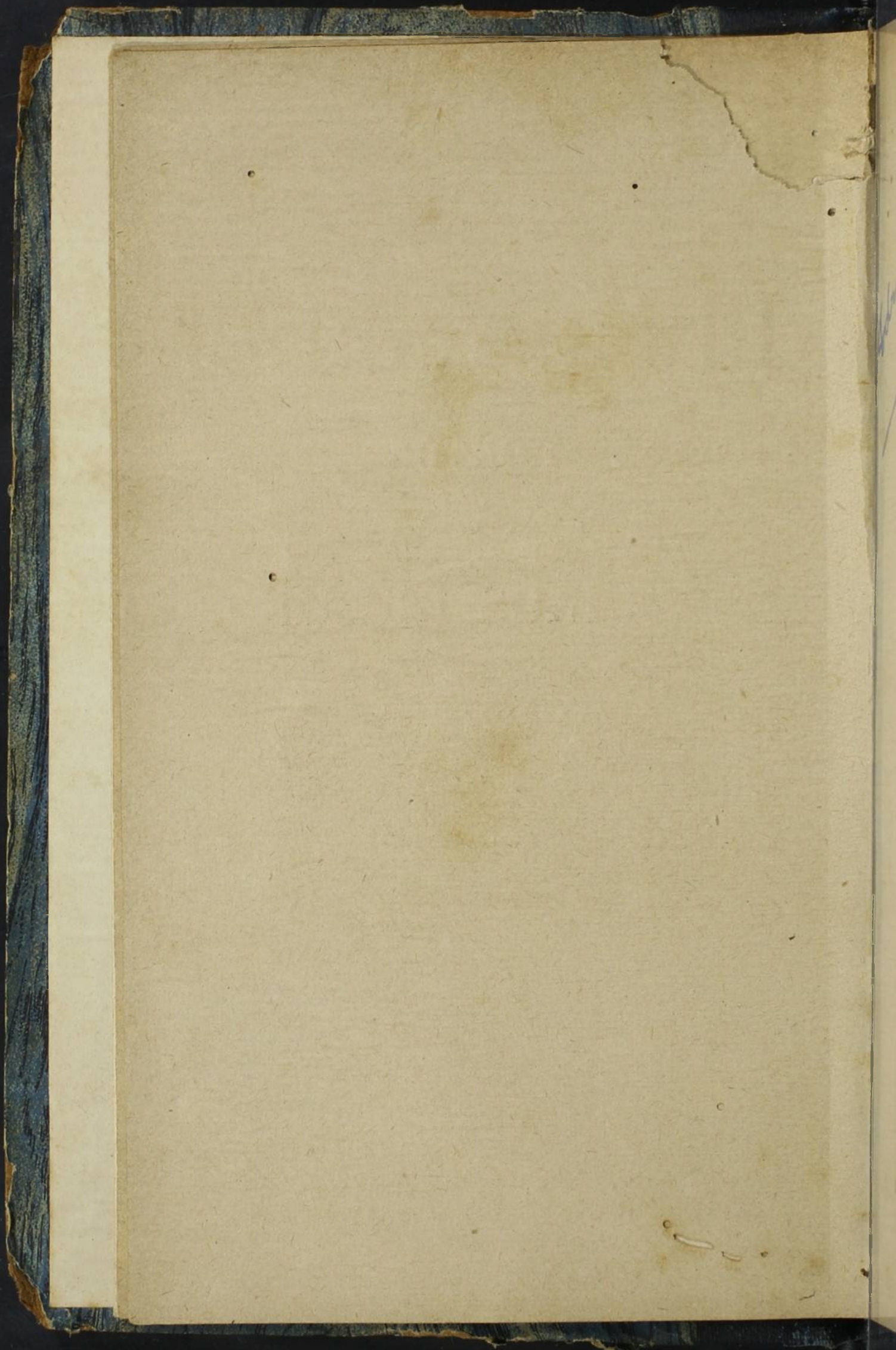
1.º julho de 1932

CONTOS

DOS

IRMÃOS GRIMM

Ordinaria



Adriano de Góes

CONTOS
DOS
IRMÃOS GRIMM

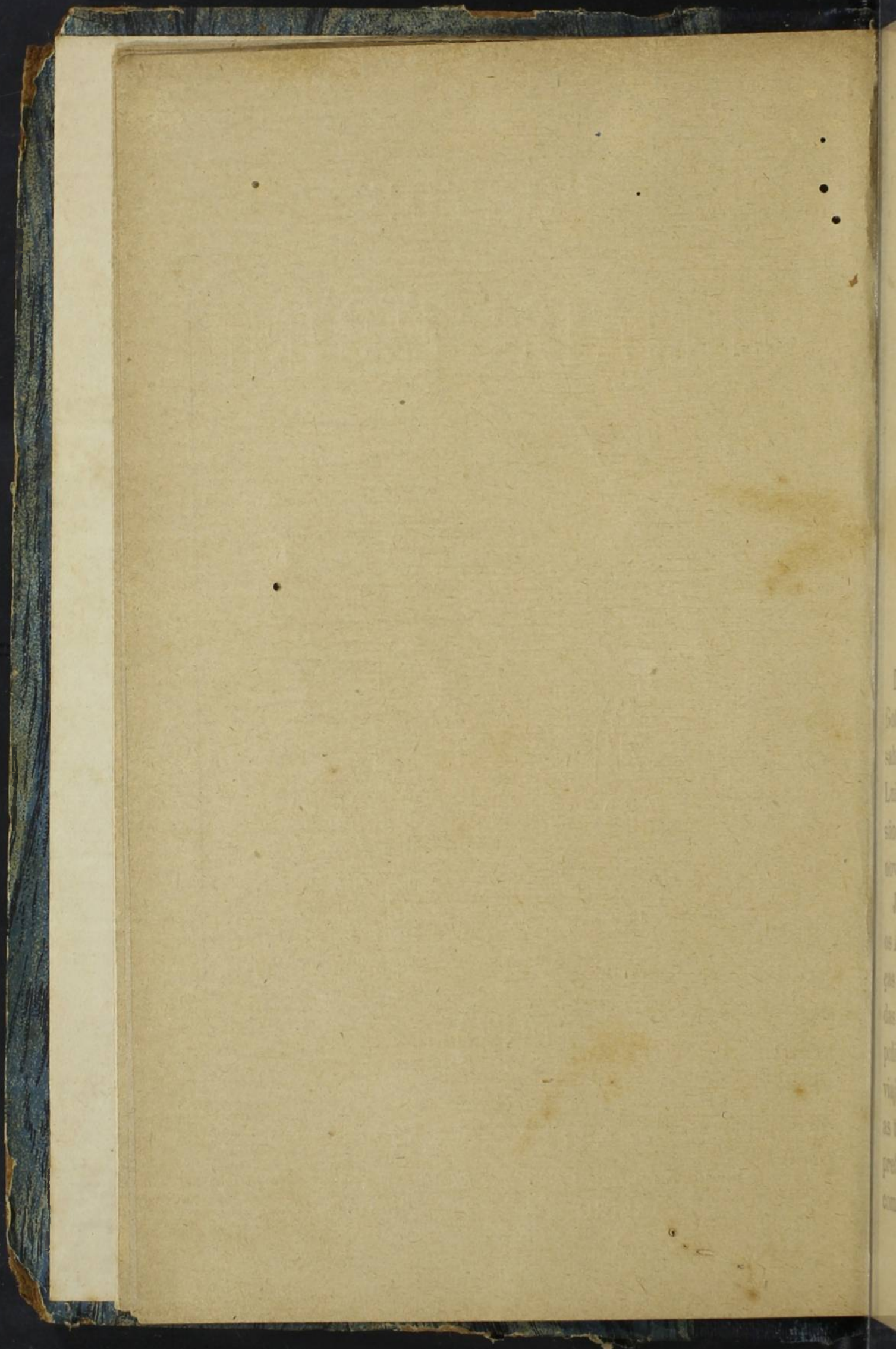
TRADUZIDOS DO ALLEMÃO POR
ERNESTO GRÉGOIRE E LUIZ MOLAND



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS



PREFACIO

Dois irmãos, professores da universidade de Gottingue, philologos eminentes, autores das mais sabias obras de linguistica, historia e archeologia Luiz Diogo Grimm e Guillerme carlos Grimm, são os autores d'estes contos de que damos uma nova selecção e traducção.

Já se contou varias vezes como se compuzeram os *Kinder und Hansmarcheu* (Contos das crianças e do Lar Domestico). Destituídos ou suspensos das suas funcções em consequencia d'um facto politico, os dois irmãos armaram-se do bordão do viajante e percorreram a Allemanha, procurando as tradições, lendas, anedotas populares, que de preferencia recolhiam da boca dos analphabetos : comadres da aldeia ; velhos camponios ; procu-

ravam-os nos serões rusticos, nas reuniões dos albergues em volta da grande chaminé, emquanto a roda das fiandeiras fazia ouvir o seu ruido monotonico; interrogavam os pastores, barqueiros, musicos e cantores ambulantes que encontravam pelas estradas. O momento era ainda favoravel: isto passava-se nos primeiros annos d'este seculo, os velhos costumes pouco tinham mudado; as antigas tradições conservavam ainda toda a sua força.

A colheita que fizeram foi consideravel; os *Kinder und Hansmärchen* appareceram primeiro n'um volume em 1812. O exito foi brilhantissimo excito foi seguido d'um segundo volume em 1814. A edição completa de 1819 tem tres volumes in-16. Póde-se juntar a esses contos dois volumes publicados em 1816-1818 sob o titulo *Deutsche Sagen* (Tradicções allemãs) que, apesar de terem um character um pouco differente, são tambem o producto d'essas curiosas pesquisas feitas pelos dois sabios viajantes.

O que para elles fôra um simples repouso aos seus trabalhos, uma distracção nos momentos difficeis, fez mais do que as grandes obras de jurisprudencia, historia e lexicologia para propagar lhes seus nomes e dar-lhes a fama. Os contos dos irmãos Grimm espalharam-se rapidamente em

todos os paizes, foram traduzidos em todas as linguas e ainda hoje se encontram em todas as colleções destinadas á mocidade. Os Contos dos irmãos Grimm têm para a mocidade um attractivo particular: têm a singelleza n'um gráo muito mais elevado do que talvez nenhuma outra obra da litteratura magica. Sente-se que os autores não têm nenhuma pretensão a escriptores, e que, contando bem entendido, as narrações que ouviram, procuraram reproduzir fielmente a fórmula sob a qual esses contos se transmittiram de geração em geração. Não se deve crêr com effeito, que, nos tempos em que as lendas e ficções oraes constituíam quasi a unica sciencia do povo houvesse no modo de expressão tanto arbitrario quanto se poderia ainda hoje suppôr.

Assim os irmãos Grimm prestaram homenagem na sua introduccção, a uma certa comadre da aldeia de Niederzwehru perto de Cassel, na Saxonia, que ouviram durante um mez inteiro e que lhes forneceu os melhores contos. Quizeram até testemunhar o seu reconhecimento á essa boa mulher publicando-lhe o retrato no frontispicio da sua primeira obra. Têm comtudo o cuidado de bem fazer notar que não era para ella como tambem não para muitos outros d'improvisação coisa. Contava sem duvida com grande animação o que provava

O prazer que sentia, mas pausadamente, sempre nos mesmos termos e mostrando uma certa exactidão. Se mudava alguma palavra no decorrer da narração, corrigia-a, recomeçava a verdadeira lição, a lição tradicional. Não teria permitido que a imaginação de ahi se afastasse. Os irmãos Grimm ! escreviam o que ella declarava por assim dizer, podendo reproduzir os seus contos palavra por palavra, como ella propria os reproduzia segundo os velhos da aldeia.

Estes contos têm, em razão mesmo da origem verdadeiramente popular, um certo senso pratico que permite recordal-os a proposito em diversas circumstancias da vida, e que servem, sob uma apparencia pueril, de lições muito uteis e profundas. D'ahi podem não sómente encantar a infancia, como tambem agradar á idade madura e á velhice.

Depois, o exemplo dos irmãos Grimm foi seguido um pouco em todas as nações e por toda a parte ; recolheram-se contos populares das tribus selvagens da Africa e da America. Publicaram-se os *contes zúlús*, etc. Sabe-se o resultado que se retirou d'essas investigações, informações interessantes para a erudição. Mas feixe algum se pode comparar ao que foi primeiro colhido pelos irmãos Grimm na Allemanha. No volume que publicamos

hoje não temos em vista a erudição : o nosso fim é simplesmente de offerecer uma leitura agradável ás crianças, grandes e pequenas, e adoptaríamos de bomgrado como sub-titulo, o do velho narrador napolitano Basilo : *Trattenimento deli-peccerille*.

Julgamos esses velhos contos de muito preferíveis para a infancia á essas narrações pseudo-scientificas que para ella se compuzeram n'estes ultimos tempos, e que têm o grave inconveniente de introduzir a falsidade da ficção precisamente no dominio onde a exactidão deve existir exclusivamente. Só ellas enganam verdadeiramente a criança. As antigas magicas são, pelo contrario, exemptas de perigo, agradam á imaginação sem falsear o espirito encantando-a como sonhos agradáveis. Servem de involucre ás verdades importantes que assim gravam na memoria ; produzem uma impressão moral salutar, porque o bem é ahi sempre recompensado e o mal castigado ; provocam nas almas jovens « o desejo de se assemelharem aos que se tornam felizes, como dizia C. Perrault e o receio das desventuras em que caíram os máos pelas suas maldades. »

Um grande parte dos contos que se não têm não foram traduzidos nas obras que já saíram. Contudo foi-nos impossivel deixar de publicar alguns

dos contos mais celebres que se citam por toda a parte, como o *Pescador e a sua mulher*, *Branca Neve*, *os Presentes do povo pequenino*, *os tres Rebentos verdes*. Mas o elemento inedito ou pouco conhecido é bastante lato n'este volume para não poder ser considerado como a repetição das publicações anteriores. Procurámos tornar a nossa traducção tão fiel quanto simples possivel, preoccupando-nos sobretudo de fallar claro o que é preciso para as jovens intelligencias ás quaes é destinada.

•

CONTOS

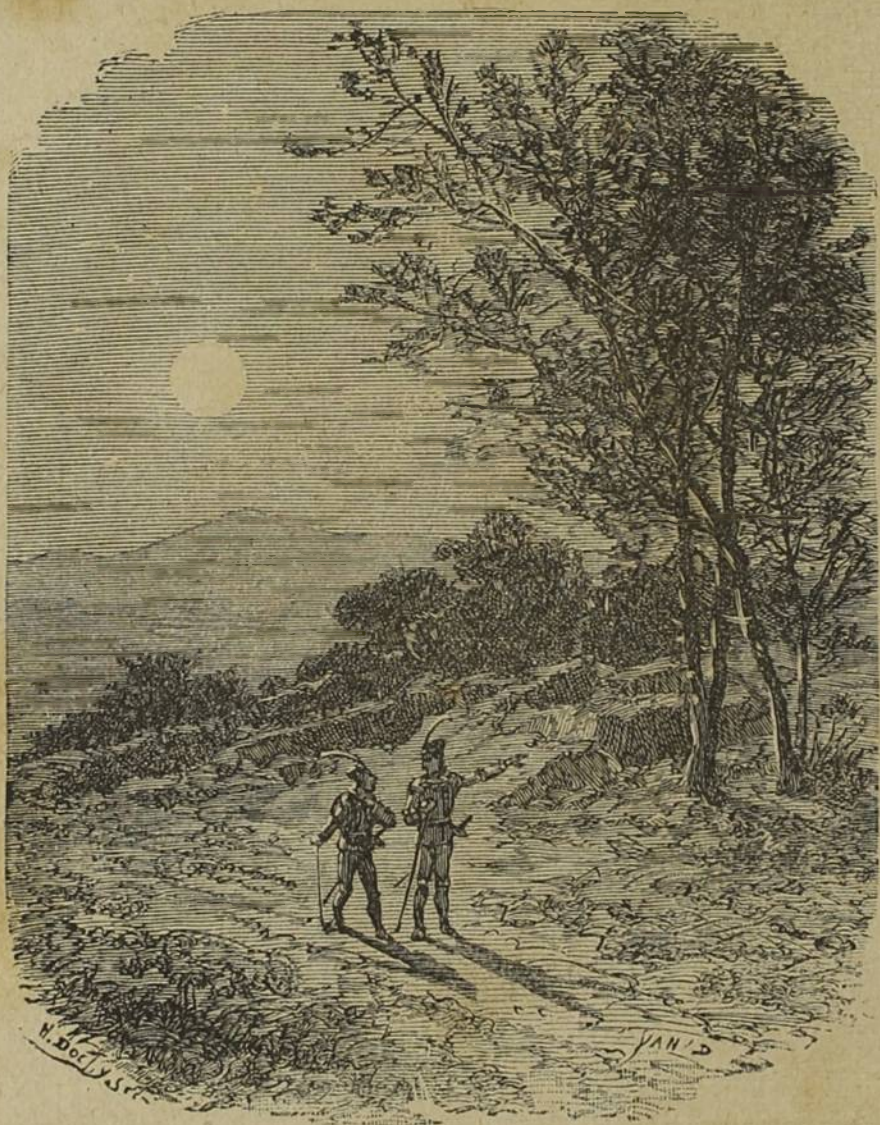
DOS

IRMÃOS GRIMM

OS PRESENTES DO POVO PEQUENINO

Dois companheiros, um alfaiate e um ourives, viajavam de companhia pela Allemanha. Um dia, tendo-se demorado mais, achavam-se ainda na estrada depois do sol posto quando ouviram ao longe os sons d'uma musica tão alegre, tão convidativa, que, esquecendo a fadiga, metteram-se por um atalho na direcção do som. A lua brilhava com grande intensidade. Ao chegarem a uma collina, os dois companheiros viram uma multidão de homens e mulheres pequenissimos, da raça dos gnomes, que, de mãos dadas, pullavam, saltavam alegremente, dansando a rodá; ao mesmo tempo canta

vam em cõro com uma voz deliciosamente melodiosa : era a musica que os dois amigos tinham ouvido.



No meio do circulo estava um velho, de estatura um pouco mais elevada do que a dos outros; tinha todo o fato bordado a ouro, prata e pedras preciosas, a barba branca e comprida chegava-lhe até á cintura. Fez um signal convidando

Os dois companheiros, que, surprehendidos, olhavam esse curioso espectáculo, a entrar no circulo; os baillarinos abriram caminho para os deixar passar.



O ourives, que era corcunda e por isso mesmo era mais atrevido, aventurou-se o primeiro e foi collocar-se ao pé do velho; o alfaiate, mais timido, acabou por imital-o. Então o circulo fechou-se, e os pequenõs duendes começaram uma sarabanda cada vez mais doida. De repente, o velho tirou da

cinta uma faca e poz-se a afial-a com cuidado. Os dois companheiros já não estavam muito satisfeitos; quando tentavam fugir, o velho agarrou-os pelo pescoço com uma força extraordinaria, rapou-lhes a cabeça e a barba n'um abrir e fechar d'olhos, com uma ligeireza unica; depois largou-os, e, batendo-lhes no hombro, sorriu, querendo fazer-lhes perceber que estava satisfeito com elles, e que tindam feito bem de não se defenderem. Em seguida, mostrou-lhes com a mão um monte de carvão que estava de um lado, e deu-lhes a entender por meio de signaes, que, em recompensa da sua condescendencia, os autorisava a encher os bolsos. Foi o que fizeram, ignorando comtudo qual o proveito que d'isso poderiam tirar. Depois, o velho, disse-lhes adeus e elles saíram do circulo, tomaram pelo atalho e chegaram á estrada real. Voltaram ainda uma vez os olhos para contemplar os gentis baillarinos; n'esse momento souo meianoite na igreja d'um mosteiro vizinho. Immediatamente cessaram os cantos e toda aquella gente miuda desapareceu pela terra dentro.

Os dois viajantes acabaram por encontrar uma hospedaria; estavam tão cançados que deitaram-se vestidos sobre a palha que lhes deram para dormir. Accordaram pela manhã muito cedo com a sensação de que eram puxados pelas abas do casaco, era simplesmente o peso enorme que tinham nos bolsos. Metteram as mãos. Qual não foi a agra-

davel, surpresa quando viram que o carvão se havia transformado em ouro massiço! ao mesmo tempo notaram que os cábellos e a barba tinham crescido.

De pobres que eram, estavam agora ricos; o ourives que, devido ao seu character avarento, tinha, por instincto, apanhado mais carvão do que o bom alfaiate. possuia duas vezes mais ouro do que elle: tinha uns cincoenta kilos. Mas isto ainda não lhe bastava; lastimava não ter tambem enchido o chapéu, e propoz ao amigo voltar á noite á collina para colher um novo thesouro. Mas o alfaiate, de natureza modesta, respondeu:

« Não, eu tenho o sufficiente; volto para a minha terrinha, faço-me contramestre, e caso com a Joanna, a minha noiva; seremos muito felizes. Quanto a ti, faz com quizeres; se lá voltares cá te espero até amanhã.

Á noite, o ourives levou dois grandes saccos e poz-se á procura do atalho que conduzia á collina; descobriu-o e encontrou novamente os gnomes dansando e cantando em alta voz. Tudo passou-se como na vespera; o velho rapou-o e mostrou-lhe o monte de carvão. O ourives encheu as algibeiras e os saccos até mais não poder; depois retirou-se e, de volta á hospedaria, custou-lhe a adormecer, tal era febre que tinha ao lembrar-se das riquezas que ia possuir dentro d'algumas horas.

Quando accordou pela manhã, correu aos saccos

para apalpar as barras d'ouro que lá esperava encontrar! Mas, oh! desgraça! só retirou carvões negros. Nas algibeiras, a mesma coisa.

Quando voltou a si d'essa cruel decepção, disse para consigo : « Emfim, foi apenas um bello sonho; mas ao menos ainda me resta o ouro da vespera. »

Foi ao armario onde o tinha fechado; o bello e brilhante metal transformára-se em carvão, cheio de pó. Caiu no chão, o coração despedaçado por uma dôr aguda; levou a mão á cabeça para arrancar os cabellos : não os encontrou, estava calvo.

Chorou de raiva; mais não chegára ainda ao fim das suas penas; para compensar a corcunda que tinha nas costas, viéra-lhe outra á frente.

Então reconheceu que tudo isso era o justo castigo da sua cubiça, e chorou amargamente. O bom alfaiate, que despertára n'esse comenos, consolou-o melhor que pode e disse-lhe :

« Tudo não está perdido para ti; és pobre, mas és meu amigo e vou dar-te a metade do meu ouro; com o que me resta, ainda sou mais rico do que nunca esperei sêr. »

O bom alfaiate cumprio a sua palavra; o ourives pode estabelecer-se e chegou a ter um bem-estar honesto, mas como castigo da excessiva cubiça, teve toda a vida de aguentar com a segunda marreca e usar sempre um barrete para esconder a careca.

A GUARDADORA DE PATOS

Era uma vez uma velha, muito velhinha, toda corcovada, que vivia com o seu bando de patos num lugar deserto, no meio das montanhas, onde tinha uma linda casinha. O sitio estava cercado d'uma grande floresta onde a velha ia todas as manhãs, servindo-se d'uma muleta para poder andar. Trabalhava ahi horas e horas com uma força extraordinaria para a sua idade; cortava a herva para os patos, que muito gostavam d'isso; colhia avelãs, bolotas doces, pinhões e outros fructos e bagas selvagens; depois, quando supunha que já lhe não restava um sopro de vida pegava valentemente na sua carga, que parecia não lhe pesar muito.

De tempos a tempos encontrava caminhantes a quem dava delicadamente os bons dias e párava

para conversar com elles. Mas a maioria esquivavam-se o mais depressa possível; os paes recomendavam aos filhos de se afastarem do caminho onde estivesse a velha « É uma bruxa! » dizia-se na terra.

Uma manhã um bello rapaz, vestido como um fidalgo (porque o era), passou pela floresta. O sol brilhava, os passarinhos chilravam, uma doce brisa agitava as folhas das arvores; toda a natureza se regozijava. De repente, o rapaz avistou a velha, que, acocorada, atava com uma corda o sacco onde puzera a herva para os patos; ao lado estavam dois cestos cheios de maçãs e peras agrestes.

« Boa velha, disse elle, julgas poder levar toda essa carga? »

— Assim é preciso, respondeu-lhe ella. Os ricos podem ficar de braços cruzados, mas os camponezes, mesmo quando estão curvados como eu, não podem descançar. »

Depois como elle a fitava com compaixão accrescentou : « Quer ajudar-me. Ainda anda direito e tem as pernas solidas; este fardo não lhe deve pesar mais do que uma pluma. Não tem de ir muito longe; a minha carga está na charneca no alto da collina, a um quarto d'hora d'aqui.

Vá lá disse rindo o rapaz. Sou o filho d'um conde; mas quero provar-lhe que não são sómente os camponezes que podem carregar um fardo.

— Quer ter essa bondade? replicou a velha,

prestar-me-ha um grande serviço; porque hoje sinto-me um pouco cansada. Mas quero prevenil-o; disse-lhe que não era longe d'aqui á minha casa; mas temos sempre uma boa hora de caminho. »



O jovem conde a essas palavras, fez uma careta; mas a velha não lhe deu tempo de mudar de idéa: pôz-lhe o sacco ás costas, e pendurou-lhe os cestos cada um n'um braço.

Cambaleou com o peso. « Ora esta? disse elle; dir-se-hia que o sacco está cheio de pedras, e que esses fructos são de chumbo. »

Ia largar tudo no chão.

« Vê, disse troçando a velha, este bello rapaz que não tem força para levar ás costas o que eu, pobre mulher de crepota, levo todos os dias. São todos os mesmos, estes fidalgos, prodigos de bonitas palavras; mas quando se trata de cumpril-as esquivam-se. Porque fica ahi plantado como um páo? Vamos, levante as pernas e ávante. Porque fique sabendo, agora já não póde desembaraçar-se do fardo. »

E, com effeito, o conde sentio que o sacco e os cestos estavam como que pegados ao corpo. Pôz-se a caminho; ao principio ia a cousa ainda bem; mas quando se tratou de subir a collina, o suor banhava-lhe o rosto e teve de parar esfalfado. « Não posso mais, disse elle; vou descançar um pouco.

— Nada de contos! respondeu a velha; quando chegarmos á casa, poderá repousar á sua vontade; mas por emquanto vá para á frente! »

O conde, que achava a brincadeira um pouco forte, quiz de novo deitar ao chão o sacco e os cestos; porém por mais que se saccudisse, se virasse, nada conseguiu. A velha ria a bom rir, e vendo os seus esforços baldados, pulava de alegria.

« Vamos, socegue, meu bom senhor, disse ella; o despeito torna-o feio; está vermelho como um tomate. Leve o fardo com paciencia; eu lhe darei uma boa recompensa. »

O conde, sempre resmungando, acabou por se conformar com a sua sorte, e pôz-se a caminho: arrastava-se lentamente, e foi-lhe preciso meia hora para subir a collina. Ao chegar lá em cima avistou



emfim a casinha da velha; encheu-se de animo e acelerou um pouco o passo. Mas eis que, d'um pulo, a velha lhe salta para cima das costas; os joelhos vergaram, e ia quasi cair; a velha que parecia só ter a pelle e os ossos, pesava horrivelmente. Penando, gemendo, pôz-se de novo a caminho; quando queria parar para respirar a

velha batia-lhe com a muleta gritando : « Arre, arre burro ! »

Quando estavam perto da casinha, os patos que andavam em volta, vendo a dona, correram-lhe ao encontro, batendo as azas, estendendo o pescoço, e berrando; atraz do bando, vinha uma saloia gorda, feia como os sete peccados.

« Minha mãe, disse ella, como se demorou hoje! aconteceu-lhe alguma coisa desagradavel ?

— Não, minha filhinha, respondeu a velha; pelo contrario, tive o prazer de encontrar este bello fidalgo, que teve a amabilidade de carregar com o meu fardo, e ainda por cima commigo. O caminho não nos pareceu nada comprido ; rimos e divertimo-nos todo o tempo. »

Saltou para o chão, tirou o sacco e os cestos, e disse ao conde, que mal se tinha nas pernas : « Vamos, é um bom rapaz; sente-se n'esse banco e descance; mereceu bem a recompensa, e não deixará de a ter.

« Quanto á ti, minha filha, vae para casa; és bella, e o joven conde póde apaixonar-se por ti. »

O rapaz, apezar de extenuado como estava, e pouco disposto a rir, custou-lhe ainda assim muito a suster o riso, só com a idéa que podia ter prazer em admirar esse monstro. A velha, depois de acariciar os patos, como se fossem seus filhos, entrou para a casa com a filha. O conde estendeu-se em cima do banco, que estava por debaixo d'uma tilia

O ar estava suave e perfumado do cheiro de tomilho e de serpol; os patos tinham ido banhar-se no riacho que corria perto da casinha e lá folgavam uns com os outros. O conde, depois d'um certo tempo, sentio fecharem-se-lhe os olhos. « Vou dormir um pouco, disse elle, já não posso mais, tenho as pernas quebradas; parecem desprender-se do corpo, e que para isso bastaria apenas uma rajada de vento. »

Depois de ter dormido uma hora, chegou a velha e sacudiu-o.

« Levanta-te, são horas de partir para que possas antes da noite chegar á proxima aldeia. Não te posso dar hospitalidade; mais eis uma cousa que te indemnizará largamente da fadiga e do pequeno incommodo que te dei; isto dar-te-ha a felicidade. »

Entregou-lhe um pequeno estojo, feito d'uma só esmeralda. O conde aceitou o presente e levantou-se; ao grande espanto seu, não sentia o menor cansaço, estava lepido e bem disposto. Despediu-se da velha, mas não pediu para dizer adeus á guardadora de patos.

Metteu-se pela floresta, enganou-se de caminho e perdeu-se. Á noite, chegou á uma choupana de carvoeiro que lhe deu hospitalidade; nos tres dias seguintes errou pela floresta; acabou por de lá sair mas do lado opposto por onde entrara.

Achou-se n'um paiz onde nunca estivera. Chegou á capital, apresentou-se no palacio do rei; foi

introduzido perante Suas Magestades, o rei e a rainha, que o receberam no meio da sua cõrte, sentados nos seus thronos.

Pôz um joelho em terra e offereceu á rainha o estojo que lhe dêra a velha. A rainha abriu-o; mal viu o conteúdo desmaiou. Por ordem do rei, os archeiros precipitaram-se sobre o conde e levaram-no para a prisão; mas logo o trouxeram para o pé da rainha, que voltára a si e que pedio a todos de se retirarem para poder fallar em particular com o conde.

Quando se viram sós, ella rebentou em lagrimas e soluços.

« O que vi n'este estojo, disse ella, despertou no meu coração um cruel desgosto. Tinha tres filhas, todas tres bellas; porém a mais jovem sobretudo era uma verdadeira maravilha. Tinha a cõr da flôr da macieira, os cabellos eram brilhantes como o ouro puro. Pelo dom d'uma fada, quando chorava, eram perolas, d'um brilho mais vivo que o das perolas naturaes, que sahiam dos seus olhos.

Tinha quinze annos, quando um dia o rei teve a fantazia de a chamar perto do seu throno com as duas irmãs; quando appareceu perante a cõrte reunida, dir-se-hia a aurora; todos estendiam a cabeça para melhor a admirar.

« — Minhas ricas filhas, disse o rei, todos somos mortaes, ninguem conhece o momento da morte; é por isso que eu quero de ante-mão deter-

minar a parte do meu reino que tocará a cada uma quando eu deixar de existir. Sei que todas tres me estimam deveras. Mas diga-me cada uma como é que me amam, a fim de eu poder reconhecer qual a que tem por mim a mais terna afeição; essa terá uma parte maior do que as outras.

« — Meu pae, disse a mais velha, amo-vos, como os bolos mais doces, os mais assucarados.

« — Eu, disse a do meio, amo-vos como amo o meu fato mais bello. »

« A mais nova calava-se.

« — Então, meu rico thesouro, disse o rei, como é que tu me amas ?

« — Não sei exprimir ao certo, respondeu ella; adoro-o infinitamente; mas não sei a que deva comparar a afeição que sinto. »

« Mas o rei insistiu e por fim ella respondeu :

« — As melhores iguarias não me agradam sem sal; tambem vos amo como o sal. »

« A essas palavras, o rei, que é muito dado á colera, teve um terrivel ataque de furia.

« — Ah! exclamou elle, faltas-me assim ao respeito! Visto preferires o sal a tudo, mais dar-te-hão tanto quanto puderes levar. Quanto ao reino, será partilhado igualmente entre as tuas irmãs. »

« Depois, apezar das nossas lagrimas e supplicas, fez atar ás costas da pobre criança um sacco de sal, e mandou-a conduzir á vasta floresta que

está na fronteira do nosso reino. Durante todo o caminho, ella chorou e lamentou-se, não de se vêr privada da herança paterna mas de estar separada dos paes e das irmãs. Trouxeram-me um cesto cheio de perolas que caíram dos seus olhos.

« No dia seguinte, a furia do rei calmou-se e arrependeu se amargamente da sua ordem cruel. Fez explorar a floresta para encontrar a filha; não se descobriu vestigio algum.

« Os lobos ou os ursos devoral-a-hiam? Não me posso conformar com essa terrivel idéa; imagino que foi talvez recolhida por pessoas caridosas, e o que o seu estojo contém confirma-me n'essa suposição. Qual não foi o meu espanto, quando vi duas perolas, absolutamente iguaes ás que são as suas lagrimas! Rogo-lhe me diga como as tem em sua posse. »

O conde contou a sua aventura com a velhinha que, disse elle, podia bem ser uma bruxa. »

Não obstante, a rainha resolveu ir procurar a velha para saber d'onde provinham essas perolas que, segundo ella esperava, poderiam pôl-a sobre a pista da filha querida. O rei declarou que a acompanhava e no dia seguinte partiram para a floresta, levando o conde para lhes servir de guia.

Alguns dias depois a velhinha estava sentada na sua casinha; fiava, fazendo girar o tear. A noite começava a descer; de repente ouviu-se um grande ruido; eram os patos que se recolhiam

gritando em todos os tons. Um instante depois a guardadora do bando entrou no quarto saúdou a velha, e pegando tambem no tear, pôz-se fiar. Estiveram assim perto d'uma hora a trabalhar sem trocar uma só palavra. De repente, ouvio-se tres pancadas de encontro á janella; era um velho morcego, que gritava: « Uh, Uh! Uh! Uh! »

« É o signal, disse a velha; é tempo minha filha de ires ao teu trabalho. »

A guardadora de patos saiu sem dizer palavra, e dirigio-se atravez da charneca para uma fonte que estava á entrada da floresta; ao lado elevavam-se tres velhos carvalhos. Estava um luar lindissimo; podia-se distinguir um alfinete no chão.

A guardadora de patos sentou-se n'uma grande pedra, e retirou uma pelle que, tal uma mascara, lhe cobria toda a cara e a cabeça; abaixou-se, lavou-a n'agua da fonte, e estendeu-a depois sobre a herva.

Qual a mudança que se operou então? Em vez de um camapheu vio uma jovem de belleza resplandecente: tinha a côr da flôr da macieira, os cabellos brilhavam como ouro puro.

Sentou-se de novo e pôz-se a chorar amargamente, uma lagrima após outra rolava por terra, e, em vez de se perderem na areia, ficavam inteiras e reflectiam os raios da lua. De repente, ouviu-se como um forte ruido nos ramos d'um dos carvalhos. A rapariga sobresaltou-se e estremeceu como

um cabritinho que ouve o ladrar dos cães, cobrio logo a cara com a pelle feia que a disfigurava, e fugiu a toda a pressa; justamente uma nuvem negra viera esconder a lua; desappareceu assim na obscuridade.

Quando chegou á casa, tremula como uma solha, quiz contar á velhinha o medo que tivera de ser sorprendida por algum desconhecido. Mas a velha, sorrindo, lhe disse que já sabia o que se passára; depois agarrando n'uma vassoura, poz-se a varer o chão.

« Mas minha mãe, disse a rapariga, porque limpa a casa a estas horas?

— E verdade, é perto de meia noute, respondeo a velha; mas não te recordas que faz hoje justo tres annos que viestes ter commigo a semelhante hora, e que chegou o momento de nos separarmos?

— Oh! minha rica mãesinha, exclamou tristemente a raparigalta, vae abandonar-me, a mim que não tenho nem patria, nem paes? Onde irei refugiar-me? Não lhe tenho obedecido sempre e executado conscienciosamente os trabalhos que me manda fazer? E os nossos pobres patos, o que será feito d'elles? As rapozas virão comel-os.

— Nada receies, respondeu a velha, encontrarás um outro tecto para te abrigares e serás largamente recompensada pelo zelo e dedicação que tivestes para commigo. Mas é necessario separarmos-nos; vou partir para um sitio muito afastado; ao

deixar esta casa, quero que tudo fique asseiado e limpo. Portanto vou continuar o meu trabalho. Quanto a ti, vae para o teu quarto, tira a feia mascara, e põe o teu bello fato de seda e os enfeites que trazias quando nos encontramos pela primeira vez na floresta. Depois espera que te chamem.

A rapariga, muito commovida, obedeceu sem replicar.

N'estes comenos o rei e a rainha entraram na floresta em companhia do conde. No terceiro dia, este, tendo adiantado-se mais, achou-se separado dos companheiros e não os pode encontrar. Depois de ter errado algumas horas ao acaso, chegou, de noite, á orla do bosque, á uma fonte, cercada de tres velhos carvalhos. Para estar ao abrigo dos animaes selvagens, installou-se para passar a noite no meio dos ramos d'uma d'essas arvores.

Já lá estava algum tempo quando á luz da lua vio uma pessoa, que logo reconheceu ser a guardadora de patos, apezar de não trazer a vara. Ficou encantado de encontral-a, pois suspeitou não estar já muito longe da casinha que procurava. Preparava-se a descer da arvore e interrogar a guardadora de patos, quando a viu retirar a mascara que lhe cobria o rosto. Ficou de boca aberta e como que petrificado quando via a medonha rapariga metamorphoseada n'uma beldade, tal como nunca vira igual nas mais brilhantes côrtes. Avançou a cabeça por entre a

folhagem, para admirar-a melhor; mas, n'esse momento, os ramos estalaram, e, como já contamos, a rapariga assustada fugiu a toda a pressa e, devido á escuridão que se produziu, desapareceu aos olhares do conde.

Desceu da arvore, resolvido a pôr-se immediatamente á procura da dita casinha. No fim d'alguns instantes avistou duas pessoas que caminhavam pela charneca fóra; apressou-se a ir-lhes ao encontrô. Era o rei e a rainha. Disseram-lhe que para lá se dirigiam. O conde contou-lhes a maravilhosa apparição que acabára de têr, o rei e a rainha não duvidaram que fosse a filha querida e, apressando o passo, caminharam em direcção da luz.

Quando chegaram á dita casinha, viram os patos em roda, com a cabeça debaixo das azas e dormindo profundamente; approximaram-se e atravez dos vidros viram a velha que se puzera a fiar depois de ter limpo por toda a parte a menor parcella de pó. Depois de alguns momentos a rainha, á qual tardava vêr a filha, bateu á janella. A velha levantou-se e, abrindo a porta, disse n'um tom amavel.

« Entrem bem sei quem são. »

Depois, dirigindo-se ao rei, accrescentou :

« Teria podido poupar o incommodo da grande caminhada que acaba de dar, se, ha tres annos, não tivesse, por uma injustiça tão cruel, abando-

nado na floresta a sua filha, tão boa e tão encantadora. Foi-lhe preciso durante todo este tempo guardar patos; mas conservou toda a pureza e innocencia do seu coração. Quanto á vós, em razão do desgosto que teve, considera-o sufficientemente castigado, e estão findas as suas penas. »

Saiu durante um segundo, para chamar na escada : « Desça minha filhinha ! »

Um instante depois entrou a princeza, vestida com os trajes da côrte; os cabellos brilhavam como ouro puro; os olhos pareciam dois diamantes; dir-se-hia um anjo do céo. Lançou-se nos braços da sua mãe; depois abraçou o pae, que chorava de alegria e de arrependimento. Foi então sómente que avistou o joven conde, que era a causa da felicidade que tinha em encontrar os paes; corou levemente pensando no desdem que elle lhe mostrára quando a julgava um monstro.

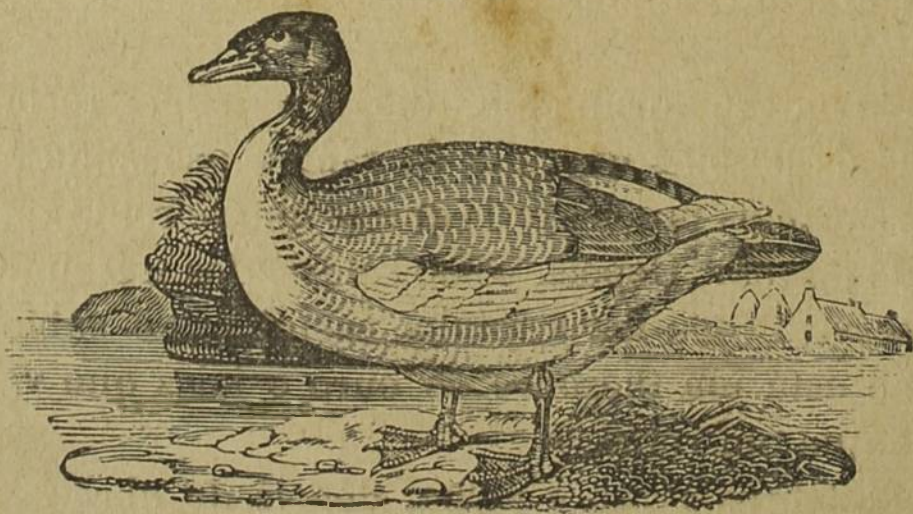
« Minha filha, disse o rei, quanto sinto ter partilhado o meu reino com as tuas duas irmãs mais velhas !

— Não se apoquente, disse a velha; recolhi todas as perolas que ella derramou pensando em vós; são mais preciosas do que as que se retiram do fundo do mar. Depois, como salario dos tres annos de serviço, dou-lhe a minha casinha; no subterraneo está um thesouro de ouro e joias que vale mais que um reino. »

A estas palavras a velha, depois de abraçar a

princeza, desapareceu subitamente; ouviu-se um ruído enorme, e n'um abrir e fechar d'olhos a casinha transformou-se n'um palacio grandioso, dos mais esplendidos.

A historia não termina ainda aqui; mas quem m'a contou foi a minha avó que tinha a memoria um pouco fraca, e já não se recordava do fim. Mas soube por outras pessoas que a bella princeza casára com o jovem conde e que viveram muitos annos felizes no palacio dado pela velhinha. Esta não era uma má bruxa, mas sim uma boa fada; era a mesma que dera á princeza o dom de chorar perolas em vez de lagrimas. Quanto aos patos, eram raparigas assim transformadas em castigo da sua pretensão e ares de tola. Como o tempo da sua submissão terminára, voltaram á fôrma natural, e segundo a sua posição umas foram damas de companhia e as outras criadas da princeza.



JOÃOSINHO E ANNITA

Era uma vez um pobre rachador de lenha que vivia n'uma choupana perto d'uma grande floresta; da primeira mulher que morrera teve duas lindas crianças, Joãosinho e Annita; da segunda mulher não teve filhos. Ao bom do homem custava-lhe muito a ganhar vida; quando houve o anno da fome vio que chegaria um momento em que falharia o pão em casa. Uma noite, atormentado com essa idéa, disse á mulher : « Como havemos de fazer para sustentar estas pobres crianças? O que será de nós?

— Escuta, responde ella, amanhã pela manhã levaremos os pequenos muito longe na floresta, n'um sitio onde ella seja muito espessa; diremos para elles nos esperaram sentados na relva até acabarmos de trabalhar. Mas não voltaremos a buscal-os, e assim vêmo-nos livres d'elles.

— Não, exclamou o pobre rachador, não faço tal coisa; nunca terei coração para os deixar no bosque á mercê dos lobos e dos ursos!

— Então, só te resta preparar e quanto antes quatro caixões; porque certamente vamos morrer de fome. E depois quem sabe? em vez de serem comidos pelos lobos, podem muito bem serem recolhidos por pessoas caridosas. »

E tanto insistio que elle acabou por consentir. Mas as crianças atormentadas pela fome estavam accordadas e ouviram tudo.

« Estamos perdidos! » disse Annita, chorando amargamente. « Não te apoquentes, respondeu o irmão; conheço um remedio para a nossa desgraça. »

Levantou-se muito devagar, vestiu-se e, abrindo a porta sem fazer barulho, saio. As pedrinhas brancas com o luar brilhavam como prata; Joãozinho encheo todas as algibeiras, depois entrou, e andando na ponta dos pés, veio para ao pé da irmã, e disse-lhe : « Não tenhas mais medo, Annita; encontrei o que era preciso.

Esta consolou-se, e adormeceram ambos.

Pela manhã, a madrasta veio accordal-os :

« Vamos, de pé; vamos todos á floresta. Tomem lá, cada um, um bom bocado de pão; mas poupem-no, porque é tudo quanto têm para comer durante todo o dia. »

Joãozinho, que tinha as algibeiras cheias de

pedras deu ás escondidas o seu bocado á irmã para que ella o guardasse. Quando se puzeram a



caminho, arranjou-se sempre de modo a ficar para traz; por fim o pae notou e disse-lhe :

« Que tens tu hoje, Joãosinho? tu que corres sempre á frente, arrastas a perna?

— É porque, respondeu Joãosinho, me parece vêr, sobre o telhado, o gatinho branco, que me diz adeus.

— Meu tolinho, disse a madrasta, o que tomas por um gato, é a chaminé onde o sol reflecte. »

Joãosinho sabia-o muito bem; mas se ficava para traz, era para espalhar as pedrinhas pela estrada fóra.

Quando chegaram a um sitio bem espesso da floresta, a madrasta disse para as crianças :

« Agora fiquem ahi e vão apanhar lenha, eu acompanho o pae que tem de cortar um carvalho aqui perto. Voltaremos á tardinha buscal-os para irmos para casa. »

Joãosinho e Annita, fizeram o que lhes tinham dito; quanto sentiram-se cançados, descansaram e comeram o pão. Não tinham medo, ouviam sem cessar as machadadas contra a arvore, e julgavam ser o ruido das do pae. Mas não, era apenas um ramo quebrado que, saccudido pelo vento vinha bater de encontro a uma arvore.

Anoiteceu e os paes não os vieram buscar. Annita pôz-se a chorar, e a lastimar-se ao menor barulho já julgava vêr chegar um lobo.

« Socega, disse-lhe Joãosinho; quando apparecer a lua, pôremo-nos a caminho. »

Quando a lua appareceu, agarrou a irmã pela mão e, depois de procurar um pouco descobriu o caminho que tinham tomado; as pedras brancas

que deitára de distancia em distancia, luziam como moedas novas.

Seguiram esse indicio, e andaram toda a noite; pela manhã chegaram a casa e bateram á porta; o pae veio abrir e quasi que chorou de alegria ao vê-los. Não tinha podido dormir, tanto tinha soffrido com a idéa que iam ser devorados pelos animaes ferozes. A madrasta fingiu estar tambem muito contente por terem encontrado o caminho; mas no fundo estava fula.

No dia seguinte um homem caritativo deu-lhes algum dinheiro para o que precisassem, mas no fim de algum tempo estava tudo gasto, e uma noite a mulher disse ao marido :

« Cá estamos de novo ameaçados de morrer de fome; só restam dois pães em casa, e nem se quer um real para comprar mais. Temos de levar os pequenos para mais longe ainda na floresta e deixal-os com Deus.

— Mas, disse o pae, não será melhor esperar para quando se acabar o pão, para que as crianças tenham tambem a sua parte?

— E então, respondeu ella, quando não tiverem mais nada que trincar, vão enfraquecer de tal modo que não poderão andar; como havemos então de leval-os até a floresta? »

O pae bem contra sua vontade, annuo á esse projecto. As crianças ouviram outra vez tudo, e Joãozinho levantou-se muito devagar como pela

primeira vez, para ir buscar pedrinhas. Mas a madrasta, que estava um tanto desconfiada, tinha fechado a porta e retirado a chave. Voltou portanto outra vez a deitar-se.

« Não faz mal, disse para a Annita; tenho uma outra idéa, e Deus virá em meu auxilio. »

De madrugada puzeram-se todos acaminho para a floresta. Joãosinho tanto fez que ficou de novo para traz; semeou as migalhas do bocado de pão dado pela madrasta pelo caminho fóra. Quando chegaram justo no meio da floresta, a madrasta fez ás duas crianças a mesma recommendação da primeira vez; depois quasi que arrastou o pae, que todo triste as beijára repetidas vezes antes de as deixar.

Apanharam um bom monte de lenha, e em seguida sentaram-se na relva. Annita dividio com o irmão o seu pedaço de pão. Era já noite e ninguem os vinha buscar. Annita estava outra vez muito assustada.

« Deixa vir a lua, disse Joãosinho e havemos de encontrar o caminho. »

Por fim rompeu a lua; porém por mais que o Joãosinho procurasse por todos os lados não encontrou as migalhas de pão; os passarinhos tinham durante o dia comido tudo. Todavia os pequenos acabaram por descobrir um atalho; o Joãosinho julgando conhecel-o, metteu-se por elle; mas não era o mesmo, e perderam-se completamente.

Depois de muito andarem, os pobres pequenos, cheios de cansaço, pararam, estenderam-se sobre a relva, e dormiram durante muito tempo. Quando acordaram, tiveram a fortuna de encontrar alguma cousa para comer; depois de saciados, encheram os bolsos com bolotas e outros fructos selvagens. Em seguida tornaram a procurar o caminho da sua casa; muitas vezes entravam pelo matto dentro d'onde a muito custo conseguiram sair.

Joãosinho sempre corajoso, animava a pequenina Annita que desanimava ás vezes e não queria andar para diante. Emfim, no terceiro dia, avistaram um espaço sem arvores; precipitaram-se até lá e acharam-se em frente d'uma casinha, cujas paredes eram feitas de brôas e as janellas de assucar candi.

Joãosinho desprendeu um pedaço e disse :

« Come manasinha, aqui tens com que te fará esquecer a canceira e os tormentos que tens sofrido. »

Annita mordia toda contente no assucar. De repente, ouvio-se uma voz dentro da casa que dizia :

« Cric, crac! quem está trincando o meu assucar?

— É o vento que quebra as vidraças! » respondeu Joãosinho, e retirou um outro bocado ainda maior que deu á irmã; regalando-se elle com um bom pedaço de brôa que arrancou da parede.

Mas n'isto abre-se a porta, e appareceo uma velha, muito velha, com a cabeça a dar a dar. As crianças, assustadas, deixaram cair, Joãosinho a



sua brôa e Annita o assucar. Mas a velha em vez de ralhar sorria e disse.

« Não é verdade que é bom o que se encontra em minha casa ; entrem, meus ricos filhos, podem aqui ficar e serão tratados como principes. »

As crianças, tranquillizadas com estas palavras não notaram os dentes agudos e compridos da velha e foram atraz d'ella. Deu-lhes bolos,

fructas, e excellentes rebuçados. Depois levou-as para um bello quarto onde havia duas caminhas pequenas muito aceiadas. As crianças encantadas, julgavam estar no paraiso; deitaram-se e logo adormeceram n'um somno profundo.

Mas a velha era uma má bruxa : mandára fazer a casinha de brôas para attrahir as crianças e poder-as comer á vontade. Ria e cantava sósinha, só com a idéa no bom manjar que a sorte lhe déra. Pela madrugada, entrou muito devagarsinho no quarto, onde as crianças continuavam repousando, em baladas por bellos sonhos; apalpou-as muito ao de leve e vio que ainda não estavam tão gordas como ella gostava.

Quando accordaram, levou o Joãosinho até ao gallinheiro, e então, empurrando-o bruscamente, fel-o entrar para uma grande capoeira, que fechou solidamente. Depois, mudando de tom, e dirigindo-se a Annita, com voz aguda e dura, disse-lhe :

« Vamos, preguiçosa, toca a trabalhar. Váe á cozinha; lá encontrarás tudo quanto é preciso para preparares um bom jantar. Quando estiver prompto, virás comigo levar uma boa porção ao teu irmão, quero engordal-o como deve ser antes de o comer. »

A pobre pequenita desatou á chorar e pedia de joelhos á velha para poupar o seu rico irmão. Mas a bruxa ameaçou-a de a matar e comel-a primeiro se não lhe obedecesse immediatamente.

Annita então accendeu o lume, preparou os legumes e ajudou á velha a cozinhar.

Era a propria bruxa que levava de comer ao Joãozinho; elle não estava abatido como podiam julgar e não perdia a cabeça. Quando a velha, no fim de algum tempo, pedia-lhe para passar o dedo por entre as grades da capoeira, apresentava-lhe um ossinho de gallinha.

« Ora essa, dizia ella, é extraordinario que, comendo tantas cousas boas, aproveite tão pouco e continue magro. »

No fim d'um mez, disse um dia á Annita :

« Não estou para esperar mais tempo; amanhã é o dia dos meus annos, e quero regalar-me com um bom assado : mato o teu irmão, quer esteja gordo ou não. Preciso tambem de pão molle; vae preparar a farinha e aquece o forno, »

Annita, com o coração apertado e cheio de dôres, dizia para comsigo : « Mais valia que tivessemos sido devorados pelos lobos ; ao menos teriamos morrido juntos. Em vez d'isso, aqui estou eu obrigada a ajudar esta horrivel bruxa a preparar o festim que ella quer fazer com o meu Joãozinho querido!

Quando acabou de accender o fogo, chegou a velha, e passado algum tempo abriu a porta do forno. » Não sei se é agora o momento de metter o pão diz ella ; entra um pouco no forno, e tu me dirás se está bastante quente. »

Acabára de ter uma idéa terrivel; dizia para comsigo que a carne da criança assada no forno seria um grande regalo.

Mas Annita adivinhou o que ella meditava pelos olhares ferozes de cubiça que a velha lhe lançava e respondeu : « Mas eu não sei como é que hei de fazer para subir para a taboa que serve para enfornar?

— Como és parva, disse a velha; vou te ensinar como se faz. »

A velha, subindo a uma cadeira, sentou-se na taboa.

« Aqui está o que tens a fazer », disse ella.

Depois preparava-se para descer. Mas Annita, reunindo toda a sua força, empurrou a taboa até ao fundo do forno, e depois de a ter empurrado até ao fundo, fechou logo a porta que era de ferro e poz-lhe os ferrolhos.

A bruxa gritou, lamentou-se, pedia a Annita que lhe abrisse a porta, promettendo-lhe, além da vida de Joãosinho, mil outras coisas umas melhores que as outras; mas a pequena nem sequer ouvia; tinha logo corrido á capoeira e soltára o Joãosinho. Abraçaram-se com muita ternura, chorando lagrimas de alegria.

N'este comenos, a bruxa morria suffocada.

As crianças visitaram todos os cantos da casa e acharam uma grande quantidade de riquezas. Encheram as algibeiras de perolas, diamantes e

outras joias; depois, levando um grande cesto cheio de comida, arriscáram-se de novo a procurar o caminho para ir até a sua casa. Conseguiram no dia seguinte sahir dā floresta; mas viram-se detidos por um grande rio; não havia ponte nem barco para o atravessar. A beira da agua nadava um lindo cysne.

« Meu rico cysne, disse-lhe Annita, quererás ter a bondade de nos levar para o outro lado? »

O cysne comprehendeu e chegou-se muito perto da margem; Annita sentou-se nas costas, e elle levôu-a até o outro lado; depois voltou a buscar o Joãosinho. Soube-se mais tarde que era um lindo principe que fôra mudado em cysne por uma má bruxa.

Um pouco mais longe, as crianças encontraram umas pessoas que lhes ensinaram o caminho da casa. Avistaram o pae sentado ao pé da sua cabana muito triste e abatido; pensava noite e dia nos filhos maldizendo a hora em que escutára os conselhos da mulher. Esta morrera; quebrára a cabeça ao descer d'uma arvore onde fôra colher fructas.

Joãosinho e Annita lançaram-se nos braços do pae, que ia morrendo de alegria; entregaram-lhe todas as riquezas que traziam da casa da bruxa, nunca mais soffreram fome. Partilharam a fortuna com os outros pobres rachadores vizinhos, e viveram muitos e longos annos cheios de felicidades e venturas.

A CASA DA FLORESTA

Era uma vez um bravo rachador de lenha que vivia com a mulher e as tres filhas n'uma cabana ao pé d'uma grande floresta. Um dia indo trabalhar, disse á mulher. « Tenho hoje de rachar uma grande arvore, e, para não perder tempo, não volto ao meiodia; manda o meu jantar pela nossa filha mais velha. Para que encontre o caminho, levo um sacco de milho que irei semeando pelo caminho que vae até á minha arvore. » Ás onze horas, a rapariga, que se chamava Eliza, foi-se com um taxo de sopa e um bocado de pão á procura do pae. No principio viu aqui e acolá alguns grãos de milho; mas mais adiante nada mais viu; os melros, pintasilgos e pardaes tinham comido tudo. A rapariga comtudo continuou a andar ao acaso, mas perdeu-se completamente, e, quando

quiz voltar para traz, cada vez mais se mettia pela floresta dentro.

Descançou então um pouco e jantou com a sopa que levava para o pae; depois poz-se de novo a caminho, atravez das boiças e o matto. O sol baixava e acabou por desaparecer; Eliza então teve medo, sobretudo quando ouviu o grito dos morcegos e o barulho das folhas agitadas pelo vento que tornára-se muito forte. Comtudo andava sempre para diante mas devagar, parando muitas vezes, muito assustada, quando um cabrito ou outro qualquer animal passava perto d'ella e fazia estalar as folhas mortas.

Emfim, quando ia desmaiar, avistou a uma certa distancia por entre as arvores uma luzinha; enchendo-se de coragem, encaminhou-se n'essa direcção e chegou ao pé d'uma casinha, onde se via ainda luz pelas janellas. Bateu á porta. « Póde entrar! » respondeu uma voz aspera e severa. Eliza abriu a porta e viu-se em frente d'um velho que estava sentado, encostado a uma mesa; a barba toda branca quasi que tocava no chão. N'um canto estava um gallo, uma gallinha e um bezerro com o pêllo todo mosqueado.

Eliza contou então a sua desgraça e pediu ao velho que lhe desse hospitalidade por uma noite.

« Meu lindo gallo, minha linda gallinha, e tu meu rico bezerrinho, o que é que dizem », perguntou elle.

Os animaes cada um na sua lingua responderam alguma coisa que queria dizer que sim, sem duvida, porque o velho disse então a Eliza :
« Pódes ficar; abre essa porta do canto; é ahi a



cozinha. Lá acharás tudo quanto é preciso para nos preparar uma boa ceia. »

Com effeito, Eliza viu nos armarios um fornecimento completo; accendeu o lume, e preparou a ceia. Depois poz a comida na mesa, e comeu em companhia do velho. Mas nem sequer pensou em

perguntar se os animaes não tinham tambem fome. Quando sentiu-se bem farta, perguntou se não havia uma cama onde podesse ir descansar das fadigas do dia.

Os animaes murmuraram então qualquer coisa que significava : « Minha rica, comeste bem, bebeste melhor, mas não pensaste em nós. Por isso pouco nos importa onde passarás a noite. »

« Sóbe a escada, disse o velho; encontrarás dois quartos de cama; em cada um ha uma cama, uma para ti, outra para mim. Vae arranjar os colchões, pôr as almofadas e os lençoes ».

Eliza subiu; mas só preparou uma cama; depois deitou-se e logo adormeceu profundamente. Algum tempo depois, o velho veio com a luz; abanou tristemente a cabeça, depois abriu um alçapão; o sobrado cedeu; a cama onde estava Eliza desceu até ao subterraneo e tornou a subir mas sem ninguém.

Durante este tempo o rachador tinha já entrado em casa, muito zangado por a mulher não ter-lhe mandado de jantar. Quando ella contou-lhe o que tinha feito, elle disse « Eliza é um pouco estouvada e perdeu-se; mas como não ha lobos nem ursos na floresta e como lá póde encontrar bolotas e castanhas para comer, não estou inquieto por causa d'ella; não deixa com certeza de encontrar qualquer rachador ou algum carvoeiro que a porá no bom caminho. Agora é possivel que não visse

os grãos do milho que deitei pelo caminho. Hoje levarei lentilhas, que se vêm melhor; porque será preciso que me levem outra vez o jantar e amanhã também; sem o que nunca acabarei de cortar as arvores que prometti entregar n'estes oito dias. »

O rachador partiu, e quando deram onze horas, a mulher mandou sua filha Marianinhas, ao encontro do pae com um taxo de sopa. A principio a rapariga reconheceu o bom caminho pelas lentilhas que via aqui e acolá; porém, mais longe nada viu; os passaros comeram o resto. Assim acabou também por se perder e, como Eliza, descobriu á noitinha a dita casinha, onde, como na vespera, estavam o velho e os tres animaes. Entrou, e tudo se passou como na noite precedente, não se occupou se quer dos animaes, e, quando subiu para se deitar, só preparou a sua cama. De castigo, o velho fêl-a igualmente cair no subterraneo, onde encontrou a irmã na escuridão deitada na palha e chorando a bom chorar.

O rachador, quando entrou sem a Marianinhas disse para a mulher, que estava toda apoquentada. « Nada receies, essas duas são umas cabeças no ar; perderam-se no caminho, mas hão de acabar por se fartarem de vadiar pela floresta, e voltarão depressa ter comnosco. A mais novita, porém, a nossa linda Suzana, que é sempre tão obediente e sensata, saberá melhor arranjar-se quando amanhã me trazer de jantar. »

A mãe, rebentando em soluços, respondia : Como, tu queres arriscar a perder tambem a nossa querida Suzana ?

— Quem falla em perdel-a? disse o pae. Lembra-te que ella tem muito bom senso e não é uma estouvada como as irmãs. Em todo o caso esta vez, terei o cuidado de semear, para indicar o caminho a seguir, uns grãos de bico que se reconhecem melhor que as lentilhas. »

Assim se fez; mas se os passarinhos respeitaram os grãos, grandes de mais para o seu bico, não aconteceu o mesmo com os pombos que os enguliam inteiros. Portanto Suzana perdeu igualmente a direcção do caminho a tomar. Quando se viu perdida, em vez de se preoccupar comsigo, pensou no pae que teria talvez fome, na mãe que ficaria toda triste não a vendo entrar.

Depois de errar d'um lado para outro, acabou por chegar á tal casinha do velho o qual tendo como das outras vezes consultado os tres animaes, consentiu que ahi passasse a noite. Suzana chegou-se para os animaes, fez uma festa ao lindo gallo e á gallinha e coçou a cabeça do bezerro. Depois, quando acabou de preparar a ceia a pedido do velho, foi, antes de se pôr á mesa, buscar milho para o gallo e a gallinha, e bom feno para o bezerro, trouxe em seguida um balde d'agua que collocou perto d'elles. O gallo e a gallinha saltaram para a borda e beberam uns golos; de-

pois veio o vitello que bebeu o resto d'uma só vez.

Foi sómente depois que Suzana começou a comer, em seguida arrumou os pratos no seu lugar. Quando pediu para se deitar, os animaes disseram em commum : « Tiveste cuidado de nós; por isso nós tambem te desejamos uma boa noite. »

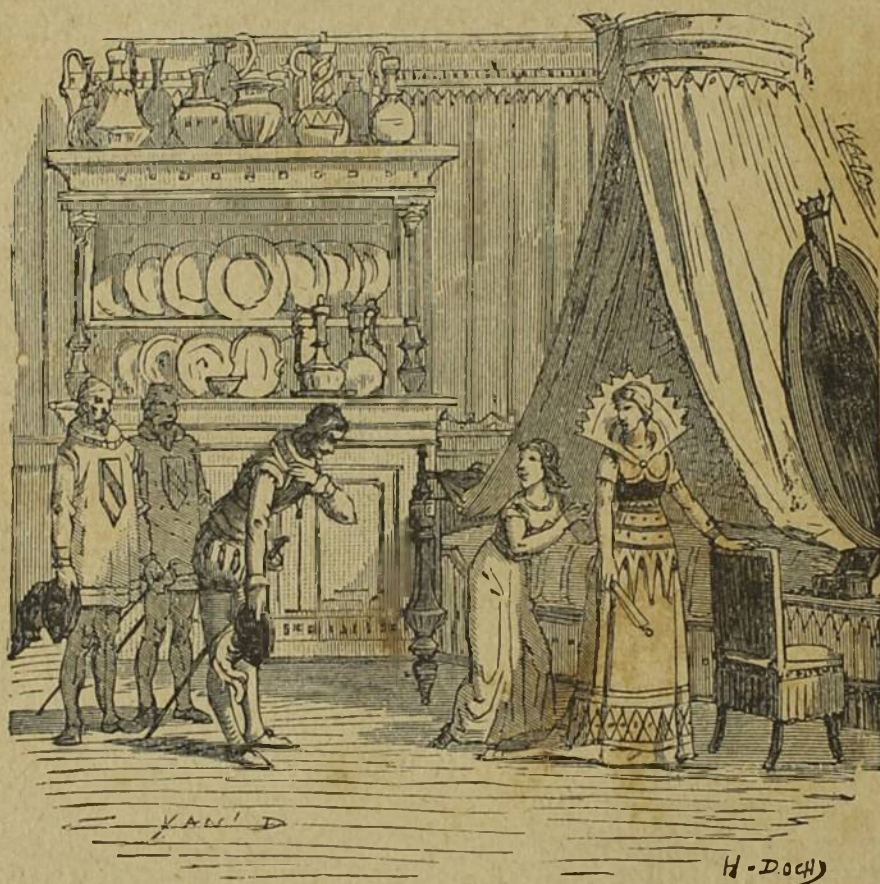
Suzana subiu e arranjou primeiro n'uma perfeição a cama onde se devia deitar o velho; depois entrou para o seu quarto, deitou-se, rezou, pedindo a Deus para que lhe fizesse, assim como ás irmãs, encontrar o caminho da casa paterna; em seguida adormeceu n'um somno profundo.

Ao soar meia noite fez-se um ruido enorme. Os moveis, as paredes estalaram, as portas abriam-se e fechavam-se com fracasso; Suzana acordada em sobresalto, tremeu um pouco; mas como tudo immediatamente socegou, julgou que fôra uma rajada de vento e tornou a adormecer tranquillamente.

Quando pela manhã, abriu os olhos, o que foi que viu?

Viu-se deitada n'uma cama de marfim incrustada de ouro; o quarto era bem seis vezes maior do que aquelle onde entrára na vespera; as paredes estavam cobertas de veludo escarlata, d'uma grande belleza; os moveis eram de estofos preciosos; ao pé da cama estava um par de sapatinhos bordados de perolas.

Suzana ficou durante um certo tempo boqui-aberta, não sabendo se sonhava ou estava acordada. De repente, abre-se a porta e entra uma aia vestida como uma senhora; fez uma bella venia e



perguntou a Suzana o que desejava para almoçar. Suzana levantou-se, e a camareira, abrindo um armario, offereceu-lhe um rico vestido de seda, e um chaile de rendas. Suzana muito admirada não encontrava palavras e deixava-se machinalmente vestir-se com esses bellos trajés.

De repente torna-se a abrir a porta e entra um

mancebo, de nobre physionomia, seguido de dois camaristas com trajés dourados. Inclinou-se em frente de Suzana e disse :

« Sou o filho d'um rei poderoso; mas uma má feiticeira, com cuja filha não quiz casar deitou-me ha cinco annos um maleficio. Fui transformado em velho, dois dos meus fieis servidores e a mulher d'um d'elles, um em vitello, o outro em gallo e a ultima em gallinha, e todos os quatro mettidos n'uma casa encantada, no meio do bosque. O encanto seria apenas quebrado quando uma menina nos encontrasse e se mostrasse boa e meiga não sómente para commigo, como tambem para os animaes. As tuas duas irmãs, que se perderam como tu, não fizeram caso algum dos animaes; estão expiando a sua crueldade n'uma prisão sombria. Tu tiveste uma grande attenção para conosco todos; por isso nos livraste da nossa má sorte. Se consentires, vamos voltar para o palacio do rei, meu pae, e lá nos casaremos. »

Antes de aceitar, Suzana pediu que corressem a socegar os paes sobre a sorte d'ella e que perdoasse ás irmãs. Foi o que se fez, e então todos se dirigiram para a casa do pae do principe, que ficou transportado de alegria, ao vêr o filho que julgava perdido para sempre. As bodas do jovem principe e da meiga e encantadora Suzana foram celebradas com uma grande magnificencia.

O GRYPHO

Era uma vez um rei muito poderoso; mas ha tanto tempo que isto se passou, que não se sabe ao certo em que parte do mundo elle reinava nem como se chamava. Tinha uma filha unica; era tão fraca e tão franzina, que não saia nunca do quarto onde estava sempre estendida n'uma poltrona. Os melhores medicos e os mais sabios não atinavam com o mal e em vão procuraram cural-a. Um dia uma fada, a quem o rei fôra consultar, predisse que a filha recuperaria a saúde e a belleza, depois de comer uma maçã. Então o rei fez annunciar por todo o reino ao som da trompa que aquelle que trouxesse á princeza a maçã que a devia curar, casaria com ella e mais tarde seria o rei da terra.

A noticia espalhou-se até uma aldeola onde vivia um bravo camponez que tinha tres filhos.

« Carlos, disse ao mais velho, tu sabes, onde está essa macieira nova no fundo do jardim, que dá maçãs tão bellas, que tão bem cheiram e que têm uma côr tão linda, encarnada e branca como as faces d'uma rapariga. Anda, vae colher um cesto cheio e leva-as ao palacico do rei. Talvez que ao comê-las, a princeza acerte na que lhe deve restituir a saúde e então casarás com ella. »

Carlos fez o que dizia o pae, e pôz-se a caminho a pé até á capital. No fim d'um certo tempo, encontrou um homem muito pequénino, muito velhinho com toda a barba branca, que perguntou-lhe : « Meu rapaz, o que levas ahi n'esse cesto? »

Carlos, que gostava de trocar com os mais, respondeu : « São patas de rãs. »

— Muito bem, assim é, diz o anão, e assim ficarão sendo. »

Carlos continuou o seu caminho, e acabou por chegar ao castello. Quando annunciou que trazia a famosa maçã que devia curar a princeza, o rei, logo prevenido, appareceu doído de alegria. Mas, quando Carlos abriu o cesto, só se viu um montão de patas de rãs, nojentas que ainda se moviam. O rei teve um grande ataque de furia e disse ao laponio de desapparecer o mais depressa possibile, se não quizesse ser desancado á pancada.

Carlos voltou todo cabisbaixo e contou ao pae o que se passára. Então o velho disse ao segundo filho que se chamava Martinho : « Colhe pela tua

vez um cesto de maçãs e vê se tens mais sorte que o teu irmão. »

Foi o que fez Martinho. De repente, ao voltar a esquina, viu-se em frente do velho anão que perguntou-lhe o que levava no cesto. Como também gostava de disfructar dos outros, respondeu : « Pello de porco. »

— Muito bem assim é, diz o anão, e assim ficará sendo. »

Quando Martinho se apresentou á porta do palacio, a sentinella não queria a principio deixal-o entrár, dizendo que era sem duvida um tarcista como o que tinha vindo com as patas de rãs. Martinho insistio e por fim levaram-no ao rei que quiz vêr as maçãs. Retirada a tampa do cesto, viu-se no fundo apenas uns pellos de porco. O rei fúlo mandou pôr Martinho na rua á chicotada.

Martinho voltou para casa todo confuso e contou o que se passára. Então Joãosinho, o mais novo dos tres que era um bom rapaz, todo franco, alegre, sem malicia alguma e que por isso o chamavam *o palerma*, pediu para levar ao palacio o resto das maçãs.

« Estás doido, disse o pae, em primeiro lugar as mais bellas foram colhidas pelos teus irmãos; e depois, como é que um parvo como tu conseguirá o que os teus irmãos tão esportos não poderam? »

Mas João, tanto pediu que por fim o velho disse :

« Valha-te Deus, faz e como te agradar, mas não te venhas queixar, se o rei te quebrar os ossos. »

Joãosinho pôz-se a saltar e a pular de alegria e dizia : Não tenha medo, pae, não me hei de esquecer de si quando fôr rei. Mandarei construir-lhe uma bella casa com dois andares, e dar-lhe-hei dinheiro a ponto de poder comer bolos todos os dias.

— Meu pobre rapaz, dizia o pae, na verdade estás cada dia mais parvo. Na realidade choro as maçãs que te permitti colher. Como era noite, João não quiz partir senão no dia seguinte e foi-se deitar. Via-se já sentado no throno e muito lhe custou adormecer. Quando conseguiu pegar no somno, sonhou, que andava vestido d'ouro e prata, e que tinha uma corôa na cabeça de tres pés d'altura; mas ao mesmo tempo pensava nos pobres que conhecia e dava ordem aos seus servidores que estavam em volta d'elle de levar-lhes ricas esmolas.

Logo ao romper do dia, foi colher as maçãs e pôz-se a caminho. Encontrou-se tambem com o velhinho do anão, que lhe fez a mesma pergunta que aos irmãos.

« São maçãs que levo no meu cesto, respondeu Joãosinho que não tinha malicia e não gostava de mentir. Darão a saúde á filha do rei.

— Muito bem, responde o anão, assim é e assim ficará sendo. »

Quando Joãosinho chegou ao palacio, a guarda não queria de modo algum deixal-o passar, tomando-o como um terceiro farcista. « Oiça, disse-lhe elle, é no seu interesse, não o deixo ir troçar com o rei, sob o pretexto de lhe offerecer o remedio que deve curar a princeza; está por tal modo irritado que o metteria n'uma prisão durante annos e annos. »

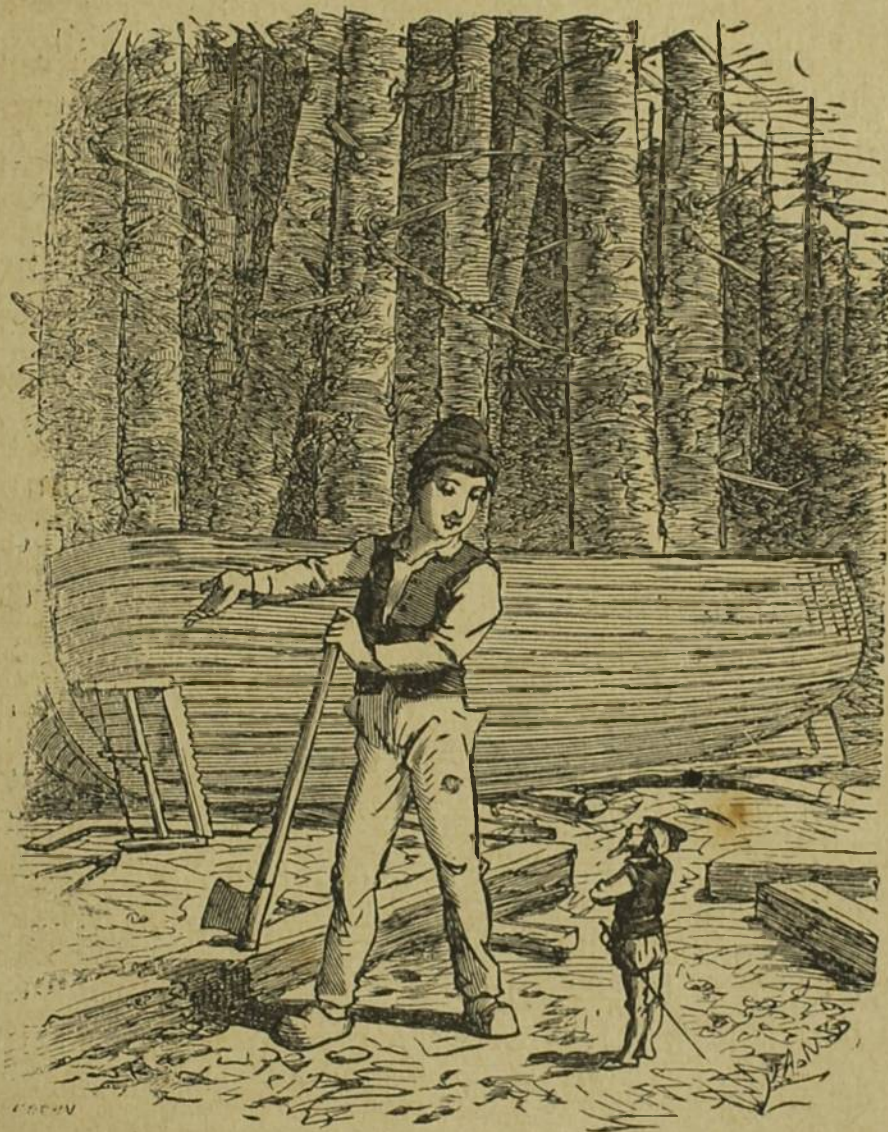
Mas Joãosinho defendia-se tão calorosamente de qualquer idéa de troça, que o guarda lá o introduziu junto do rei; Joãosinho então abriu o cesto, e viram-se umas maçãs magnificas todas doiradas e que espalhavam um perfume delicioso. O rei mandou-as logo levar á filha. Emquanto elle esperava muito ancioso pelo effeito que as maçãs poderiam produzir, abriu-se de repente a porta, e a propria princeza, cheia de saúde e muito bella, precipitou-se nos braços do pae. A alegria do rei e de toda a côrte não tem descripção possivel.

Porém, depois de alguns minutos, viu-se franzir a testa do rei; pensava que tinha promettido dar a mão da princeza áquelle que a curasse, e que ia ter como genro um simples camponez.

A princeza tambem tremeu com essa idéa, de ter de casar com esse rapaz de jaqueta, e por fim o rei disse a Joãosinho : « Não te recuso a mão da minha filha; mas, como ella gosta de andar em bote, e como eu me assustaria se ella tivesse de andar no mar, tens de lhe arranjar, antes de tra-

tarmos d'outra coisa, um barco que ande tão bem por terra como por mar. »

O pobre Joãosinho lá fica todo desapontado, pois



já não julgava realisada a sua esperança. Voltou todo triste para casa. « O que foi que eu te disse? perguntou o pae. O rei achou-te demasiado parvo para fazer de ti o seu genro. »

Mas no dia seguinte tudo se passou com o bom humor do Joãosinho e, agarrando n'um machado e outras ferramentas partiu para a floresta, rachou algumas arvores, e pôz-se depois com toda a coragem a armar um barco. N'isto apparece o anão que perguntou-lhe o que estava fazendo.

« Um botesinho, respondeu Joãosinho, que possa andar por terra como por mar.

— Pois bem, responde o homemsinho, assim o é e assim ficará sendo. »

Quando Joãosinho acabou o bote e um par de remos, metteu-se dentro, poz-se a remar e, santo Deus! a barca corria pela estrada fóra como se estivesse sobre a agua d'um lago. Veio d'esse nodo apresentar-se ao castello e mandou prevenir o rei que o barco pedido estava no pateo. Sua Magestade ficou todo espantado quando viu que realmente assim o era; mas a idéa de dar a filha á um laponio repugnava-lhe sempre, e exigiu que Joãosinho antes de casar com a princeza, guardasse durante um dia os cem coelhos brancos que ella criava. « Se faltar um só esta noite á chamada, disse o rei, perdeste o direite á mão da minha filha. »

Joãosinho lá foi para o parque com os coelhos que saltavam e fugiam d'um lado para o outro; mas elle vigiava bem e, quando algum se afastava um pouco mais, depressa o fazia entrar no rancho. Acabou por se cançar com semelhante officio,

quando de novo appareceu o anão que pergunt
lhe o que fazia alli. Joãosinho tendo-lhe contado
tudo, o velho deu-lhe um lindo apitosinho, dizen-
do-lhe : « Se algum dos animaes sahir do ran-
cho, só tens de apitar, e elle voltará immediata-
mente. »

N'isto vio uma das cozinheiras do castello,
pediu para levar um dos coelhos para o preparar
para a ceia da princeza. Mas Joãosinho não con-
sentiu, e lhe disse que se a princeza quizesse o coelho
viesse ella mesma buscal-o. A filha do rei preve-
nida, veio, e Joãosinho de boa vontade deixou-a
levar no seu avental um dos coelhos.

A princeza retirou-se a toda a pressa, muito
contente porque pensava que Joãosinho ia faltar
com o seu compromisso. Mas este sopra no apito
magico, e logo o coelho, debatendo-se com raiva,
salta do avental apezar da princeza querer segu-
ral-o, e vai metter-se no rancho.

N'este comenos anoitece, e Joãosinho fez reco-
lher os coelhos na toca. A surpresa do rei era
enorme; então pediu a Joãosinho como ultima
condição antes de o deixar casar com a filha, uma
coisa que julgava impossivel de se obter, uma
penna do rabo do grypho, celebre animal metade
aguia, metade lião, que vivia no fim do mundo.

O pobre Joãosinho ficou ao principio desani-
mado; porém, o anão que elle tornou a encontrar
encheu-o de coragem e ensinou-lhe por miudo o

caminho a tomar para encontrar a morada do animal.

Depois d'alguns dias de marcha, Joãozinho chegou pela tardinha perto d'um castello magnifico; como n'esse tempo ainda não havia estalagens, pediu ahi hospitalidade, que lhe foi concedida generosamente. O proprietario do castello sabendo que elle ia em busca do grypho, disse-lhe : « Esse animal sabe tudo quanto se passa no mundo; portanto pergunta-lhe onde se poderá encontrar a unica chave que abre um subterraneo encantado que existe na grande torre do meu castello e que está cheio d'ouro e joias preciosas. O meu bisavô a perdera um dia e depois nunca mais se pode encontrar. »

Joãozinho prometeu fazer o que lhe pediam e pôz-se a caminho. Alguns dias depois receberam no tambem uma noite n'um outro castello; quando o dono soube que elle ia á procura do grypho pediu-lhe para perguntar ao maravilhoso animal o que poderia curar o seu filho, que já havia um anno soffria e deperecia sem se poder descobrir a causa.

Joãozinho prometeu interrogar o grypho e de novo pôz-se a caminho. Dentro em pouco viu-se á beira d'um rio, largo e profundo; mas n'isto chega-se logo um remador com um barco que o levava para a outra margem; durante a travessia disse-lhe para onde ia; então o homem pediu-lhe

para perguntar ao abutre porque era que, havia annos e annos se via preso, por uma força mysteriosa, ao seu barco, sem poder descançar do seu rabalho de barqueiro.

Joãosinho prometteu fazel-o e depois de andar ainda durante quinze dias, chegou por fim á casa do grypho que não estava lá n'essa occasião. Só encontrou uma fada que tratava dos arranjos da casa e do animal e cuidava do seu ninho. Perguntou ao Joãosinho o que é que o trazia a essas paragens solitarias; contou-lhe tudo por miudo até mesmo as perguntas que o encarregaram de fazer.

« Tu não sabes então, disse ella, que o grypho detesta os homens, e que devora todos quantos encontra? Mas, como és um bom rapaz, vou te servir em alguma coisa : n'este canto, ha um esconderijo na parede; poderás occultar-te e á noite, quando o grypho estiver a dormir, virás muito devagarsinho arrancar-lhe uma penna. Emquanto ás perguntas, eu mesma ás farei e tu ouvirás as respostas. »

Joãosinho fez o que a fada lhe disse. Pela tardinha, ouviu-se um grande ruido e bater d'azas; era o grypho que voltava. Ao entrar, disse: « Cheira-me aqui a carne humana.

— Tens razão diz a fada; veio aqui um rapaz que se perdera, mas ao saber que vivias cá, fugiu logo em seguida. »

O animal contentou-se com a resposta; como

estava cansado, foi aconchegar-se no ninho e logo adormeceu profundamente; mas a um signal da fada, Joãosinho veio na ponta dos pés, retirou rapidamente uma penna do rabo do passaro e foi refugiar-se de novo no seu cantinho.

O animal accordou e disse: Cheira-me sempre á carne humana, e parece-me que alguem me tocou.

— Quem ousaria tal, respondeu a fada. Sonhaste provavelmente com esse rapaz de quem te fallei. Mas, já que estás accordado, diz-me então onde é que está escondida a chave do subterraneo cheio de riquezas, do castello que fica d'aqui a umas mil leguas?

— Está simplesmente na palha, de traz da porta da cabana da lenha, onde o bisavô do fidalgo actual a perdera uma noite.

— Dize-me ainda, se não ha um remedio que cure o filho do fidalgo que vive no bello castello, a cinco leguas d'aqui.

— Certamente que ha; perto do centesimo degráo no subterraneo, está um buraco de lagarto e dentro um anel magico; se o mancebo conseguir mettê-lo no dedo, a doença desaparecerá logo.

— Emfim, continuou a fada, desejava ainda saber porque é que o barqueiro do rio a quinze leguas d'aqui, não póde largar esse trabalho de que já está cansado.

— Um tolo, porque não mette elle o remo na mão d'uma das pessoas que atravessa o rio ; seria esse então quem ficaria condemnado a empurrar o barco, até passar a outrem o remo encantado.



Mas basta por hoje de conversa. Quero acabar o meu somno.

No dia seguinte, pela manhã, quando o grypho desapareceu, Joãosinho saiu do seu canto e, depois de agradecer muito á fada, que lhe repetiu as respostas do animal para que não as esquecesse, voltou para o seu paiz. Tendo chegado á margem do rio, entrou no barco ; o barqueiro perguntou-lhe o que dissera o grypho ; mas Joãosi-

nho não respondeu. Até se vêr no outro lado do rio; então disse ao barqueiro como é que se podia vêr livre d'essa massada. O barqueiro agradeceu-o muito e convidava-o delicadamente a entrar no barco para darem um passeiosinho pelo rio fóra. Mas Joãosinho viu o laço que lhe armava o ingrato e seguiu o seu caminho.

No primeiro castello que encontrou, achou-se no sitio indicado, um anel de prata; o filho do fidalgo, assim que o pôz no dedo, levantou-se, completamente curado.

No segundo castello, descobriu-se a celebre chave atraz da porta da cabana. O fidalgo abriu o subterraneo que, com effeito, transbordava d'ouro e joias preciosas; insistiu para que o Joãosinho enchesse as algibeiras o mais que pudesse de diamantes e esmeraldas.

Sem mais outras aventuras, Joãosinho chegou por fim ao palacio do rei e entregou-lhe a penna do rabo do grypho; não havia engano possivel, era dez vezes maior do que a penna d'um abestruz. Ora então teve de ceder e consentir no casamento do Joãosinho e da princeza, que pelo seu lado, depois d'elle lhe mostrar um monte de joias magnificas que trazia, declarou que estava prompta a dar-lhe a sua mão. O rei perguntou-lhe onde é que tinha encontrado essas maravilhas; Joãosinho que aprendera um pouco, a correndo o mundo, a ser

malicioso, respondeu que era um presente do grypho.

Então o rei pôz-se por sua vez a caminho para ir ter com o maravilhoso animal, que dava tão



ricos presentes. Mas quando chegou á margem do rio, e entrou no barco, o barqueiro, quando chegou ao outro lado do rio, metleu-lhe bruscamente o croque na mão, e saltou para terra. Então o rei, justamente castigado por ter querido tantas vezes faltar á sua promessa, foi condemnado a conduzir o barco durante annos e annos.

N'esse intervallo, Joãosinho casára com a princeza e fôra proclamado rei da terra; as gran-

dezas não lhe fizeram esquecer o pae e os irmãos. Finalmente teve dó do sogro e fel-o saívar por um grande maroto a quem persuadiu que o croque encantado estava cheio interiormente de diamantes; o malandrim foi retiral-o á força das mãos do rei que poudede d'esse modo acabar os seus dias ao pé da filha. Esta nunca se arrependeu de ter esposado Joãosinho, que se tornou um dos melhores reis d'esse seculo, tão justo quanto era bom.



OS QUATRO IRMÃOS ESPERTOS

Era uma vez um pobre homem que tinha quatro filhos; muito lhe custou a educá-los, mas enfim sempre o conseguiu. Quando já estavam crescidos, disse-lhes :

« Meus ricos filhos, não posso de modo algum continuar a sustentá-los. Precisam, pois, ir pelo mundo fóra e aprender um officio para que possam ganhar a vida. »

Depois de lhes ter ainda dado a cada um meio kilo de pão e um bom cajado, despediram-se do pae e saíram junctos da cidade. Ao chegarem á uma encruzilhada, Pedro, o mais velho, disse aos irmãos : « Separemo-nos aqui ; cada um vae do seu lado tentar fortuna. D'aqui a quatro annos no mesmo dia e á mesma hora d'hoje devemo-nos encontrar n'este mesmo sitio.

Assim fizeram. O mais velho encontrou logo no caminho um homem com as pernas muito compridas e os dedos retorcidos, que perguntou-lhe onde ia.

« Vou á procura d'um officio, respondeu elle.

— Pois bem, vem comigo, disse o outro; eu te ensinarei a roubar.

— Ai! não, retorquiu Pedro, é uma profissão pouco honrada, e quem a exerce acaba por ser condemnado á força.

— Mas não tens precisão de tirares o que é dos mais, respondeu o mestre larapio; quando eu te tiver mostrado as artes e finezas do officio, estarás apto a empalmares os objectos mais escondidos, dos quaes se perdeu já a esperança de encontral-os e que já não pertencem a ninguem. »

Pedro deixou-se persuadir e, com effeito, tornou-se logo tão habil na arte de palmar que, se não fosse honrado, teria podido commetter impunemente os mais audaciosos roubos.

João, o segundo, tinha no intervallo, tambem feito conhecimento com um homem, que lhe perguntára para onde ia. Quando lhe respondeu que buscava um officio, o homem que tinha um grande chapéu de bico, disse-lhe; « Se tens boa vista, vem comigo; serás um bom astrónomo; e conseguirás vêr tudo quanto existe na terra, nada haverá de occulto para ti. »

João aceitou, e o seu mestra ostava tão satis-

feito com elle, que, no fim de quatro annos tendo acabado a sua aprendizagem, fez-lhe presente d'um telescopio tão bom, que a cincoenta leguas á roda podia-se distinguir os melhores objectos.

O terceiro irmão, Henrique, entrou como aprendiz em casa d'um caçador. Mostrou tambem tão boas disposições, que, passados os quatro annos, o seu amo deu-lhe uma carabina, fabricada pelo primeiro espingardeiro do seculo. Como atiras tão bem como eu, disse-lhe elle, com esta arma poderás alcançar tudo quanto quizeres.

Miguel, o mais novo dos quatro irmãos, cahira com um alfaiate que offereceu-lhe ensinar a sua profissão. Ao principio não lhe sorria muito a historia; ficar um dia inteiro de pernas cruzadas não lhe convinha; e depois a profissão não lhe parecia muito nobre.

« Mas o patrão disse-lhe, eu te ensinarei a cortar, e a cozer tão depressa, que n'uma hora farás o trabalho que os outros levam uma semana a fazer. Assim fica-te ainda tempo para passeares; e com certeza levado a esse gráo de habilidade, o nosso officio é muito digno. »

Miguel deixou-se persuadir, e tornou-se com effeito um habil operario. Quando terminou a sua aprendizagem, o patrão fez-lhe presente d'uma agulha, dizendo-lhe. « Toma cuidado, não a percas! servir-te-ha para cozer seja o que fôr, quer

seja molle como a manteiga ou duro como o aço, e ninguem poderá distinguir a costura. »

N'este comenos, os quatro annos passaram e no dia marcado, os quatro irmãos encontraram-se no sitio combinado. Abraçaram-se com alegria e voltaram para a casa do pae. Depois de cada um ter contado o que lhe acontecera o pae disse-lhes :

« Muito bem, vou experimental-os a vêr se as historias maravilhosas que me contam são verdadeiras. »

Levou-os até ao pé da porta, e, mostrando uma grande arvore que estava em frente da casa, disse ao segundo filho : « Lá em cima, nos ultimos ramos, está um ninho de pintasilgos. Tu que vês tão bem ao longe, poderás dizer-me quantos ovos ha no ninho? »

João pegou na luneta, dirigiu-a para a arvore e disse no fim d'alguns segundos.

— Ha cinco.

— Tu, diz o pae ao mais velho, vae retirar os ovos, mas de modo que a mãe, que os está chocando n'este momento, não perceba coisa alguma e não se mecha. »

Pedro trepou pela arvore acima, e sem fazer o mais pequeno ruido, sem que a mãe o visse, retirou os ovos e trouxe-os ao pae. Este então, alinhando-os n'uma mesa, e dirigindo-se ao terceiro filho, disse : « Quanto a ti, peço-te para os furar todos pelo meio, só com um tiro da tua carabina. »

O caçador fê-lo ás mil maravilhas.

— Agora a tua vez, Miguel, disse o pae, com a famosa agulha, vaes juntar as cascas e os passarinhos que estão já formados de modo que possam ainda nascer. »

O alfaiate fez como lhe ordenara, e Pedro tornou a ir pôr os ovos no ninho, tão ao de leve que a mãe nem sequer se mecheu continuou a chocar e, alguns dias depois, os passarinhos saíram da casca, como se não tivessem sido furados de lado a lado, salvo que tinham uma pequena cicatriz vermelha em volta do peito, no sitio onde o alfaiate fizera a costura.

« Na verdade, disse o pae, devo confessar que empregaram bem o tempo; cada um distingue-se no seu genero e não sei a qual hei de dar o premio da destreza. Agora tratem de tirar partido d'essa habilidade. »

Alguns tempos depois estava todo o paiz em alvoroço; a filha do rei tinha sido roubada por um dragão, e o pae desconsolado mandou annunciar que aquelle que a trouxesse, casaria com ella e mais tarde seria o herdeiro da corôa.

« Eis uma occasião para nos distinguirmos », disseram os quatro irmãos; associemo-nos para salvar a princeza.

— Vou já saber onde é que ella está escondida, disse o astrónomo; e, dirigindo a luneta em todos os sentidos, avistou a princeza a quarenta leguas

distante, sentada á beira-mar, toda banhada em lagrimas; o terrivel dragão estava perto d'ella.



Foram dar a noticia ao rei, que mandou armar um navio que se dirigiu para o sitio onde estava guardada a princeza.

Viram-na sempre sentada na praia abysmada na sua dor; o medonho animal dormia ao lado

d'ella, com a cabeça sobre os joelhos da princeza. Ora, justamente só n'uma parte da cabeça, atraz da orelha, é que o animal era vulneravel, e Henrique, o caçador, não ousava matal-o com medo de ferir tambem a filha do rei. Então o mais velho dos irmãos, saltou para terra, e pé ante pé, subtilmente, retirou a princeza sem que o dragão accordasse nem cessasse de roncar. Levou-a até ao navio e então, soltando as todas velas, dirigiram-se para o alto mar.

Mas algum tempo depois, o dragão despertou e não vendo a princeza, elevou-se nos ares, viu o navio que fugia e pôz-se rapidamente a perseguillo, vomitando furiosas chammas de fogo. No momento de alcançar o navio sobre o qual se ia precipitar, o caçador apontando tranquillamente á cabeça, matou-o d'um só tiro.

O animal formidavel caiu com um estrondo terrivel sobre o tombadilho do navio, que se despedaçou completamente.

Os quatro irmãos e a princeza foram ainda bastante felizes para encontrar uma taboa á qual se agarraram e conservaram-se dentro d'agua até que Miguel, o alfaiate, com a sua agulha acabasse de cozer solidamente todos os pedaços do navio que fluctuavam á direita e á esquerda. O vento sendo favoravel, breve desembarcaram no porto d'onde tinham largado.

Ao vêr a filha querida, o rei ficou transportado

de alegria. « Cumprirei a minha palavra, disse para os irmãos que tinham salvo a filha ; mas são quatro ; arranjem-se lá entre si e designem o que deve casar com a princeza. »

Então rebentou uma discussão medonha entre elles. « Se eu não tivesse descoberto com a luneta onde estava guardada a princeza, exclamava o astrónomo, não teriam nunca podido arrancar-a das garras do dragão.

— De que servia saber onde ella estava ? dizia o mais velho. O principal era retirar-a de lá e pô-la sã e salva fóra do alcance do animal. Ora fui eu que o consegui ; portanto sou eu que devo esposal-a.

— Qual historia, dizia o caçador, vocês todos e mais ella teriam sido mortos pelo dragão se não fosse a minha boa carabina. Portanto a mão da princeza pertence-me.

— Que injusta pretensão ! gritava Miguel. Não estariam todos afogados miseravelmente se com a minha agulha não tivesse cozido os destroços do navio ? »

E assim continuaram a discutir durante muito tempo, nenhum querendo ceder. Vendo isto, o rei cortou as difficuldades, dizendo. « Já que todos julgam ter direito igual á mão da minha filha, e que com effeito, o merito de cada qual é igual ao dos outros, a princeza não poderá casar com nenhum dos quatro. Mas cedo-lhes a metade do meu reino, e partilhal-o-hão como irmãos. »

A proposta agradou-lhes perfeitamente; assim se evitou que se zangassem e acabassem por se detestar. Cada qual installou-se nos ricos domínios que lhe couberam, e o bom pae ia alternadamente passar tres mezes com cada um dos filhos. Não tiveram de tornar a exercer os seus talentos senão como passatempo e viveram longos annos na mais completa felicidade.



O HOMEM COM A PELLE D'URSO

Era uma vez um rapaz ainda novo e muito corajoso ; chamava-se Miguel. Desde criança desejava ser soldado e quando chegou a idade, lá se alistou. Acabava justamente de rebentar a guerra ; portou-se com a maior bravura, nos combates era sempre o primeiro á frente. Porém concluiu-se a paz, o exercito foi licenciado e Miguel despedido com uma pequena somma de dinheiro.

No intervallo, os paes, que eram pobres camponezes, tinham morrido ; foi procurar os dois irmãos, pedinho-lhes para o ter em sua companhia até haver de novo uma outra guerra. Mas estes responderam-lhe :

« Temos já muita difficuldade em nos sustentar. O que faremos de ti ? Não conheces nada dos trabalhos do campo ; portanto não ha aqui lugar para ti. »

O pobre Miguel, que não tinha mais ninguém no mundo senão a espada e a espingarda, lá es



foi todo triste, e sem saber como ganhar o pão. Andando ao acaso, atravessou um matto espesso, sentou-se á sombra d'um castanheiro, e pôz-se a scismar na sua triste sorte. « Sou já muito velho

para aprender um officio; e se começo a mendigar, dirão com razão que sou forte e que é uma vergonha estender a mão. Aqui estou eu condemnado a morrer de fome. »

De repente, ouviu como que o sopro d'um vento de tempestade; voltou-se e viu plantado em frente d'elle um homem vestido com casaco verde, com ares de fidalgo, mas que tinha um pé aleijado.

« Sei o que falta, disse o homem, eu estou prompto a dar-te tanto dinheiro quanto quizeres gastar; mas primeiro quero saber se és corajoso.

— Pódes experimentar, respondeu Miguel; vi cem vezes a morte de perto sem tremer.

— Pois bem, volta-te! » disse o homem. Miguel virou-se e viu a alguns passos um urso enorme que, de guela aberta e rugindo ferozmente se dispunha a lançar-se sobre elle.

« Ah! ah! disse Miguel sem se commover, vou fazer-te passar a vontade de berrar d'esse modo. »

E, apontando tranquillamente a espingarda, disparou com tal justeza que o animal caiu fulminado.

« Muito bem, continuou o homem, vejo que não tens medo; mas é necessario que prænchas ainda uma outra condição para que eu te dê tanto dinheiro quanto desejares.

Aceito d'ante mão, respondeu Miguel, com tanto que não seja entregar a minha alma ao diabo.

— Tu verás depois; durante estes sete annos que vão seguir, não te lavarás, nem te pentearás, não debes cortar os cabellos, as unhas nem a barba, ser-te-ha igualmente prohibido rezar nem mesmo um unico Padre Nosso. Se morreres n'esse intervallo, a tua alma pertence-me; do contrario serás livre. Durante estes sete annos terás dinheiro a rodo, e o que pozeres de lado pertencer-te-ha sem reserva, logo que passem os sete annos. »

Miguel, apezar de estar já sem recursos hesitou um pouco; mas naturalmente temerario, disse para comsigo que sempre se havia de se livrar da morte, durante esses sete annos, e aceitou a proposta.

O diabo então, porque era bem elle, retirou o casaco verde e fel-o vestir. « É um fato que não se estraga, disse elle; sempre que o trouxeres encontrarás as algibeiras cheias d'ouro e prata. »

Depois, tendo retirado a pelle d'urso, accrescentou: « Aceita agora esta pelle, será o teu capote, bem como a tua cama; porque, ultima condição, durante esses sete annos nunca te deiteirás senão no chão. »

Dizendo isto, o diabo desapareceu. Miguel levou a mão ao bolso e retirou um punhado de moedas. Ao vê-las, voltou-lhe o bom humor, e, cobrindo-se com a pelle d'urso pôz-se de novo a caminho para percorrer o mundo.

Nos primeiros tempos passou uma vida alegre ; como fôra soldado, não lhe custava dormir no chão. Mas, no fim d'um anno, os cabellos formavam uma carapinha nojenta; a barba muito comprida e misturada parecia-se com um bocado de feltror, as unhas pareciam as garras do abutre ; quanto ao rosto, estava por tal fórma coberto de porcaria que, se lá semeassem trigo, nasceria com certeza. N'uma palavra produzia o effeito d'um monstro, e, por toda á parte, aonde ia coberto com a pelle d'urso, as mulheres, as crianças fugiam, gritando ao socorro. Comtudo, como dava muitas esmolas aos pobres, dizendo-lhes para nas suas orações pedirem a Deus para que elle não morresse antes dos sete annos, acabavam por se acostumar á sua fealdade ; por outro lado, como gastava muito, nas hospedarias não recusavam dar-lhe hospitalidade.

No quarto anno da sua nova existencia, chegou uma tarde muito cansado a uma hospedaria, a unica da terra. O patrão recuou assustado ao vê-lo, depois agarrou n'um páo para o pôr no meio da rua. Miguel então pediu que o deixassem ao menos descansar na cocheira ; mas o hospedeiro pretendia que os cavallos assustar-se-hiam ao vêr um tal monstro. Comtudo, quando Miguel, offereceu-lhe um punhado de moedas, consentiu em dar-lhe um quartinho nas trazeiras da casa fazendo-lhe prometter de não se mostrar para que a casa não perdesse o seu bom renome.

O bravo Miguel, que era alegre e communicativo começava a sentir cruelmente a repulsão que inspirava a todos, e quasi que se arrependia do negocio feito. Emquanto estava assim mergulhado não suas tristes reflexões, ouviu, no quarto vizinho, choros e gemidos. Levado pelo seu bom coração, foi informar-se da causa d'essa dôr. Abriu a porta, era um velho que torcia as mãos desesperado. Ao vêr Miguel, assustou-se e quiz fugir. Porém Miguel tendo-o consolado, viu que era um ser humano e não um animal selvagem que estava em frente d'elle, e contou-lhe então a causa dos seus males. Revezes de fortuna tinham-lhe feito perder todos os bens, a casinha com uma pequena horta que lhe restava, iam ser vendidos pelos credores, tinha vindo a essa terra, pedir auxilio a um parente rico; mas fôra mal recebido, e nem sequer tinha com que pagar a pequena despeza que fizera na hospedaria; tambem o hospedeiro o tinha ameaçado de mandar prender por dividas.

« Se fosse só, dizia o pobre homem, era-me indifferente tudo isso; mas tenho tres filhas; o que será d'ellas? »

Miguel, muito commovido ao ouvir esses infortunios, prometteu pôr-lhes um termo. De manhã pagou o que o homem devia na estalagem e deu-lhe uma bolsa cheia d'ouro, muito mais do que era preciso para pagar todas as dividas.

Depois d'alguns minutos sem poder fallar de alegria e muito surprehendido, o velho exclamou : « Como hei de eu provar o meu reconhecimento ao meu salvador? Se não fôr casado, quererá esposar uma das minhas filhas? são maravilhosamente bellas. O seu todo é um tanto exquisito e pouco animadôr ; mas quando as minhas filhas souberem o que fez por mim e por ellas, nenhuma hesitará em casar comsigo. »

A proposta sorriu a Miguel, e acompanhou o bom do homem até á sua casinha. Quando entraram, a mais velha das filhas, que estava no quarto, ia perdendo os sentidos ao vêr Miguel ; quando o pae a poz ao facto do que se passara ella respondeu que preferia morrer do que dar a sua mão a um tal monstro, e fugiu a toda a pressa.

A segunda mostrou-se mais valente e examinou Miguel dos pés á cabeça ; mas tambem o recusou por marido, e disse : « Que bello noivo, nem sequer tem figura humana ; prefiro casar com um macaco que andava hontem pelas ruas, com um bello uniforme e que fazia caretas tão engraçadas. »

A mais nova approximou-se então e disse :

« Meu pae, se comprometteu a sua palavra desejo que a cumpra, e estou prompta a casar com o nosso salvador. No fim de contas, não me repugna ; se é feio como tudo, em troca mostrou que tinha um coração excellente, e isto é o essencial.

Estas suaves palavras alegraram o pobre Miguel; mas ninguem o notou, por tal fórma estava coberto de pellos e de porcaria. Pegou n'um anel d'ouro e quebrou-o em dois; inscreveu o seu



nome n'uma metade e deu á sua noiva; na outra gravou o nome da rapariga, que se chamava Martha, e guardou-a para si

« Conserva muito bem esta metade d'annel, disse-lhe elle, sou obrigado a deixal-as e a percorrer o mundo ainda tres annos e meio. Se então passado um mez, não apparecer, estás livre, porque morri. Mas pede a Deus todos os dias para que me conserve a vida. »

Despediu-se e partiu. A noiva vestiu-se de preto e declarou que não se vestiria d'outra côr até que Miguel voltasse; quando pensava no que elle soffria com a repulsão que inspirava, vinham-lhe as lagrimas aos olhos. As irmãs perseguiam-na constantemente com ditos. « É um verdadeiro urso, dizia a mais velha; sabes, os animaes são gulosos; quando tiveres doces, cede-lhe a tua parte; senão come-te.

Ha sempre uma vantagem, dizia a mais nova, no dia das bodas, far-te-ha honra; os ursos dan-sam admiravelmente.

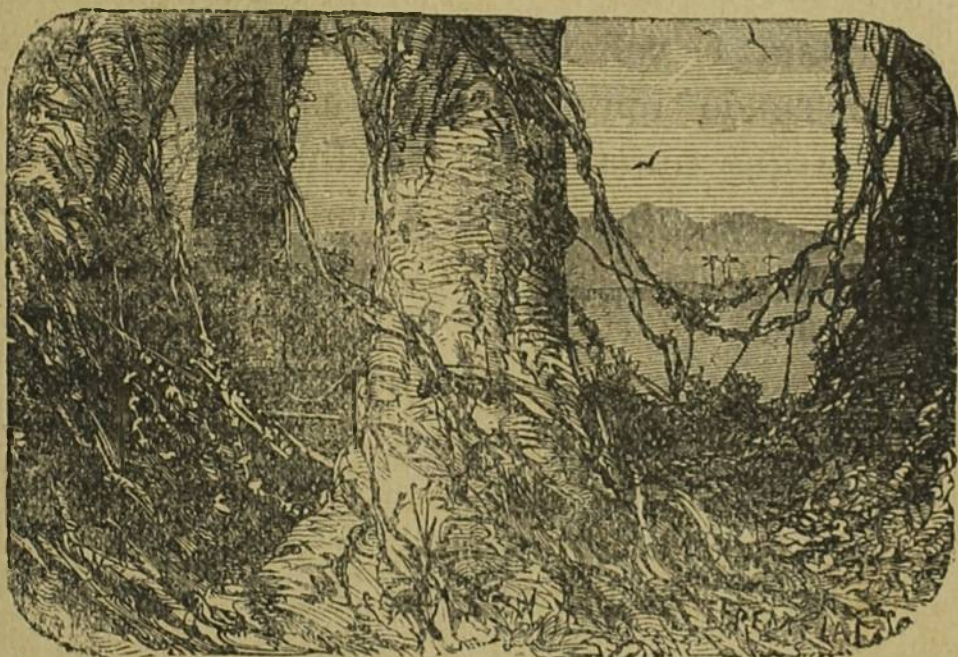
Porém ella nunca respondia a esses gracejos e pedia com fervor a Deus para que salvaguardasse o noivo. Este continuou a sua vida errante, fazendo por toda a parte todo o bem possivel; como o mundo era então melhor do que hoje, quasi todos os pobres a quem suavizava a miseria eram-lhe reconhecidos e não o esqueciam nas suas orações.

Deus em recompensa das suas boas acções, protegeu-o contra os perigos que lhe armava o diabo. Na vespera do ultimo dia que faltava para completar os sete annos, Miguel dirigiu-se para o castanheiro no matto. Já lá estava havia uns momentos, quando uma rajada de vento fez cur-var as arvores até ao chão. O diabo estava em frente d'elle; tinha ares de muito mau humor.

« Vamos, gritou elle, despacha-te e dá-me o casaco verde.

— Devagar, devagar, respondeu Miguel; primeiro põe-me tal como eu estava quando nos vimos pela primeira vez. »

Era justo, o diabo cortou os cabellos a Miguel, a barba e as unhas e limpou-lhe a cara comple-



temente. Terminada a operação, Miguel estava muito mais bonito do que antes, tinha um ar marcial, dir-se-hia um general.

Depois do diabo se ter retirado, jurando, praguejando, foi recolher todo o dinheiro que guardara, durante os sete annos, em defferentes esconderijos; e viu-se com um montão enorme.

Comprou então um lindo castello com grandes habitações. Depois, vestindo-se de velludo, como um fidalgo, partiu n'uma carruagem atrellada de quatro cavallos brancos soberbos, e dirigiu-se para a casinha onde vivia o velho sempre com as tres filhas. Entrou, dizendo que morria de sede e pediu se lhe davam de beber. Certamente ninguem o reconheceu, mandaram-no entrar para o mais bello quarto, e serviram o melhor vinho que tinham. O velho que o tomava, pelo menos por um conde apresentou-lhe as filhas. Miguel declarou que nunca vira semelhantes bellezas e que seria muito feliz em casar com uma d'ellas.

As duas mais velhas, ao ouvir tal coisa correram para os quartos para se enfeitarem com os mais bellos adornos. A mais nova, sempre vestida de preto e com um ar muito triste, não se mecheu. O estrangeiro disse então que ia beber á sua saúde e quando ella estendia o copo para tocar no d'elle, deixou-lhe cair no seu a metade do do anel que partilhára. Quando acabou de beber, viu qualquer coisa no fundo do copo e reconheceu a metade do anel. Muito commovida e o coração a bater, tirou do peito a outra metade do anel que trazia suspensa n'uma fita; aproximou as duas metades e viu que se completavam. Estava toda tremula do choque que tivera.

« Socega, disse então Miguel, sou o teu noivo.

Graças a Deus, recuperei figura humana, e voltei para te esposar, tu que não me desprestaste quando então era um objecto de horror para o mundo inteiro. »

N'este momento, entraram as duas irmãs todas enfeitadas e trajando ricos vestidos. Quando souberam que o bello e rico Miguel que tanto desdenharam ao principio, ia casar com a irmã mais nova, ficaram desesperadas. A mais velha deitou-se ao rio; a segunda enforcou-se.

A noite, ouviu-se bater na vidraça. Miguel abriu a janella e viu o diabo que trazia ainda o fato verde e que lhe disse com um sorriso medonho : « Nem por isso fiz um tão mau negocio. A tua alma escapou-me; mas em troca, apanhei outras duas.



OS GUARDAS DA SEPULTURA

Um rico camponez estava um dia sentado á porta da sua granja; d'ahi a vista estendia-se ao longe sobre a planicie, e podia avistar todos os seus campos, prados, vinhas e pomares. A recolta annunciava-se soberba, já com a do anno passado encherei os celleiros e as adegas. O trigo crescia rijo e cheio; as arvores de fructo estavam sobre-carregadas.

Depois de se ter farto de admirar as suas propriedades florescentes, o camponez foi dar um giro pelas cavallariças; havia lá vaccas magnificas, bois muito gordos, cavallos robustos e bem nutridos, com o pello luzidio. Em seguida entrou em casa e deu uma vista d'olhos na caixa forte massiça echeia de moedas e peças.

Depois, no meio da sua grande satisfação sentiu

que tremia; ouviu uma voz interior que lhe fallava d'este modo :

« Sim, é verdade, nadas na opulencia. Mas fizeste alguma coisa para ajudar os pobres, dar pão aos que tinham fome? E agora que acabas de gozar contemplando as tuas riquezas, no teu coração insaciavel não desejas amassar ainda mais.

« É verdade, respondia a consciencia, nunca soccorri os meus que caíram na miseria; fui duro e sem piedade para os pobres necessitados. Não pensei em Deus nem nos seus mandamentos que ordenam a misericordia para com o proximo. Mesmo se a terra toda me pertencesse, ainda não seria sufficiente para mim. »

A esta confissão, sentiu os joelhos vergarem, e teve de se sentar para voltar a si. N'este momento batem levemente á porta. Era um vizinho, um pobre homem que tinha uma quantidade de filhos e que estava n'uma miseria terrivel sem ser sua culpa. Não tendo n'esse dia nem um bocado de pão para os filhos, que choravam de fome, enchera-se de coragem e dissera para comsigo.

« O meu rico vizinho é muito pouco caritativo. Comtudo o meu dever é ir implorar a sua protecção para estes pobres innocentes, ainda que me faça expulsar pelos seus criados. »

Ào entrar, disse humildemente : « Perdão se venho importunal-o; mas ja não tenho cabeça; os meus filhos soffrem fome. Emprésteme quatro

medidas de farinha; trabalharei noite e dia para ganhar com que pagal-o. » O rei não respondeu logo; estava combatido por mil sentimentos contrarios. Emfim a misericordia amolleceu o gelo que endurecera o seu coração e disse :

« Quero, não emprestar-te, mas dar-te de boa vontade oito medidas da minha melhor farinha, sem contar dois grandes pães que distribuirás da minha parte aos teus filhos. Comtudo ponho uma condição.

— Se está nas minhas mãos o poder cumpril-a exclama o pobre, farei o que pedir.

— Oh! não é difficil, respondeu o rico, é apenas passar as três primeiras noites depois do meu enterro, sobre a minha sepultura.

— Juro cumprir o seu desejo, » disse o pobre, apesar de tremer um pouco com a idéa de estar no meio de defuntos, e foi ter com os filhos levando-lhes o pão e o trigo que acabava de cair do céu.

O rico tivera quasi como um presentimento da sua morte proxima; uma semana depois morria subitamente.

Foi quasi uma festa para a aldeia, tanto o envejavam como ricaço, e o detestavam como avarento. De todos, só o vizinho rezou por elle, e na noite do enterro, pensava o pobre homem : « É duro passar toda a noite sósinho no cimiterio; mas não

devo hesitar; salvou os meus filhos da fome; e no fim de contas prommetti-lhe. »

Portanto lá foi, todo a tremer, installar-se ao pé da sepultura do vizinho. Fazia um lindo luar, e nada se passou de particular; de tempos a tempos um morcego voltijava pelo cimiterio, soltando o seus *hu, hu* lamentaveis; mas o pobre habituou-se em pouco a esse grito: o mesmo se deu na noite seguinte, mas na terceira, estava muito assustado e commovido; tremia com medo, quando viu apparecer um homem coberto d'um grande capote, e com uma espada ao lado; comtudo lá socegou quando o homem ao vê-lo, deu-lhe amigavelmente as boas noites.

« Quem o traz a este cimiterio solitario? disse-lhe elle. Não sente arrepios? não tem medo das almas d'outro mundo?

— De certo que não, respondeu o outro; sou como esse pobre rapaz que percorreu o mundo para aprender a tremer; tambem eu não tenho medo de coisa alguma, porém não tive a sorte, como elle, de casar com uma filha de rei. Sou um simples soldado; vou com licença vêr os meus paes. Perdi-me e entrei n'este campo de repouso, para passar a noite e dormir á minha vontade.

Eu tambem dormia de boa vontade, disse o camponez; mas prometti vigiar esta sepultura.

— Ah! monta a guarda; mas isto é do meu officio; quer que lhe faça companhia? partilhare-

mos em commum o que succeder de bom ou máo.

— De boa vontade! » respondeu o camponez; e sentando-se os dois á beira da sepultura, contou como fôra que se fizera guarda.



Ao dar a meia noite, ouviu-se subitamente nos ares um silvo agudo, e o vento atirou para perto d'elles com um mocetão, coberto d'um manto encarnado, e com um chapéu ornado d'uma pluma vermelha. Lançava uns olhares furibundos.

« Vamos, safem-se d'ahi, seus patifes, gritava elle com voz terrivel. O morto que ahi repousa

pertence-me e venho buscal-o. Retirem-se, já lhes disse, senão torço-lhes o pescoço.

— Não seja tão fanfarrão, disse o soldado; bem vejo que é um enviado de Belzebuth; mas nós somos bons christãos e nada temos a temer. É você que vae sair já d'ahi e deixar-nos tranquillos. »

O enviado de Satanaz mudou logo de tom e quiz entrar em ajustes.

« O que é que diriam se lhes desse uma bolsa cheia d'ouro, para se irem embora, e me deixassem fazer o meu trabalho ?

— Eis uma palavra sensata, respondeu o soldado; mas o que offereces, não é bastante. Precisamos ouro que encha uma das minhas botas, e só então cederemos o lugar.

— Não tenho tanto commigo, disse o diabo; mas vou já n'este passo á proxima cidade onde vive um cambista nosso amigo; elle me emprestará o sufficiente para os satisfazer.

Depois desapareceu levado pelo vento.

« Escuta, disse o soldado ao companheiro; note que o nosso diabo não é muito esperto. Belzebuth julgando que o caso se passaria facilmente não escolheu o mais habil dos seus acolytos. Vamos pregar-lhe uma peça a este enviado do inferno, e elle nada verá.

Depois, descalçando uma bota descozeu com a navalha a solla que já não estava muito segura, e suspendeu a bota a um ramo de salgueiro que

cobria a sepultura vizinha, acabada de abrir para receber no dia seguinte um morto.

Ao cabo d'uma hora voltou o diabo, com um saquinho de moedas.

« É tudo quanto tem, disse o soldado; não julgo que isso seja bastante. »

E, com effeito, as peças d'ouro passaram atravez da bota, e caíram no fosso.

« Bem vê que ainda estamos longe da conta, » replicou o soldado.

O diabo, muito admirado, lá se foi e tornou a voltar ao cabo de duas horas, trazendo debaixo de cada braço um grande sacco de moedas d'ouro; despejou-as dentro da bota, mas nem por isso se encheu.

Jurou por todos os diabos dizendo : « Está-me parecendo que são feiticeiros; mas não, porque nada podem contra o meu amo que é tambem o seu. Esperem, vou buscar com que transbordar a bota do maior gigante. »

No fim d'outras duas horas, voltou arrastando a custo uma carga d'ouro, que quatro cavallos não poderiam puxar. Despejou tudo na bota; d'esta vez encheu-se a cova, por isso a bota tambem. Mas, n'esse momento, appareceu no horizonte o primeiro raio de sol, e o poder que o chefe dos infernos tinha sobre a alma do rico avarento deixára de existir. Um anjo veio transportal-o aos seus, emquanto que o diabo percebendo então como

tinha sido logrado fugia dando gritos terriveis e amaldiçoando todos.



« Agora partilhemos, » disse o camponez.

« Não sei que fazer de tanto ouro, respondeu o soldado. Seria obrigado a renunciar ao meu modo de vida, que me agrada. Vou apenas encher os bolsos, com o necessario para comprar uma quin-

tasinha para os meus paes. O resto da minha parte, póde dal-o aos pobres; effectivamente tocalthes isso da parte do morto, e assim em nada terão de o censurar. »

O bom do camponez, que tinha filhos, não seguiu á letra o exemplo do honrado soldado; mas entregou aos pobres uma boa parte do seu dinheiro, com medo que, tornando-se muito rico depois de longos annos de miseria, viesse por fim a ser tambem avarento.



A AGUA VITAL

Era uma vez um rei muito poderoso; o paiz prosperava e durante muito tempo viu-se no cumulo da felicidade e da gloria. Porém um dia foi ferido por uma doença cruel, e todos julgavam que não escaparia. Tinha tres filhos; estavam deveras consternados vendo que o estado do pae peorava todos os dias.

Um dia, achando-se no jardim do palacio a chorar, viram de repente em frente d'elles um velho d'aspecto veneravel que perguntou-lhes qual a causa d'esse desgosto. Disseram-lhe que estavam apoquentados, porque os medicos já não tinham esperanças em salvar o pae.

« Sei comtudo um remedio, disse elle, que poderia cural-o; é a agua vital; mas é tão difficil obtêl-a! »

Os principes, cheios de esperança, insistiram para que lhes indicasse onde se encontrava essa agua maravilhosa; mas não lhes pôde dar senão uns esclarecimentos geraes a respeito do caminho a tomar para a descobrir.

O mais velho dos principes foi então declarar ao rei que ia pôr-se a caminho em busca d'esse remedio soberano. « Sei bem que existe, disse o rei; mes ha tantos perigos a vencer antes de chegar á fonte d'agua vital, que prefiro morrer a vêr-te exposto a taes perigos, »

O principe pensava que se conseguisse salvar o pae da morte, tornar-se-hia o filho predilecto e receberia por herança o reino inteiro; tanto fez que o rei autorisou-o a tentar a empreza. Partiu, pois, montando um rapido ginete, na direcção indicada pelo velho. No fim d'alguns dias, ao atravessar um matto deserto, encontrou um anão, todo esfarapado que gritou-lhe : « Onde é que vaes com tanta pressa?

— Que tens tu com isso, bicho nojento? »

Então o anãosinho, furioso, lançou uma má sina ao principe que no fim do matto, metteu-se n'uma garganta entre duas montanhas; o caminho apertava-se por tal fórma que no fim, não podia já avançar, quiz então voltar o cavallo para vir para traz. Mas não o pôde conseguir, de modo algum, nem tão pouco apear-se; teve de ficar assim prisioneiro, soffrendo fome e sede, mas sem morrer.

No fim de quinze dias, como não se recebia noticias d'elle, o segundo principe regosijando-se lá no fundo do coração com a idéa que o mais velho morrera e que seria agora para elle a herança do



reino, pediu por sua vez licença para ir á procura da agua vital.

O rei cedeu finalmente ao seu pedido. O principe seguiu o mesmo caminho que o irmão; ao chegar ao matto, encontrou-se com o anão, que perguntou-lhe onde é que ia trotando por aquella fórma.

« Oh! pedaço de gente, considera-te feliz de te não castigar por tão atrevida pergunta. »

O anão soltou uma praga terrível e pouco depois o principe achou-se entallado entre as rochas de duas montanhas, de modo que nem elle nem o cavallo podiam fazer um unico movimento.

Estes dois orgulhosos, achavam-se por esse modo justamente castigados.

No emtanto o mais moço dos principes pediu tambem para ir buscar a agua vital; esperava que os irmãos não tivessem morrido e podia talvez ainda livral-os das armadilhas onde provavelmente tinham caído. O rei ao principio não consentiu que o seu ultimo filho fosse expôr a vida por elle, mas o jovem principe ficou tão triste de não poder arriscar a sua existencia para salvar a do pae que por fim este o autorizou.

Assim como os dois irmãos, ao chegar ao matto viu o anão adiantar-se para elle e perguntar-lhe onde ia.

Era delicado e amavel com a pobre gente; deteu o cavallo e disse : « Procuro a agua vital; teria tanto empenho em encontral-a para salvar o meu querido pae que todos os dias está mais fraco.

— Já que me respondeste delicadamente, disse o anão vou indicar-te o caminho que deves tomar : ao sair do matto não te mettas pela garganta das montanhas que estiver á tua frente; volta á esquerda e quando chegares a uma encruzilhada

toma ainda a estrada á tua esquerda. Ao cabo de dois dias encontrarás diante de ti um castello encantado e no pateo d'esse castello acha-se a fonte da agua vital. O palacio está fechado por uma porta de ferro muito espessa; mas basta tocal-a tres vezes com esta varinha que te dou para que ella se abra de par em par. Logo que entrares verás dois enormes leões prestes a lançarem-se sobre ti para te devorar; mas toma lá dois bolos para lhes dares e elles te deixarão passar. Anda depressa e procura a fonte da agua vital; traze a quantidade que te fôr precisa e sáe a tempo do castello.

O principe agradeceu muito ao anão e conformando-se com as suas indicações chegou diante do castello encantado. Á terceira pancada da varinha abriu-se a porta; os dois leões, apasiguados com os bolos que lhes deitou o principe não lhe fizeram mal e elle poudé penetrar nos vastos e esplendidos salões do palacio. Por toda a parte achavam-se immoveis e engolphados n'um somno lethargico uma multidão de fidalgos e criados. Em cima d'uma mesa o principe viu uma espada e um saquinho de trigo; teve um presentimento que esses objectos lhe seriam uteis e levou-os.

N'um ultimo salão viu uma jovem princeza deslumbrante de belleza. A princeza levantou-se e disse-lhe que tendo conseguido penetrar n'aquelle palacio destruiu o encanto que pesava sobre ella

e todos os subditos do seu reino; mas o effeito do encanto não devia comtudo cessar immediatamente.

« Dentro d'um anno dia por dia, disse ella, volta aqui e serás meu marido. »

Depois indicou-lhe onde estava a fonte da agua vital e despediu-se d'elle, recommendando-lhe muito de se aviar para poder sair do palacio antes do meio dia. O principe atravessou novamente as sallas por onde já passára; n'uma d'ellas viu uma cama magnifica; como estava cançadissimo por ter estado quinze dias a cavallo, deitou-se um bocado e em breve adormeceu. Felizmente mechendo-se fez cair no chão a espada que puzera ao seu lado; o barulho despertou-o.

Levantou-se correu á fonte e encheu a borracha com a preciosa agua. Vendo que o sol estava perto do zenith apressou-se em sair do palacio; apenas fóra deu meio-dia; a porta fechou-se com um ruido tremendo e apanhando ainda os tacões do principe arrancou-lhe as espóras.

No auge da felicidade ao lembrar-se que o seu pae em breve ia recuperar a saúde tomou o caminho da casa. No matto encontrou o anão o qual ao vêr a espada e o saquinho de trigo disse : « Fizeste bem em guardar isso! Com essa espada um homem sósinho póde vencer os exercitos mais numerosos, mais valentes; d'esse sacco póde-se

tirar tanto trigo quanto se quizer, nunca se lhe vê o fundo. »

O principe encantado por saber a maravilhosa virtude d'esses objectos estava comtudo apoquentado com a idéa da desgraça que sem duvida alguma ferira os irmãos; perguntou ao anão se não lhe podia dizer nada a respeito d'elles.

« De certo, respondeu o anão, não estão muito longe d'aqui; acham-se intallados em caminhos estreitos; amaldiçoei-os pela sua insolente altivez. »

O principe tanto supplicou o anão de lhes perdoar e de libertal-os que o homemsinho por fim consentiu.

« Mas olha que te has de arrepender da tua bondade, disse elle, não te fies n'elles, têm mau coração. «

Os rochedos tendo-se afastado para os deixar voltar para traz, algumas horas depois os dois principes vieram ter com o irmão que os estava esperando; contou-lhes todas as suas aventuras e disse-lhes que d'ahi a um anno voltaria novamente ao castello para desposar a bella princeza e reinar com ella sobre um vasto territorio.

Depois tomaram todos tres o caminho para voltar para casa. Atravessaram um paiz que estava assolado pela fome, e pela guerra; o jovem principe confiou então ao rei d'esse paiz o sacco de trigo e a espada magica. O inimigo foi vergonho-

samente derrotado e encheram-se de trigo todos os armazens. O principe tornou a receber a espada e o sacco e propôz para ganhar tempo e entregar mais depressa ao seu pae o precioso remedio de tomar a via maritima.

Foi o que fizeram. Durante a travessia os dois irmãos mais velhos devorados de ciumes disseram um para o outro que provavelmente o pae dedicaria toda a sua affeição ao irmão a quem devia a vida e a saúde e que lhe deixaria como herança todo o reino. Juraram perdê-lo. De noite quando elle dormia a somno solto, tiraram da borracha a agua vital e encheram-na com agua salgada. Quizeram-lhe tambem roubar a espada e o sacco de trigo mas quando iam apoderar-se d'elles, esses objectos desapareceram de repente.

O jovem principe quando acordou não os encontrou mais, mas não se importou muito com isso; o que elle queria sobretudo era curar o mais depressa possivel o seu pae. Quando chegaram ao palacio correu para o pae e dando-lhe a borracha pediu-lhe para beber. O rei enguliu com difficuldade alguns gólos da agua salgada e sentiu-se logo muito peor do que estava.

Então os dois irmãos mais velhos apresentaram-se e accusaram o irmão de ter querido envenenar o pae. Offereceram-lhe por sua vez a borracha para onde tinham despejado a agua vital. Apenas bebeu alguns gólos, pode logo levantar-se do

leito e achou-se cheio de vida e de saúde.

O pobre principe expulso da presença do pae entregou-se ao mais cruel pezar. Os dois irmãos mais velhos vieram ter com elle e disseram-lhe, com ares de mófa : « Grande palerma, tiveste todo o trabalho e nós o proveito; tirámos-te a agua vital emquanto dormias no navio. Podíamos tambem ter-te atirado ao mar para nos livrarmos de ti, mas tivemos dó. Não te lembres comtudo de reclamar e de dizer a verdade ao nosso pae; porque então d'essa vez não escapas. Tambem não penses em ir desposar a princeza d'aqui a um anno; ella pertencerá a um de nós dois. »

O principe, ferido no coração, suspeitado pelo pae, trahido pelos irmãos nada respondeu; tambem não procurou desenganar o pae, não porque receiasse as ameaças dos irmãos, mas porque no intimo achava-se offendido por o pae tel-o julgado capaz d'um crime tão horrivel. O rei, vendo que elle não procurava justificar-se, encontrou n'esse facto mais uma prova em favor da accusação lançada contra elle; reuniu secretamente os ministros e conselheiros e submetteu-lhes o caso. Foram todos de opinião que o principe merecera a morte. O rei ordenou a um dos criados de acompanhar o principe á caça e de o matar na floresta.

Mas o criado que vira tantas vezes o principe mostrar-se cheio de bondade e generosidade para com os pobres e os desgraçados não queria accre-

ditar que estivesse culpado e sentia-se horrorizado com a idéa de o matar. O principe que vira o seu ar triste perguntou-lhe a razão. O criado contou-lhe tudo.

« É preciso que o rei julgue que tu executaste as suas ordens, disse o principe, senão a sua cólera recairia sobre ti. Vae-me buscar um fato ordinario; vou pô-lo e dar-te os meus bellos trajés para que os mostres ao rei como prova da minha morte. Em seguida deixarei este paiz. »

Assim fizeram. Pouco tempo depois o rei viu chegar uma embaixada encarregada de entregar ao principe os mais ricos presentes para o agradecer de ter salvo um reino inteiro da fome e da invasão do inimigo.

Isto obrigou-o a reflectir e a recordar-se do character amavel e encantador do seu filho; arrepenheu-se de ter cedido tão depressa á suspeita e ouviram-no lastimar-se de ter mandado matar o principe. Então o criado disse-lhe a verdade; immediatamente o rei mandou proclamar em todo o paiz que considerava o filho innocente e que desejava ardentemente que elle voltasse para a côrte. Mas a noticia não chegou ao principe. Encontrara o seu amigo, o anão, que lhe dera ouro necessario para poder viver como um filho de rei.

N'esse comenos a princeza que elle livrára do encanto que a obrigava a estar fechada no palacio encantado mandára calcetar com chapas d'ouro

massiço, pedras preciosas, esmeraldas e saphiras
todo o meio da avenida que conduzia ao castello



« Em breve, dissera ella aos seus criados, ha de vir o filho de rei que será meu marido; hão de reconhecê-lo á esta particularidade : fará galopar o cavallo pelo meio da estrada. Talvez, venham ainda mais pretendentes á minha mão, mas esses

virão á beira da estrada. Expulsem-nos á chicotada. »

Com effeito, dia por dia, um anno depois do jovem principe ter penetrado no castello, o irmão mais velho para lá se dirigiu pensando desposar a bella princeza. Quando viu o ouro e as joias que cobriam o meio da avenida, não quiz que o cavallo espatifasse riquezas tão preciosas que elle já considerava suas, e fez passar o animal pelo lado de fóra. Mas quando chegou á porta e disse ser o futuro noivo da princeza, todos riram, insultaram-no e foi corrido a chicote.

O segundo principe vinha logo depois; tambem elle, na avidez do seu coração evitou quebrar as esmeraldas e saphiras da avenida, teve a mesma sorte que o primogenito.

Chegou por fim o jovem principe; só pensava na felicidade de tornar a vêr a bella princeza e nem mesmo viu que a estrada estava coberta de pedras preciosas rarissimas. Deixou portanto o cavallo galopar pelo meio da avenida. Quando chegou de frente do palacio a porta abriu-se de par em par. Soaram alegres fanfarras e uma multidão de brilhantes fidalgos vieram saudal-o. Dentro em pouco appareceu a princeza e as nupcias foram immediatamente celebradas no meio de esplendidas magnificencias. O principe proclamado rei do paiz soube então que o pae o fazia procurar por toda a parte. Foi ter com elle e con-

tou-lhe por miudo tudo quanto se passára. O rei mandou então em todas as direcções, archeiros para prenderem os dois principes máos; mas vendo a sua malvadez descoberta, tinham embarcado e fugido para paizes longinquos para ahi se esconderem vergonhosamente; mas veio uma tempestade, o navio despedaçou-se e elles morreram afogados miseravelmente.



A MORTE MADRINHA

Era uma vez um pobre homem que tinha dez filhos; tinha de trabalhar dia e noite para lhes dar de comer. N'isso a mulher dá-lhe ainda mais um outro filho, um rapaz gordo que mostrava ter um excellente appetite.

« Como é que o hei de criar? exclamava o pae. Ah! uma idéa! Se eu arranjasse um padrinho ou uma madrinha que tomasse conta d'elle? »

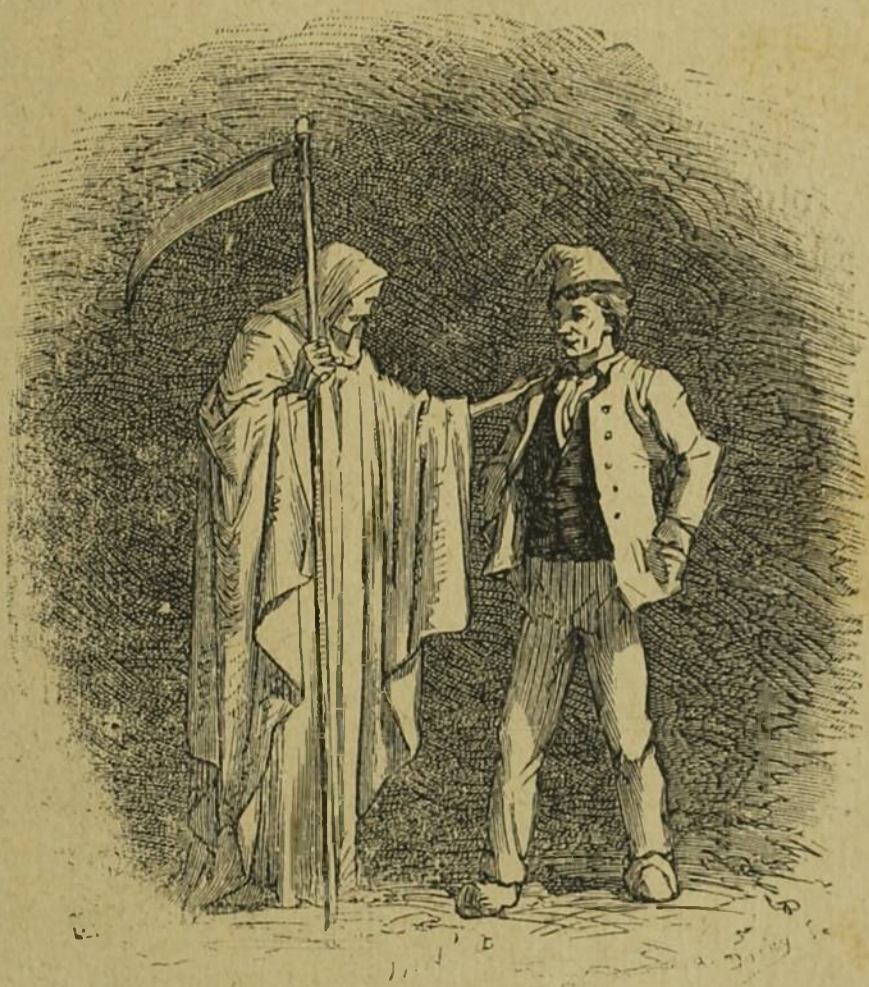
E saiu de casa com essa intenção. Encontrou primeiro Nosso Senhor.

« Não, disse elle, nada lhe peço; dá todas as riquezas a uns, e a miseria aos outros. Quem sabe se seria generoso para com o meu filho? »

Mas Deus que lia no seu pensamento, perdoou-lhe essa loucura; sabia que o bravo do homem soffria da sua pobreza e não pensava que os que

soffrem na terra sem terem culpa são recompensados no céo.

Um pouco mais adiante o nosso homem encon-



trou o diabo, que lhe disse : « Sei que procuras um padrinho para o teu filho. Queres que eu o seja? Darei ao teu filho dinheiro a rôdo e far-lhe-hei gozar todos os prazeres d'esse mundo.

— Não, respondeu o homem, sei quem tu és. Levas os homens para o caminho do mal e da

damnação eterna. » Um pouco mais longe, encontrou a Morte que lhe disse : « Olá amigo, queres-me para madrinha do teu filho?

— Justamente, exclama elle. Tu ao menos és justa, não fazes distincções para com pessoa alguma ; ricos ou pobres, trata-os do mesmo modo.

— Fazes bem em aceites, disse a Morte ; os que protejo, enriquecem e tornam-se celebres.

— Pois bem, fica o baptisado para domingo ! » respondeu o homem, e foi para casa.

No dia indicado, veio a Morte e foi madrinha da criança.

No fim de alguns annos tornou a voltar e levou o afilhado para longe no campo. Á beira d'um bosque mostrou-lhe uma planta reputada como vulgar, e disse-lhe :

« Vês essa herva ; pois bem, é o presente da tua madrinha, servir-te-has d'ella para curar todas as doenças. Portanto, faz-te medico e a tua fama espalhar-se-ha pelo mundo inteiro ; ganharás dinheiro em tal quantidade que não saberás o que fazer d'elle. Mas entendamo-nos. Se, chamado á cabeceira d'um doente, me vires aos pés da cama, é que o doente me pertence e que o levo comigo. N'esse caso, toma cautella em não lhe dares d'esse remedio ; senão, desgraçado de ti !

A criança cresceu, e fez o que a madrinha lhe dissera. Fez-se medico, e no fim d'alguns mezes, tornou-se mais celebre do que os collegas. Vinham

de todos os quatro cantos da terra doentes para elle tratar.

« É um homem maravilhoso, diziam todos. Basta-lhe vêr n'um segundo o doente, para pre-dizer, sem nunca se enganar, se elle se cura ou se chegou já a sua hora. »

D'ahi a pouco affluíam os doentes de todos os paizes vizinhos ; ganhava dinheiro em quantidade. O pae e os irmãos enriqueceram, e ainda lhe restava com que comprar palacios e viver n'um grande luxo.

Eis que um dia foi chamado para vêr o rei d'uma nação que parecia estar gravemente doente. Quando se approximou do seu leito, viu a Morte aos pés de Sua Magestade. Ficou deveras zangado ; tinha a peito curar um tão augusto doente declarado como perdido pelos outros medicos.

« Que importa, disse elle, se eu fizesse uma partida á madrinha? vae talvez zangar-se, mas acabará por me perdoar. »

E, agarrando no doente voltou-o rapidamente, pondo-lhe os pés para a cabeceira e a cabeça para baixo. Depois fel-o engulir algumas gottas do succo da famosa planta, e o rei levantou-se logo completamente curado.

A sua reputação depois d'isso eclipsou a dos mais celebres medicos de qualquer epoca. Mas a Morte foi procural-o ; em vez de sorrir como de costume, tinha um ar carregado e disse-lhe :

« Ah! mangaste comigo. Vá lá por esta vez. serei ainda indulgente porque és meu afilhado : mas não tornes a recommençar, porque o pagas ! »

Algum tempo depois foi a filha unica do rei que caiu perigosamente doente. O rei, todo afflicto mandou chamar o afamado medico, promettendo-lhe, se salvasse a princeza, dar-lh'a em casamento e a corôa como herança.

Mas quando o medico entrou no quarto da doente, tornou a vêr a Morte aos pés do leito ; encarou-o com os punhos cerrados, para lhe lembrar a sua convenção. Porém foi mais forte a tentação A lembrança de tornar-se rei fez-lhe esquecer a promessa, e fez como da outra vez : mudou a princeza de posição, deu-lhe algumas gottas do extracto da sua planta, e a princeza curou-se logo.

Foi um jubilo universal, e o rei mandou immediatamente começar os preparativos para as bodas. Mas assim que o medico, cheio de alegria, entrou em casa, appareceu a Morte ; agarrou-o pelo meio do corpo com a sua mão de gelo e levou-o para uma caverna immensa. Ahi, ardiam no chão milhões e milhões de tochas, grandes, medias e pequenas. A cada segundo apagavam-se centenares d'ellas e, no mesmo instante, saiam debaixo da terra outros centenares que logo se accendiam. O effeito da luz era muito singular ; dir-se-hia um lago de fogo agitado pelo vento.

— Estas tochas, disse a Morte, representam cada uma a vida d'um homem ; as grandes são as



das crianças, as pequenas as dos velhos ; ha tambem umas muito pequeninas para as crianças de mama.

— Onde está a minha n'esta innumeravel quantidade? disse o medico.

— Ahi, á tua frente ; respondeu a Morte, vês, é esse côtosinho que vae apagar-se.

— Oh, madrinha, disse elle afflictissimo, perdôe o meu subterfugio. Não torno a recommençar. Não me tire a vida, agora que vou desposar a princeza. Deixe-me ser rei por um anno, um mez, um dia apenas ! Se a luz deve apagar-se, acenda uma outra para a substituir.

— Não posso fazel-o, disse a Morte, para isso seria preciso que ardesse a antiga completamente.

— Então minha rica madrinha, pediu elle, ponha sobre outra tocha nova esse côtosinho que está ainda ardendo ; de modo que, quando uma se apagar, se accenda a outra.

— Bem, vou fazer o que desejas, » disse ella.

Mas era apenas um cruel subterfugio.

Quando a Morte pegou no côto para o pôr sobre uma grande tocha, fez com que elle lhe escapasse das mãos e se apagasse ao cair no chão. Immediatamente o medico caiu sem sentidos e com elle perdeu-se o segredo da herva que curava todas as doenças. A Morte depois d'isso não o divulgou mais ; estava convencida que todos abusariam.

O REI DA MONTANHA DE OURO

Era uma vez um rico armador que tinha um rapazito de dezoito mezes, chamado Fridolino que principiava a aprender a andar. O negociante armou dois enormes navios com uma carga preciosa no valor de quasi toda a sua fortuna ; podia assim obter um beneficio enorme e abandonar depois os negocios para se occupar da educação do filho. Mas eis que uma tempestade metteu no fundo os navios, e o bom do homem viu-se reduzido á pobreza. Possuia só uma simples casinha com um jardinsinho fóra da cidade.

Um dia pela manhã para lá foi sósinho, para poder lamentar-se á sua vontade sobre a triste sorte. Eis que de repente vê em frente d'elle um homemsinho, todo preto, muito feio, que lhe perguntou porque gemia tão amargamente.

— De que serve dizel-o? respondeu elle. Não me podes valer.

— Diz sempre, replicou o homemsinho. Quem sabe se não conheço o remedio á tua dôr? »



O negociante então contou-lhe como um naufragio o arruinára. « Por em quanto ainda móro na cidade, disse elle; mas d'aqui a pouco serei obrigado a retirar-me para esta casinha, que é tudo quanto resta da minha antiga riqueza.

— Não é pressa, disse o homemsinho. Pódes ter dinheiro á vontade, de modo a rehver a tua fortuna, com tanto que te compromettas por escripto a entregares-me d'aqui a dezoito annos, n'este mesmo sitio, a primeira coisa que a tua perna tocar ao entrares em casa. »

O armador achou divertida a proposta. « O que é que arrisco? pensou elle. Quem póde vir esfregar-se de encontro á minha perna, se não o cão ou o gato? Tentemos a aventura; talvez o velho seja um magico. »

E, com effeito, assignou uma folha de papel com a promessa que pedia o homemsinho, confirmou-a jurando e depois voltou para casa.

Quando entrou no quarto, o filhito que começava a andar, segurando-se ás paredes e ás cadeiras, veio muito devagarsinho por detrás e de repente a rir agarrou-lhe na perna. O pobre pae sentiu despedaçar-se-lhe o coração vendo que era obrigado a entregar o seu filho querido, e quem sabe, talvez ao demonio. Mas como n'esse dia, nem nos outros recebera dinheiro algum, socegou pensando que o velhinho era apenas um farçante e que era nullo o negocio que fizera.

Algumas semanas mais tarde, lembrando-se que tinha no sótão uma quantidade de baixella de estanho subiu para a ir buscar e vendel-a. Mas qual não foi a surpresa ao vêr todos esses objectos mudados em ouro! Vendeu-a por bom dinheiro, pode continuar com o commercio e em breve obteve uma fortuna superior á que tinha perdido.

Mas a sua felicidade não éra completa. Ao vêr quão gentil e intelligente se tornára o seu querido Fridolino, á medida que crescia, pensava com

horror na promessa que fizera; porque estava certo que o velhinho era o diabo.

À medida que os annos passavam, a tristeza augmentava e quando se julgava só chorava a bom chorar. Um dia Fridolino surprehendeu-o n'esse estado, e perguntou-lhe qual a razão d'essa tristeza; ao principio não queria dizel-o, mas o filho tanto insistiu que por fim o pae contou as causas do seu tormento.

— Não se rále, disse Fridolino, farei o possivel para continuar a portar-me bem segundo a lei de Deus para que o Espirito Mau não possa aproveitar-se da armadilha que lhe preparou e ter poder sobre mim. »

Quando chegaram os dezoito annos fixados pelo contracto, Fridolino, depois de ter sido abençoado por um santo padre, dirigiu-se com o pae para o jardim que possuiam fóra da cidade. Quando lá chegou traçou no chão um circulo, metteu-se dentro e disse uma oração. Apareceu então o homemsinho preto e voltando-se para o negociante disse: « Trouxeste a pessoa que me deves entregar? » O negociante não respondeu, mas Fridolino tomando a palavra disse: « Que queres tu?

— Não te fallo, respondeu o velhinho, é com o teu pae que estou tratando.

— Meu pae, replicou Fridolino, foi enganado por ti, fizeste-lhe prometter uma coisa, á qual não se teria compromettido, se soubesse.

— Pouco me importa, disse o velho, assignou, tanto peor para elle.

Pois bem leva-me, disse então Fridolino. Mas o diabo, não podia penetrar no circulo e de resto não tinha poder algum sobre Fridolino. Discutiu muito tempo ainda e por fim concordaram que visto o pae ter perdido todo e qualquer direito sobre o filho, iriam até ao rio mais proximo. Fridolino entraria n'uma barca que o pae empurraria com o pé para o meio do rio para ella vogar ao acaso. Assim dito assim feito, e a barquinha levada pela corrente em breve desapareceu; só no dia seguinte é que ella foi dar á costa.

Fridolino saltou para terra, andou muito tempo sem encontrar viva alma e por fim achou-se diante d'um magnifico palacio. Entrou e penetrou em sallas esplendidas, mas completamente desertas. Emfim no salão de honra viu n'um throno uma cobra que se levantou, pôz-se a fallar com voz humana: « És tu o meu salvador que ha tanto tempo estou esperando; sou a filha do rei d'este paiz, uma má fada enfeitçou-me assim como os meus vassallos, mas de ti depende a nossa liberdade. Esta noite has de vêr doze homens pretos, d'aspecto feroz entrarem n'esta salla. Perguntar-te-hão o que fazes aqui, e procurarão por todos os modos obrigar-te a fallar. Mas não abras a boca, não respondas. Então hão de te bater e fazer mil ju-
-riarias; supporta com paciencia as pancadas e con-

tinua a não dizer nada. À meia noite em ponto são obrigados a retirar-se. Mas no dia seguinte á noite



voltarão e de novo continuarão a torturar-te. Se continuares callado, um d'elles ha-de puxar por uma grande espada e ameaçar de te cortar a cabeça se não quizeres fallar. Não te importes; quando tiveres a cabeça cortada estarei livre do

encanto que pesa sobre mim, recuperarei a fôrma natural e dar-te-hei um frasco d'agua vital para te chamar á vida.

« Fridolino aceitou tentar a aventura. Passou tudo como annunciára a cobra, teve a coragem de resistir aos soffrimentos que lhe fizeram os homens pretos, deixou-se degollar sem dizer uma palavra. Immediatamente ouviu-se um violento trovão; o palacio encheu-se logo de fidalgos e criados, a cobra transformou-se n'uma jovem e bella princeza; com algumas gottas d'agua vital fez voltar a si Fridolino; annunciou que lhe destinava a sua mão e que elle ia ser o rei da montanha d'ouro. Perto do palacio elevava-se com effeito uma montanha que era d'ouro massiço. Pouco tempo depois o casamento foi celebrado com a maior magnificencia.

O rei e a rainha viveram durante muitos annos perfeitamente felizes; tiveram um filho lindo como um amôr. Porém um dia, Fridolino lembrou-se do pae e pensou que elle devia soffrer cruelmente ignorando a sorte do filho que tivera de abandonar ao acaso. Teve desejos de ir consolal-o; não lhe saia da lembrança essa idéa e participou-a á rainha. Esta tentou em vão dissuadil-o.

« Tenho como que um presentimento, disse ella, que isso vae ser a nossa desgraça... »

Mas quando viu o rei bem resolvido a partir, deu-lhe um anel magico, com o qual se podia de-

sejar ser transportado para onde se quizesse ; podia-se tambem desejar que outras pessoas fossem transportadas para perto de si.

« Mas promette-me, disse ella ao dar-lhe o anel, que não te servirás d'elle para me chamares para perto de ti, quando estiveres em casa dos teus paes, casei contigo porque me salvaste; mas não quero vêr o meu sogro, porque é um simples commerciante. »

Fridolino prometteu o que ella lhe pediu, e, tendo virado o anel, desejou vêr-se na casinha que o pae possuia perto da sua terra natal. Immediatamente foi transportado até lá pelas azas do vento; saiu de casa para entrar na cidade; mas as pessoas juntavam-se á volta d'elle para admirar o seu traje real, todo enfeitado a ouro. Não podendo avançar por via do povo, voltou o anel e fez-se transportar aos arredores, no campo; entrou em casa d'um camponez e trocou os seus bellos trajes por um fato mais campestre. Tomou de novo o caminho da cidade onde entrou sem difficuldade bem como em casa dos paes, onde teve a felicidade de os encontrar, a fortuna continuava a sorrir-lhes, mas nunca mais tinham tido um dia de felicidade, desde que julgaram o filho perdido para sempre.

Ao principio não o reconheceram; os annos tinham-no mudado. Mostrou-lhes então um signal que tinha no hombro esquerdo, e que se parecia

com um morango; quando viram esse signal, logo o reconheceram; abraçaram e beijaram-no chegando quasi a suffocal-o com tantas festas que lhe prodigaram no excesso da alegria que sentiam.

Contou-lhes então, o que lhe acontecera e como chegára a ser o rei da montanha d'ouro. « Estás a mangar comnosco, disse o pae. Um rei vestido de campones! »

Fridolino, então para provar que dizia a verdade, voltou o anel desejando que a rainha mais o filho apparecessem perto d'elle. E, com effeito, a rainha com os trajés da côrte, com a corôa real na cabeça, bem como o principe apresentaram-se no mesmo instante no quarto. Os paes maravilhados estavam no auge da felicidade vendo que realmente o filho era o soberano d'um reino tão bello; mas a rainha chorava e lamentava-se por Fridolino ter faltado á palavra dada. Comtudo fingiu esquecer a injuria, visto elle pedir que lhe perdoasse; mas lá no fundo guardava todo o seu despeito.

Levou-a junctamente com o principe até á cidade perto do rio onde o pae, em tempos empurrara o barco que o levara ao seu reino. Fazia um calôr abrazador, e sentindo-se cançado, pediu para descançar debaixo de umas arvores que alli estavam perto. A rainha sentou-se ao seu lado. Dentro em pouco caiu n'um somno profundo; ella então retirou-lhe, muito de vagar, o anel do dedo, e levantou-se; mas, como um pé d'elle tocava no pé es-

querdo da rainha, retirou-o do sapatinho com muito cuidado e voltando o anel magico, desejou ser transportada com o filho para o seu palacio, o que se fez n'um abrir e fechar do olhos.

Quando Fridolino accordou, viu-se sósinho; o sapatinho caido no chão, alguns diamantes e umas perolas que o enfeitavam eram tudo quanto lhe restava do seu esplendor.

« Não posso voltar para a casa dos meus paes, dizia elle; tomar-me-hiam por um feiticeiro, e julgariam que lhes fiz vêr apenas phantasmas. Vamos, coragem, tratemos de encontrar o meu reino. »

Poz-se a caminho, seguindo a corrente do rio. Um dia, ao atravessar um bosque, viu-se em frente de tres gigantes que discutiam a proposito d'uma herança do pae que se compunha de tres objectos: um bastão, que quando lhe dizia : « Avante, mexe-te! » batia e distribuia pancada terrivel á direita e á esquerda; um capote que tornava invisivel quem com elle se cobria, e emfim um par de botas, que, como o anel da princeza, transportava quem as calçava para onde desejasse.

Ao vêr Fridolino, os gigantes cessaram a querella, e um d'elles, fazendo notar que muitas vezes a gente pequena de corpo tinha mais espirito que os grandes, propôz tomar Fridolino como arbitro; os outros dois foram da mesma opinião o Fridolino aceitou a missão de partilhar devidamente a herança.

Pedi, antes de tudo, para certificar-se se os taes objectos tinham bem as propriedades que lhes attribuiam. Vestiu primeiro o capote, e reconheceu facilmente que os gigantes o não viam. Depois pedi para experimentar o cajado. Os outros ao principio recusáram, pretextando que os ia desancar podendo depois safar-se tranquillamente com a herança. Mas elle prometteu que só experimentaria a força do bastão sobre as arvores da floresta em vista d'isso entregaram-lh'o e, com effeito, mal tinha dito as celebres palavras, o pau abateu n'uns instantes varios carvalhos e umas faias enormes.

Vendo que não faltára á sua palavra, deram-lhe sem difficuldade as botas. Mas mal as calçou, pondo de novo o capote e agarrando no pau, desapareceu aos olhos dos outros.

« Está bem, disse-lhes elle, a herança fica assim partilhada igualmente; por todos levo tudo, e nenhum dos tres terá mais do que o outro. E no fim de contas, tel-o-hiam empregado mal; mas voltem d'aqui a tres dias a este mesmo sitio, e eu lhes darei tanto ouro e prata que possam regalar-se durante todo o resto da sua vida. »

Depois desejou ser transportado ao reino da montanha d'ouro. Achou-se lá immediatamente. Quando se approximava do palacio, viu por toda a parte preparativos de festa; reteniam por toda a parte alegres fanfarras. Perguntou o que isso

significava; responderam-lhe que a rainha tendo enviuvado, convocára os reis e principes dos paizes vizinhos, para entre elles escolher um novo esposo.

Cobriu-se então com o capote e entrou no palacio. Invisivel a todos penetrou n'uma salla onde banquetevam todos os principes convidados e as pessoas da côrte; a rainha estava no lugar de honra. Foi collocar-se por detraz d'ella; e quando lhe serviam uma iguaria, comia logo o que estava no prato. Toda espantada, quiz pegar n'um copo, para beber; agarrou-o logo e despejou-o. Mandou vir um outro prato; Fridolino continuou o mesmo manejo e de novo o prato estava vazio.

Todos olhavam espantados. A rainha, cheia de vergonha por estar á mercê d'um sortilegio, levantou-se da mesa e retirou-se para o quarto chorando de raiva. Fridolino foi atraz e tirando o capote appareceu diante d'ella. Ficou toda assustada e tremula; elle então avançou-se e deu-lhe duas boas bofetadas.

« Merecias mais de cem, mais de mil, disse elle, por te zangares a tal ponto commigo por ter faltado n'um momento de irreflexão á minha promessa. »

Mas a rainha que, ao receber as bofetadas, sentira renascer toda a sua affeição pelo seu querido Fridolino, pôz-se de joelhos, implorou e obteve o seu perdão. Fridolino então voltou para a salla do festim e annunciou aos convidados que tendo

apparecido o rei da montanha d'ouro podiam voltar cada qual para a sua casa.

Mas como ainda estava com os fatos de com-
ponez, tomaram-no por um doido e os lacaios iam
pôl-o na rua, quando elle disse ao cajado :

« Avante! mexe-te. »

Immediatamente o cajado pôz-se a distribuir
uma carga geral, e todos se safaram á toda a pressa.
Fridolino depois vestiu-se com os trajes reaes e
fez-se reconhecer. Tres dias depois, foi levar aos
gigantes o que lhes promettera; mandou depois
vir os paes para a companhia d'elle e viveram
todos sempre muito felizes.



BRANCA-DE-NEVE E ROSA-VERMELHA

Era um vez uma pobre viuva que vivia longe da cidade n'uma choupana muito pequenina. Em frente da choupana havia um jardimzinho com duas roseiras; uma dava rosas brancas, a outra rosas vermelhas.

A viuva tinha duas filhas que se pareciam com as duas bellas roseiras; uma chamava-se Branca-de-Neve, e a outra, Rosa-Vermelha. Eram tão devotas, tão boas, tão trabalhadoras e sempre de tão bom humor! Nunca na terra houve crianças tão gentís; Branca de Neve era um pouco mais séria, um pouco mais meiga do que a irmã. Rosa-Vermelha gostava de correr pelos campos, apanhar borboletas e cõlher flôres. Branca-de-Neve preferia muitas vezes ficar em casa; ajudava a mãe nas limpezas e, quando não havia mais a fazer, lia em voz alta.

As duas crianças eram tão amigas que, quando andavam por fóra, iam sempre de mãos dadas. Branca-de-Neve dizia muitas vezes : Nunca nos separaremos. » Rosa-Vermelha respondia : « Não, nunca, enquanto vivermos ! » E a mãe accrescentava : « E o que uma tiver, partilhal-o-ha com a sua irmã ! »

Muitas vezes passeavam pelo bosque, sósinhas, á busca d'amoras e bolotas. Os animaes da floresta não lhe faziam nunca mal ; todos chegavam-se para ellas com confiança. As lebres vinham comer-lhes na mão as folhas de couve que ellas lhes traziam ; os cabritos pastavam na herva ao seu lado ; os veados pulavam em volta contentes. Os passarinhos quando as viam ficavam tranquillamente pousados nos ramos das arvores e entoavam em sua honra os mais lindos cantos. Nunca lhes acontecia mal algum ; quando se demoravam no bosque e eram surprehendidas pela noite, deitavam-se uma ao lado da outra sobre a relva e dormiam socegradamente até pela manhã ; a mãe sabia que não corriam nenhum perigo e não se assustava quando as não via voltar á noite.

Uma vez que passaram assim a noite na floresta, viram quando a aurora as despertou, uma linda criança, vestida com um fato de alvura resplandecente, sentada ao lado d'ellas ; levantou-se, e olhou para ellas ternamente ; mas não disse palavra e desapareceu por detraz das arvores. Quando se

puzeram a caminho, viram então que estavam quasi á beira d'um precipicio, e que certamente lá teriam caído, se na vespera com a escuridão tivessem dado mais alguns passos. A mãe disse-lhes que era provavelmente o anjo da guarda que vigia sobre as crianças boas.

Branca-de-Neve e Rosa-Vermelha tinham tanto cuidado com a sua cabana que era um prazer vêr como tudo andava limpo e aceiado. Durante o verão era Rosa-Vermelha que tratava dos arranjos da casa; todas as manhãs collocava perto da cama da mãe, antes d'ella acordar, um lindo ramalhete que tinha sempre uma rosa de cada uma das duas roseiras. Durante o inverno, era Branca-de-Neve que accendia o lume e pendurava a panella, que era de cobre mas brilhava como se fosse ouro, por tal fórma andava bem areiada. Á noitinha, quando caíam os flocos de neve, dizia a mãe : « Branquinha põe os ferrolhos. » E depois sentavam-se em volta da lareira, a mãe punha os oculos e lia em voz alta n'um grande livro. As duas irmãs escutavam emquanto fiavam; aos pés d'ella dormia um cordeirinho e por detraz estava empoleirada uma rola muito branca com a cabeça entre as azas.

Uma noite que estavam assim sentadas muito attentas, ouviram bater á porta; « Abre depressa, Rosa-Vermelha! disse a mãe; é talvez algum viajante que anda perdido e procura agazalho. »

Rosa levantou-se e retirou o ferrolho; mas, em vez d'um homem, foi um urso que metteu a sua



grande cabeça preta atravez da abertura da porta.

Rosa-Vermelha soltou um grito e recuou até ao fundo do quarto, toda assustada; e o cordeirinho dava tristes balidos, a rola voltejava assustada.

Branca-de-Neve foi refugiar-se atraz da cama da mãe.

Mas n'isto o urso pôz-se a fallar e disse : « Não tenham medo ; não lhes farei nenhum mal. Estou meio gelado, e peço apenas para me aquecer um pouco perto do seu fogo.

— Oh! meu pobre animal, disse a mãe, chegate para a chaminé, mas toma cautella não queimes os pellos.

« Vamos, Rosa-Vermelha, vamos, Branca-de-Neve, disse ella, saiam do seu canto. O urso não lhes fará mal, elle não é mau. »

Veio uma atraz da outra, e pouco depois o cordeirinho e a rola approximaram-se tambem, já sem medo algum.

O urso disse : « Minhas meninas não poderão sacudir um pouco a neve que cobre o meu pello. »

Pegaram na vassoura e limparam-no todo. Então estendeu-se adiante do lume, e grunhia satisfeito e cheio de contentamento. Dentro em pouco estavam já familiarisadas com elle e puzeram-se a brincar com o seu hospede patudo ; puxavam-lhe pelos pellos, andavam por cima d'elle, mexiam com elle d'um lado para outro, e até lhe batiam com uma varinha.

O urso não se incommodava ; contentou-se em grunhir, o que as fazia rir á bandeiras despregadas. Quando começavam a bater um pouco mais

de riço, elle dizia : « Deixem-me com vida, meninas, não matem o seu namorado. »

Quando chegou a hora de se irem deitar, a mãe disse ao urso : « Pódes ahi ficar perto do lume, á tua vontade, abrigado da neve e da tempestade. »

Depois todos foram deitar-se. Quando rompeu o dia, as crianças abriram a porta ao urso que lá foi á sua vida para a floresta. Mas voltava, d'ora em diante, todas as tardes á mesma hora, e deixava as crianças divertir-se em espicaçal-o todo o tempo que quizessem; habituaram-se depressa com elle, que já não ferrolhavam a porta antes de chegar o seu negro companheiro.

Ao chegar a primavera, quando por fóra tudo já estava coberto de verdura, o urso disse um dia á Branca-de-Neve : « Tenho agora de me ir embora e não poderei voltar durante todo o verão.

— Para onde tens de ir, meu querido urso? perguntou Branca de-Neve.

— Tenho de ficar na floresta, para guardar os meus thesouros contra os maus anões. No inverno, quando a terra está endurecida pela geada, não podem atravessar a floresta, e são obrigados a viver nos seus antros. Mas, agora, que o sol tornou a aquecer a terra, podem sair e começam a roubar; e o que lhes cae uma vez nas mãos, ou no fundo das suas cavernas difficilmente apparece á luz do dia. »

Branca-de-Neve estava bem triste ao despedir-se d'esse bravo urso; quando lhe abriu a porta, o animal ao passar, prendeu-se; arrancou um bocado da pelle e Branca-de-Neve pareceu-lhe vêr brilhar o ouro. Mas não teve tempo de se certificar, o urso partira a trote e desapparecera dentro em pouco atraz das arvores.

Algum tempo depois, a mãe mandou as filhas apanhar lenha na floresta. Eis que viram por terra uma grande arvore; em volta do tronco saltava uma coisa sobre a relva; mas ellas não podiam ao principio distinguir o que era. Quando se approximaram, viram que era um anão muito velho; tinha a cara toda enrugada, a barba branca, muito comprida, e cuja ponta estava presa n'uma fenda da arvore. O anãosinho estava assim preso como um cão a uma corrente e não sabia como desprender-se, fitou as raparigas com uns olhos vermelhos e brilhantes como carbunculos e gritou-lhes: « Olá, porque ficam ahi plantadas como uns espetos? Não podem soccorrer-me?

— Como foi que te puzeste n'esse estado? disse Rosa-Vermelha.

— Estupida bisbilhoteira! respondeu o anão. Quiz rachar a arvore, para ter lenha miuda para cozinhar. Porque se levassemos grandes achas, o pouco que pomos na panella queimar-se-hia; não precisamos grandes comidas como vocês, gente ordinaria e gulosa. Tinha portanto mettido

uma cunha no tronco batia-lhe em cima e ia conseguir o meu fim quando a cunha caiu no chão; a arvore fechou-se tão depressa que não tive tempo de me retirar, e aqui está como se prendeu a minha bella barba branca ficando eu proprio prisioneiro. Está bem, lá estão agora a rir, estupidas idiotas com caras de bonecas. Safa, como são horrosas! »

As crianças não fizeram caso d'essas injurias, e tiveram um grande trabalho para desprender a barba; mas estava bem presa.

« Vou buscar mais alguém, disse Rosa-Vermelha.

— Sua grande burra! berra o anão: Ir ainda chamar gente, quando só as duas já são demais para mim. Andem, não terão outro meio mais sensato?

— Não te impacientes d'esse modo, disse Branca-de-Neve. Achei um meio. »

Tirou da algibeira as suas tesourinhas e cortou a ponta da barba. Mal o anão se viu solto, agarrou n'um sacco d'ouro que estava escondido entre as raizes da arvore, e, sem mais olhar nem agradecer as raparigas retirou-se resmungando : « Grandes brutas! cortarem a minha bella barba! Podem ir buscar a recompensa ao diabo! »

Alguns tempos depois Branca-de-Neve e Rosa-Vermelha saíram para ir á pesca.

Quando chegaram perto do rio pareceu-lhes vêr

um grande sapo mexer-se no meio dos juncos como querendo saltar para dentro d'agua. Correram até lá e reconheceram o anão.

« O que estás fazendo? disse Rosa-Vermelha, Vaes tomar um banho?

— Tal qual, para me afogar, não é assim? respondeu o anão. Não vêm que é esse damnado peixe que me arrasta? »

Eis o que se passára. O anãosinho estava pescando á linha; de repente o vento misturou-lhe a barba com a linha, e n'esse momento um grande peixe mordera no anzol. A posição era tão incommoda que o anão não tinha forças para retirar o peixe d'agua; ao contrario, o animal que se debatia com violencia, atirára ao chão o anão e ameaçava arrastal-o até ao fundo do rio. O desgraçado agarrava-se ás hervas e aos ramos das arvores, mas estava exausto de forças devido aos sobresaltos que lhe imprimia o peixe.

As raparigas, cheias de dó, seguraram-no justo quando elle ia cair dentro d'agua; procuraram desprender-lhe a barba da linha; mas tiveram de novo de recorrer á tesoura de Branca, por tal modo os cabellos estavam emmaranhados e cortarem a barba.

Quando o anão levantou-se, disse-lhe todo zangado : « Julgam que andaram bem, minhas patas chocas, em deshonrarem a minha respeitavel figura? D'esta vez cortaram quasi que a metade

da barba: Como hei-de eu agora apresentar-me aos meus irmãos? O que desejava é fossem obrigadas a correr sempre sem sapatos rasgando os pés pelos espinhos e pedras. »

N'isto a panhou um sacco de perolas, que estava no meio dos canaviaes, e desapareceu atraz d'um rochedo.

Algumas semanas depois, a mãe mandou as filhas á cidade comprar algodão, agulhas, fitas e outros objectos de costura. Atravessaram uma moita onde havia aqui e além uns rochedos. De repente viram primeiro um grande passaro que pairava por cima das suas cabeças e que depois, descrevendo um circulo cada vez mais pequeno, se precipitou bruscamente sobre um rochedo. N'isto ouviram um grito de dôr. Accorreram até lá e viram com horror o passaro, que era uma aguia enorme, segurando nas garras o anão para leval-o comsigo pelos ares. As raparigas, sempre boas e caridosas, seguraram corajosamente, cada uma do seu lado, o anãosinho, e, puxando com toda a força, conseguiram soltal-o das garras da aguia, que voou para a região das nuvens.

Quando o anão voltou a si do susto que apanhára, disse-lhes furioso : « Não podiam fazer isso d'outro modo sêm me brutalisarem? O meu bello fato todo roto e quasi em tiras! Que degeitossas palermas que são. »

Depois pegou n'um sacco cheio de diamantes,

rubins, esmeraldas e saphiras e mettendo-se por entre os rochedos, entrou na caverna.

As raparigas já habituadas á sua ingratidão riam a bom rir e pondo-se a caminho foram á cidade fazer as suas compras.

Á volta, passaram pela porta e surprehenderam o anão que tinha espalhado em cima d'uma pedra muito polida as suas magnificas pedrarias. O pôr do sol fazia-as resplandecer; os fôcos de todas as côres que lançavam, luziam do mais vivo brilho. O anão, que esquecera que já era tarde, viu as duas irmãs que tinham parado extasiadas diante d'esse maravilhoso jogo de luzes deslumbrantes.

« Que fazem ahi de boca aberta? » rosnou elle.

A sua face, de costume livida, tornára-se encarnada como as papoulas. Ia continuar a insultar as duas irmãs que por tres vezes lhe haviam salvo a vida quando se ouviu um grunhido surdo e logo depois chegou a trote largo um urso negro. O anão, a tremer como varas verdes desatou a fugir; mas depressa o animal o alcançou e cortou-lhe a passagem. -

« Oh querido urso, rei d'estas florestas exclamou o anão caindo de joelhos, digne-se poupar-me. Dar-lhe-hei todos os meus thesouros; tome já essas joias que valem um imperio. Deixe-me em vida! Não me coma. A minha carne velha e dura não é digna de si; mas ahi ao seu alcance estão

duas frescas meninas, gordinhas como as boas perdizes; é um manjar delicado! Fogem, mas em dois pulos póde agarral-as. »

O urso não respondeu nem uma palavra; mas com uma patada estendeu sem vida o horrivel bandido.

Depois correndo atraz das raparigas, disse : « Branca-de-Neve, Rosa-Vermelha esperem por mim. »

Reconheceram então a sua voz e pararam. Quando o urso chegou ao pé d'ellas, de repente a pelle caiu e em lugar do bicho, appareceu um jovem principe, cujos fatos estavam cobertos d'ouro.

« Sou o filho d'um rei poderoso, disse elle ás raparigas, admiradas d'essa metamorphose. Este mau anão depois de ter roubado os meus thesouros, lançou-me uma sorte e achei-me condemnado a errar n'estes bosques mudado em urso. A morte bem merecida d'esse maroto quebrou o encanto. »

Junctos voltaram a annunciar á mãe a grande noticia. O bello principe casou com Branca-de-Neve; Rosa-Vermelha, com o irmão d'elle. Repararam os thesouros que estavam amontoados na caverna do anão.

A mãe já velhinha viveu ainda muitos annos ao pé das filhas no meio da alegria e do contentamento. Ao deixar a choupana levou consigo as duas roseiras que foram collocadas á janella do quarto do palacio que habitava e continuaram a dar todos os annos soberbas rosas brancas e vermelhas.

O REI CORVO

Era uma vez um rei que tinha uma filha que era uma maravilha de belleza, mas muito altiva e cheia de falso orgulho. Todos os pretendentes que vinham pedir a sua mão, recusava-os com desprezo. Então o pae mandou preparar uma grande festa e fez reunir na maior sala do palacio todos os que, depois d'um aviso que mandára annunciar, tinham ainda coragem de querer desposar a princesa. Estavam collocados segundo a sua posição, primeiro os reis, depois os principes, duques, condes e emfim os simples gentishomens.

O rei mandou vir a filha, para que, entre todos, escolhesse um marido. Ia d'um ao outro, encarando todos com desdem; nenhum lhe agradava. « Oh! que pipa! » exclamou ella ao vêr um principe que era um tanto corpulento. « Santo Deus!

que espeto medonho » era um duque um tanto alto e delgado.

« Mais vermelho do que um tomate, ou uma papoula! » disse ella a um bravo conde que era um pouco vermelho de rosto. E assim por diante. Mas de quem ella mais troçou foi d'um rei que tinha a parte inferior do rosto em fórma de tamanco. « Oh! que horrenda cara! disse ella zombando. Tem o queixo em fórma de bico de corvo. » E d'ahi ficou o jovem rei alcunhado de Corvo.

O pae da princeza, depois d'ella ter zombado de todos os pretendentes reunidos, estava fulo e jurava, em voz baixa, que havia de casar com o primeiro mendigo que se apresentasse á porta do palacio.

Dois dias depois, um pobre tocador de sanfona veio ahi executar uma aria e pedir uma esmola. O rei mandou trazel-o á sua presença, ao mesmo tempo que chamava a filha. O mendigo, todo esfarrapado, tornou a tocar uma aria e cantou uma canção popular.

« A tua musica deu-me um tal prazer, disse o rei, que te dou a minha filha em casamento. »

A princeza fartou-se de supplicar, gritar, chorar, ajoelhar-se aos pés do pae, mas o rei foi inflexivel.

« Fiz esse juramento, disse elle. Vendo que despresavas os mais valentes reis, jurei que ha-

vias de casar com o primeiro mendigo que apparecesse. »

Chamou-se o cura e em seguida celebrou-se o casamento. Depois o rei disse á filha. « Nada tens a fazer aqui no palacio ; o teu dever é de acompanhar o teu marido. Boa viagem. »

O mendigo levou a mulher para a casa d'elle. Triste e desolada, ella lá ia atraz d'elle. Tiveram de atravessar uma floresta magnifica. « De quem são esses bellos bosques? disse ella.

— Do rei Corvo.

— Ai! porque não casei eu com elle! » murmurava ella tristemente.

Depois chegaram a uma vasta planicie, onde até a vista podia alcançar se viam campos cobertos de ricas colheitas.

« De quem é esse bello dominio? torna a perguntar a princesa.

— Do rei Corvo.

— Ai! que pena não ter casado com elle! »

Depois passaram perto d'uma grande e linda cidade.

« De quem é essa grande cidade? perguntou ella.

— Do rei Corvo.

— Ai! porque : não sou hoje a sua mulher?

— Ouve cá, disse o mendigo, basta de lamurias, por não teres dado a tua mão a esse rei Corvo. Agora eu é que sou o teu marido, e essas

queixas desagradam-me soberanamente. Portanto trata de te resignares com a tua sorte. »

Finalmente chegaram a uma cabana de apparencia miseravel. O mendigo parou.

« Onde estamos? perguntou a princeza.

— Em nossa casa, respondeu elle. É aqui onde vivo.

— Mas não vejo os teus criados.

— Criados! Não tenho sequer um só; até hoje eu proprio fazia o trabalho; porém agora és tu que tratarás da casa. Vamos, accende o lume, e põe a agua a ferver para preparar o jantar. Tenho muita fome. »

Mas a princeza, que nunca fizera uso dos seus dez dedos, senão para alguns bordados, não sabia como havia de se arranjar. O mendigo teve de lhe mostrar o que tinha a fazer, e apesar d'isso era tão degeitosa que teve por fim sósinho de cozinhar o pouco que havia nos armarios. Depois, cansados, deitaram-se.

Pela madrugada elle accordou a princeza que ainda dormiria um dia inteiro, e disse-lhe: « Vamos, levanta-te, e varre a casa. »

Depois tornou-lhe a ensinar a accender o lume e a fazer um pouco de cozinha. No fim de alguns dias quando as provisões estavam quasi no fim, elle disse: « Não podemos continuar com esta vida de mandriões. Volto a mendigar e tu farás cestos. »

E foi buscar umas palhas que lhe deu para entrar, ella pôz-se a trabalhar; mas dentro em pouco tempo a pelle fina das suas mãos delicadas estava toda ferida.

« Está bem, já vejo que este trabalho é muito duro para ti. Mas talvez possas ganhar a vida fiando na roca.

Foi comprar uma roca e canhamo; quiz fiar, mas no fim d'um quarto de hora tinha os dedos todos em sangue.

« Na realidade, exclamou elle, nada sabes fazer; fiz uma grande asneira em casar contigo. Como tu me ajudas! Emfim talvez sejas capaz de ser vendedora, vou comprar uma porção de louça e installar-te no mercado; ahi venderás a tua mercadoria.

« Ora essa, pensava ella, eu, a filha do rei, vou vender louça á praça, na capital; e se os vassallos do meu pae me reconhecerem, perseguir-me-hão com as suas troças. »

Mas não se atrevou a fazer objecções; o marido tinha-a prevenido uma vez para sempre que se ella não lhe obedecesse sem murmurar, a bateria até ceder á sua vontade.

Eil-a sentada n'uma velha cadeira offerecendo aos que passam a sua pobre louça.

Ao principio ia a coisa bem; ninguem a reconhecia; os desgostos tinham-na transfigurado. Apesar d'isso era ainda bonita; no meio d'outras

vendedoras de caras vulgares, attrahia os olhares; paravam e compravam; até mesmo algumas pessoas caritativas, pensando que teria tido outr'ora



uma outra condição, davam-lhe dinheiro deixando ficar a mercadoria.

Depois de tudo vendido, ella e o marido viveram durante algum tempo do que ella ganhára. Em seguida teve outra vez de se pôr á obra, e lá foi de novo ao mercado installar-se á esquina da rua principal, com uma porção de louçaria. Eis que de repente apparece um lanceiro a cavallo, estava bebado, e dirigiu o cavallo directamente sobre a

louçaria que se partiu em mil bocados sob os pés do cavallo.

Pôz-se a chorar e a lamentar-se. E, toda tremula, foi ter com o marido contar-lhe a aventura.

« Também que disparate, disse elle, ires collocar-te justo á esquina d'uma rua, em vez de escolheres um lugar mais retirado, onde estarias ao abrigo dos cavallos! Paciencia, enxuga essas lagrimas. Já tinha visto que não eras bastante esperta para esse negocio, e fui informar-me se no castello precisariam d'alguem; ora justamente falta a criada da cozinha; prometteram tomar-te; ao principio não te dão ordenado, só tens comida. As porções são grandes e poderás muito bem, com a tua ração pôres de lado para mim tambem. »

Assim se fez; e eis a princeza installada na cozinha para tratar dos trabalhos mais grosseiros, no proprio palacio onde outr'ora era senhora absoluta. Tinha posto de cada lado da cinta dois boiões onde ella mettia o que tirava do seu quinhão para dar ao marido.

Algumas semanas depois, houve grandes festas no castello no dia dos annos de el-rei. Arrastada pela curiosidade de tornar a vêr os sitios onde outr'ora reinava, acompanhou os outros criados aos quaes haviam permittido de se collocarem ao pé das portas, abertas, da grande sala que resplandecia de luzes e onde se achava a côrte em trajés de gala.

A desgraçada princeza contemplava esse espectáculo, com o coração despedaçado; maldizia o seu orgulho funesto, ao qual devia as crueis humilhações porque estava passando.

De repente, um príncipe, em trajes doirados todo coberto de pedrarias, saindo do salão convidado, dirige-se para ella, convidando-a para dansar com o seu espanto quando

Corvo, o proprio de

gir, mas elle de

gir; n'isto de

onde estava a vez um pescador e a mulher; viviam puzer miseravel choupana á beira-mar. O pescador que se chamava Pedro ia todos os dias deitar o anzol; mas muitas vezes ficava horas inteiras antes de pescar um só peixe.

Um dia em que se achava na praia olhando sempre para os movimentos do anzol, eis que o vê desaparecer e ir ao fundo; puxa, e no fim da linha apparece um grande bacalhau.

« Peço-te, disse o animal, de me não tirares a vida; não sou um peixe verdadeiro, sou um príncipe encantado.

Peço-te que me soltes; dá-me a liberdade, o unico bem que me resta.

— Basta de tantas palavras, respondeu o bravo Pedro. Um peixe que sabe fallar, merece bem que o que deixem nadar á vontade. »

crescer a minha que dissimulou o meu queixo em forma de bico de corvo que tanto a fazia rir.

« Era ainda eu, que vestido de lanceiro, embriagado, lhe quebrei toda a louçaria. Mas hoje

« o seu altivo orgulho está quebrado e que se car-te judeu das suas faltas, vão terminar os seus lheres um lugar proclamada rainha e esposa do abrigo dos cavallos.»

grimas. Já tinha visto qza e toda a côrte tinham-perta para esse negocio, e fufacto abraçou terna. castello precisariam d'alguem; vez de alegria, falta a criada da cozinha; prometteráaltar d'ahi a ao principio não te dão ordenado, só tens adornos As porções são grandes e poderás muito .

com a tua razão pôres de lado para mim tambem. de

Assim se fez; e eis a princeza installada na cozinha para tratar dos trabalhos mais grosseiros, no proprio palacio onde outr'ora era senhora absoluta. Tinha posto de cada lado da cinta dois boiões onde ella mettia o que tirava do seu quinhão para dar ao marido.

Algumas semanas depois, houve grandes festas no castello no dia dos annos de el-rei. Arrastada pela curiosidade de tornar a vêr os sitios onde outr'ora reinava, acompanhou os outros criados aos quaes haviam permittido de se collocarem ao pé das portas, abertas, da grande sala que resplandecia de luzes e onde se achava a côrte em trajes de gala.

O PESCADOR E A SUA MULHER

Era uma vez um pescador e a mulher; viviam n'uma miseravel choupana á beira-mar. O pescador que se chamava Pedro ia todos os dias deitar o anzol; mas muitas vezes ficava horas inteiras antes de pescar um só peixe.

Um dia em que se achava na praia olhando sempre para os movimentos do anzol, eis que o vê desapparecer e ir ao fundo; puxa, e no fim da linha apparece um grande bacalhau.

« Peço-te, disse o animal, de me não tirares a vida; não sou um peixe verdadeiro, sou um principe encantado.

Peço-te que me soltes; dá-me a liberdade, o unico bem que me resta.

— Basta de tantas palavras, respondeu o bravo Pedro. Um peixe que sabe fallar, merece bem que o que deixem nadar á vontade. »

E soltou o animal, que de novo fugiu para o fundo do mar; deixando atraz de si um rasto de sangue. Quando voltou á choupana, contou á mulher o bello peixe que pescára e como lhe déra a liberdade.

« E não lhe pediste nada em troca? disse a mulher.

— Eu não, o que poderia eu desejar? respondeu Pedro.

— O que! não será um supplicio viver sempre n'esta feia cabana, suja e infecta; podias bem ter pedido uma linda casinha. »

O homem não pensava que o serviço que voluntariamente prestára ao principe, valesse uma recompensa tão bella. Comtudo lá foi até á praia, e á beira do mar, que estava todo verde, gritou.

« Bacalhau, meu querido Bacalhau, a minha mulher, a minha Izabel, contra minha vontade, quer absolutamente alguma coisa. »

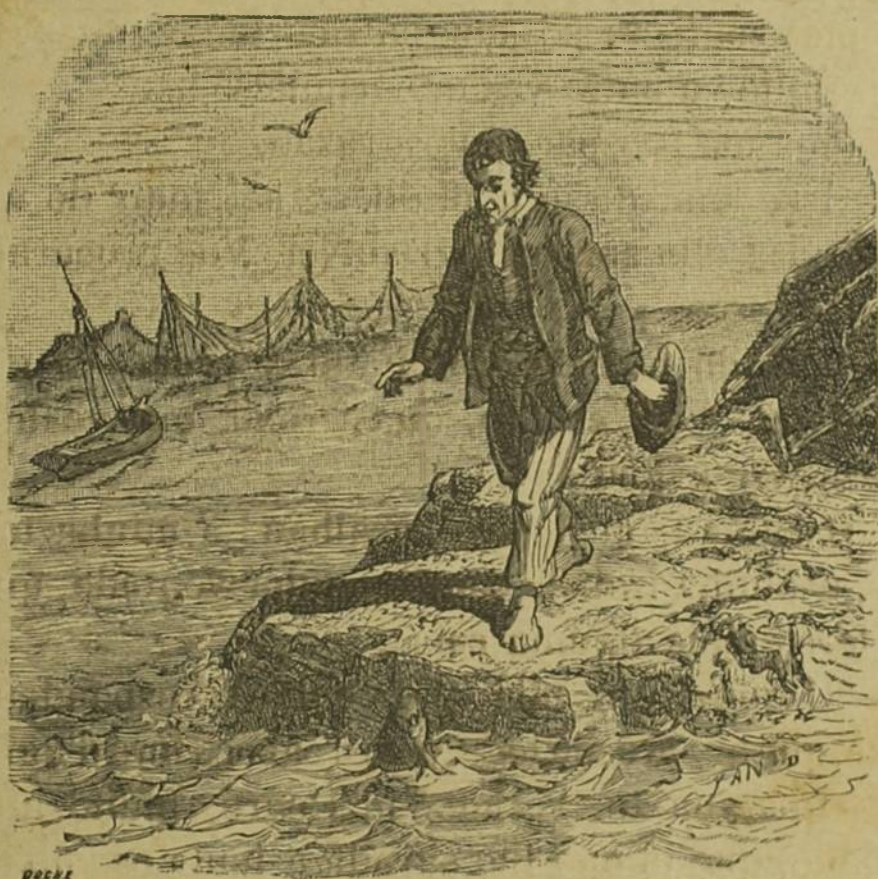
Immediatamente appareceu o peixe, e lhe disse: « Então, o que deseja?

— Aqui está, disse o pescador; como te dei a liberdade, pretende que deves satisfazer um pedido; já está farta da nossa choupana, desejava viver n'uma linda casinha.

— Está bem, respondeu o bacalhau, volta para casa e tu verás cumprido o seu desejo. »

Com effeito, Pedro avistou a mulher á porta d'uma casinha bonitinha e aceiada: Avia-te, gri-

tou ella, vem vêr como isto é bonito; ha dois bellos quartos e uma cozinha; na parte trazeira temos um pateo com gallinhas e patos, e um jardiminho com legumes e algumas flôres.



— Oh! que alegre vida vamos agora levar!
disse Pedro.

— Sim, disse ella. é o cumulo dos meus desejos! »

Durante uns quinze dias foi um encanto sem fim; depois de repente a mulher disse: « Ouve, meu Pedro, esta casinha é um pouco estreita; o jardim não é maior do que a minha mão. Só serei

feliz n'um grande palacio de pedra. Vae procurar o bacalhau, e dize-lhe que é esse o meu desejo.

— Mas, respondeu o pescador, ha apenas quinze dias que esse bondoso principe nos fez presente d'uma casinha tão linda, como nunca teriamos sonhado possuir outra semelhante. E tu queres que vá outra vez importunal-o!

Manda-me passear, e terá razão.

— Isso sim, disse a mulher; sei mais do que tu, tomára elle ser-nos agradavel. Vae procural-o como te disse. »

O bom do homem lá foi até á praia, o mar era d'um azul escuro, quasi roxo, mas calmo. O pescador gritou :

« Bacalhau, meu rico bacalhau! a minha mulher, a minha Izabel, contra minha vontade, quer pcr força mais alguma coisa.

— O que é que ella quer então? respondeu o peixe, que appareceu logo, com a cabeça fóra d'agua.

— Imagina tu, respondeu Pedro, muito atrapalhado, que já não lhe agrada a linda casinha, e que deseja agora um palacio todo de pedra!

— Volta para casa, disse o bacalhau, o seu desejo está já cumprido. »

Com effeito, o pescador encontrou a mulher a passear no grande pateo d'um palacio esplendido. Oh! como é gentil esse bacalhau, disse elle; vê como tudo é magnifico!

Atravessaram um vestibulo em marmore; uma

multidão de criados com galões dourados abriam-lhes as portas dos ricos aposentos, guarnecidos de riquissimos moveis e cobertos dos mais preciosos estofos. Por detraz do castello havia um immenso jardim aonde desabrochavam os mais raros arbustos e flôres ; depois seguia-se um parque magnifico, onde folgavam os veados, as corças e toda a especie de passarinhos ; ao lado havia cocheiras vastissimas, com cavallos de luxo e uma quantidade de vaccas lindas.

« Como a nossa sorte é digna de inveja, disse o bravo pescador, esbugalhando os olhos ao ver essas maravilhas ; espero que os teus desejos mais temerarios estão satisfeitos.

— É o que eu digo, respondeu a mulher mas amanhã reflectirei melhor. »

Depois, quando provaram as deliciosas iguarias que lhes serviram á ceia, foram deitar-se.

No dia seguinte ainda mal era dia, a mulher accordou o marido ás cotovelladas e disse-lhe : « Agora que temos este palacio precisamos ser senhores e donos de todo o paiz.

— Ora essa, repondeu Pedro, queres ser corvada ? eu é que não quero ser rei.

— Pois bem, eu é que quero ser rainha Vamos, veste-te, corre e vae dizer o que desejo a esse rico bacalhau. »

O pescador encolheu os hombros, mas nem por isso deixou de obedecer.

Ao chegar á praia, viu o mar d'um cinzento escuro, e bastante picado ; pôz-se a gritar :

« Bacalhau, querido bacalhau ! A minha mulher, a minha Izabel, bem contra minha vontade, quer por força mais alguma coisa. »

— O que precisa ella ainda ? disse o peixe que logo se mostrou com a cabeça fóra d'agua.

— Não se lhe metteu agora em cabeça ser rainha !

— Volta para casa, o seu pedido já está concedido, » disse o animal.

É, com effeito, Pedro encontrou a mulher installada n'um throno d'ouro, ornado de enormes diamantes, com uma corôa magnifica na cabeça, rodeada de damas de honor, ricamente vestidas de brocado, qual d'ellas, a mais linda ; á porta do palacio achavam-se os archeiros com fardas brilhantes ; uma banda militar tocava uma alegre fanfarra ; uma multidão de lacaios agaloados achava-se espalhada pelos vastos pateos onde estavam enfileiradas equipagens magnificas.

« Então, disse o pescador, espero que chegas-te ao cumulo dos teus desejos ; outr'ora pobre entre as mais pobres, eis-te agora rainha poderosa.

— Sim, respondeu a mulher, é uma sorte bem agradavel, mas ha ainda melhor, e não comprehendendo como não pensei em tal ; quero ser imperatriz, ou antes imperador ; sim, quero ser imperador !

— Mas, oh! mulher, tu perdes a cabeça; não, eu não vou pedir uma tal loucura a esse bom bacalhau; acabará por me mandar passear, e com razão.

— Nada de observações, replicou ella; sou a rainha e tu o primeiro dos meus vassallos. Portanto é obedecer immediatamente. »

Pedro lá se dirigiu até a praia, pensando ser os seus passos inuteis. Ao chegar lá, viu o mar, todo negro, quasi como tinta; o vento soprava com força e fazia levantar vagas enormes.

« Bacalhau, querido bacalhau, gritou elle, a minha mulher, a minha Izabel, contra minha vontade, quer ainda mais outra coisa.

— O que é ainda? disse o peixe que logo appareceu.

— As grandezas deram-lhe volta ao miollo, deseja ser imperador.

« Volta para casa, respondeu o peixe; já se fez o que ella quer. »

Quando Pedro voltou a casa, viu um palacio enorme, todo construido em marmore precioso; o tecto era em laminas d'ouro. Depois de ter passado por um pateo enorme, cheio de lindas estatuas e de fontes que exhalavam os mais suaves perfumes, atravessou uma fileira composta de guardas de honra, uns gigantes de mais de seis pés de alto; e, depois de passar por uma enfiada de aposentos decorados com uma extrema riqueza

entrou n'um vasto salão onde estava sentada n'um throno d'ouro massiço, alto de dois metros, a sua mulher vestida com um traje esplendido, toda coberta de enormes diamantes e rubis, e tendo uma corôa que por si só valia mais que muitos reinos; estava rodeada d'uma côrte composta sómente de principes e duques; os que eram apenas condes ficavam na antecamara.

Izabel parecia estar inteiramente á vontade no meio d'esses esplendores.

« Então, disse-lhe Pedro, espero que te achas agora no cumulo dos teus desejos; nunca houve sorte que se comparasse à tua.

« Veremos isso amanhã, » respondeu ella.

Depois d'um magnifico festim, foi-se deitar, mas não poudo dormir; estava atormentada com a idéa que havia talvez ainda alguma coisa mais invejavel do que ser imperador. De manhã, ao levantar-se, viu que o céu estava encoberto.

« Queria vêr o sol, disse ella, as nuvens escuras entristecem-me. Sim, mas para fazer apparecer o sol, seria preciso ser Deus. Ora ahi está, quero ser tão poderosa como Deus. »

Encantada com a idéa, gritou : « Pedro veste-te já e vae dizer a esse bondosso bacalhau que desejo ser a omnipotencia sobre o universo, como Deus; não se póde recusar isso. »

O bom pescador ficou por tal fórma assustado ouvindo essas palavras impias, que teve de se

encostar a uma cadeira para não cair no chão.

« Mas, oh! minha mulher, disse elle, tu estás doida. O quê! já te não basta reinar sobre um immenso e rico imperio ?

— Não, disse ella, estou vexada de não poder mandar apparecer ou desaparecer o sol, a lua e os astros. Preciso poder commandal-os como Deus.

— Mas emfim, isso excede o poder d'esse bondoso bacalhau; acaba por se zangar-se, o vou importunar com um pedido tão insensato.

Um imperador não admite observações, replicou ella zangada; faz o que te mando e já. »

O bom Pedro, com o coração a tremer pôz-se a caminho. Levantára-se uma tempestade terrivel que curvava as arvores mais fortes da floresta e fazia tremer os rochedos, no meio da trovoadade e dos relampagos o pescador chegou com custo á praia. As ondas do mar estavam altas como torres e saltavam umas sobre as outras com um ruido medonho.

« Bacalhau, querido bacalhau, exclamou Pedro. A minha mulher, a minha Izabel, contra minha vontade, quer por força mais uma ultima coisa.

— O que é? » disse o peixe que appareceu logo.

— Apenas me atrevo a dizel-o, respondeu Pedro, quer ser tão poderosa como Deus.

— Volta para casa, disse o peixe, encontral-a has na pobre cabana d'onde eu a tirára. »

E, com effeito, palacio, esplendores, tinham desaparecido; a insaciavel Izabel coberta de andrajos estava sentada n'um mocho, na sua antiga e miseravel choupana. Pedro depressa se contentou e voltou a pescar; mas a mulher nunca mais teve um momento de felicidade.



O COMPADRE GALHOFA

Houve em tempos uma grande guerra ; mas por fim acabou e muitos soldados foram licenciados. Entre elles havia o compadre galhofa, assim chamado por causa do seu bom humor ; era do paiz vencido ; por isso não recebeu com a baixa senão um pão de munição e quatro vintens. Era pouco ; mas isso não o impediu de se pôr alegremente a caminho para recolher á aldeia. Já fizera quatro leguas quando encontrou um mendigo que lhe pediu esmola. Era S. Pedro que assim se disfarçára.

« Mas, meu irmão, disse Compadre Galhofa que queres tu que eu te dê ? sou um pobre soldado com baixa, e tenho por unica fortuna este pão e quatro vintens. Não será preciso muito para lhe vêr o fim, e então terei de mendigar como tu. No entanto não te quero deixar sem recursos. »

Cortou o pão em quatro bocados, deu um ao Príncipe dos apóstolos, e mais um vintem. S. Pedro agradeceu muito, depois foi collocar-se mais adiante, disfarçado ainda em mendigo, no caminho do Compadre Galhofa que lhe fez novamente presente d'um bocado de pão e d'um vintem.

Pouco mais adiante S. Pedro apresentou-se pela terceira vez ainda sob a fórma de mendigo. O compadre Galhofa deu-lhe ainda uma esmóla. Achava-se portanto só com um bocado de pão e um vintem.

Entrou n'uma hospedaria, pediu um copo de cerveja e bebeu-o comendo o pão.

Pôz-se então novamente a caminho. S. Pedro veio ainda ao seu encontro, vestido de soldado que recolhia aos seus lares.

« Camarada, disse elle, tenho muita fome, não me pódes dar um bocado de pão ?

— Já não tenho nem uma migalha, respondeu o compadre Galhofa ; depois de ter repartido com tres pobres, comi o que me restava, bebendo um copo de cerveja que paguei com o meu ultimo vintem. Achamo-nos pois em identicas circumstancias, se quizeres iremos mendigar junctos.

— Eu ainda não estou reduzido a isso ; empregaram-me algumas vezes na enfermaria e aprendi um pouco de medecina ; sou curandeiro assaz habil e conto exercer esse officio.

— Não tenho tanta sorte, respondeu o compadre Galhofa, irei pois mendigar sósinho.

— Ouve lá, respondeu S. Pedro, poderás talvez ajudar-me; em todo o caso pareces ser um bom rapaz e offereço-te a metade do que eu ganhar.

— Estou pelos ajustes disse o outro », e eil-os a caminho.

Na primeira aldeia que atravessaram passaram ao pé d'uma casa onde se ouviam choros e gemidos que soltavam as mulheres e as crianças; entraram e viram o dono da casa estendido no leito agonizante; toda a familia afflicta achava-se em volta d'elle.

« Cessem de chorar, disse S. Pedro, vou curar esse homem ».

E puxando por um frasco de unguento, poz um pouco na testa do doente que logo se achou curado, a ponto de se levantar da cama como de costume. Elle e toda a familia desfizeram-se em agradecimentos.

« Que querem por esse beneficio diziam elles. Peçam seja o que fôr se estiver em nosso alcance dar lh'o-hemos. »

Mas S. Pedro não queria aceitar nada por mais que essa gente insistisse. Foi em vão que o compadre Galhofa lhe deu cotovelladas e lhe disse em voz baixa : « Aproveita a occasião; sabes que não temos nada para trincar. »

Emfim a mulher do aldeão trouxe uma bella

galhinha muito gorda e disse : « Aceitem essa pequena prova do nosso reconhecimento ; não a recusem, seria causar-nos uma desfeita. »

O compadre Galhofa disse ao ouvido do seu companheiro : « Vamos, não te faças tolo e aceita o que essa boa gente te offerece de tão boa vontade.

— Está bem, disse por fim S. Pedro, mas não me encarrego de levar esse peso.

— Não seja essa a duvida, respondeu o compadre Galhofa, eu me responsabiliso por isso. » Dizendo isso continuaram o seu caminho ; passando por uma floresta chegaram a uma clareira onde havia uma bella fonte d'agua limpida.

« Que pensas, camarada, disse o compadre Galhofa, aqui está um sitio convidativo para pararmos e comermos a gallinha.

— Pois sim, respondeu S. Pedro, mas eu nada sei de cozinha, e tu ?

— Oh ! na guerra aprendi um pouco ; vejo por aqui lenha secca, vou accender uma fogueira e com a espada farei assar a gallinha no espeto.

— Está bem, respondeu S. Pedro, no emtanto vou dar uma volta pela floresta a vêr se encontro nozes para a sobremesa. Mas estarei de volta logo que a ave estiver bem assada. Fica bem entendido que não lhe tocas antes de eu voltar.

— Não tenhas medo, disse o compadre Galhofa, esperarei por ti. »

Acendeu então o lume e pôz a gallinha por cima

das brazas ; assou-a por todos os lados ; estava mesmo boa para se comer e no emtanto o companheiro não voltava.

Tentado pelo cheiro, o compadre Galhofa abriu com a faca o interior da ave ; viu um figado soberbo ; cortou um bocadinho e após outro maior, e por fim devorou todo o figado.

N'esse momento appareceu S. Pedro e disse :
« Encontrei para comer algumas nabiças e já não tenho quasi vontade ; dá-me só o figado e o resto será para ti. »

O compadre Galhofa começou a procurar dentro do bicho e por fim disse :

« Não acho o figado.

— Então onde está elle ? perguntou S. Pedro ; de certo a mulhersinha não o tirou, antes de nos dar a gallinha.

— Que parvos que nós somos ! respondeu o compadre Galhofa. Uma gallinha não tem figado.

— O que estás tu dizendo para ahi ? Todos os animaes têm um figado.

— Sim, mas perdem-no quando os engordam á força como esta gallinha.

— Seja, disse S. Pedro ; mas como me appetecia só o figado podes comer o resto.

O compadre Galhofa não precisou que lh'o dissessem duas vezes ; comeu a metade e metteu o resto dentro do sacco.

Chegaram á beira de um rio onde não havia barco algum.

« Podemos atravessal-o a váo, disse S. Pedro; passa tu á frente.

— A ti primeiro essa honra, respondeu o compadre Galhofa, pensando lá comsigo: « Se vir o camarada mergulhar, retiro-me logo. »

São Pedro avançou até ao meio do rio e a agua só lhe chegava ao joelho. Então o compadre Galhofa começou tambem a atravessal-o. Mas S. Pedro fez subir o rio e o compadre Galhofa, dentro em pouco a agua chegava-lhe ao pescoço.

« Camarada, ao soccorro! gritou elle a corrente leva-me!

— Primeiro, disse S. Pedro, confessa que comeste o figado da gallinha.

— Não, não lhe toquei, respondeu o compadre Galhofa.

A agua subia sempre e elle ia ser afogado.

« Por caridade, ao soccorro! gritou elle.

— Que fizeste do figado? disse S. Pedro.

— Não havia! » respondeu elle, por duas vezes por teimosia.

Então S. Pedro vendo que mais depressa era capaz de morrer afogado do que confessar, e não querendo que elle morresse em peccado mortal, deixou correr a agua e em breve chegaram á outra beira.

Continuaram o seu caminho e chegaram a um

paiz onde souberam que a filha do rei estava á morte.

« Olá, carnarada, que dizes-tu, interrogou o compadre Galhofa ; parece-me um verdadeiro achado para nós. Vamos curar a princeza e estaremos livres de cuidados para o resto da nossa existencia. Vamos lá depressa. »

E como S. Pedro não se apressasse, continuou :

« Vamos, mano querido, levanta as pernas e corramos um pouco para chegar a tempo e salvar a princeza. »

Mas S. Pedro nem por isso andou mais depressa e quando chegaram ao palacio, disseram-lhes que a filha do rei acabava de expirar.

« Ora ahi está, exclamou o compadre Galhofa, tanto ralaçaste que nos fizeste perder uma fortuna. »

— Vamos, consola-te, respondeu S. Pedro ; alem de saber curar os doentes, sei tambem reanimar os defuntos.

— Que dizes ? exclamou o compadre Galhofa, pulando de alegria ; mas então se isso conseguires o rei dá-nos a metade do reino. »

Fizeram-se annunciar no castello, onde toda a côrte estava de nojo. O rei, mal soube que se compromettiam a resuscitar a filha adorada, mandou-lhes confiar o corpo. São Pedro pediu então que fizessem um bom lume e que lhe trouxessem um caldeirão cheio d'agua ; depois mandou sair todos e só guardou comsigo o compadre Galhofa. Depois

de ter feito aquecer a agua cortou os membros do corpo e fel-os ferver até que a carne se desprendesse completamente dos ossos, nos quaes pegou então para collocal-os ao lado uns dos outros, na ordem natural. Então por tres vezes disse : « Em Nome de Deus omnipotente morta, levanta-te ! »

E logo os ossos se cobriram de carnē e a princeza levantou-se mais bella e sadia do que nunca. Foi em todo o paiz uma alegria delirante.

« Peça-me a recompensa que desejar, disse o rei ; fosse até a metade do meu reino dal-a-hia de boa vontade.

— Nada quero, » respondeu S. Pedro. E apesar do compadre Galhofa o ter chamado á parte, tel-o tratado de doido e imbecil, não mudou de opinião. Mas o rei, que notou que o compadre Galhofa não partilhava os sentimentos do seu companheiro mandou-lhe encher um sacco com moedas d'ouro.

Eil-os que se retiram. Quando chegaram perto d'uma encruzilhada pararam.

« O que é que tu pensas, disse S. Pedro, se partilhassemos os presentes do rei ?

— Tal e qual, respondeu o compadre Galhofa, entregando o sacco ao companheiro. S. Pedro pôz-se a repartir em tres partes iguaes ?

— Que idéa se lhe metteu de novo na cabeça pensou o compadre Galhofa ; somos apenas dois, e elle partilha a somma em tres.

— Prompto, está tudo feito, disse S. Pedro ;

uma parte para mim, outra para ti e a terceira para aquelle que comeu o figado da gallinha.

— Oh! elle não está longe, disse o compadre Galhofa, mettendo a pressadamente duas partes no seu sacco. Fui eu mesmo.

— Vamos lá, seu maroto; tinhas bem explicado que as gallinhas não tinham figado.

— Ora essa, tomou isso a serio? Era apenas uma brincadeira, todos os animaes têm figado.

— Está dito, disse S. Pedro, guarda as duas partes e toma a minha tambem. Mas, visto que mangas commigo e que te divertes em contares-me lérias, estou farto da tua sociedade. Vamos cada qual do seu lado. Adeus.

— Como queiras, respondeu o compadre Galhofa. Adeus e boa viagem. »

Assim se separaram. « Afinal, pensou o compadre Galhofa, tive sorte em encontral-o; mas, no fim de contas, é um singular peregrino. Mais valia que nos separassemos, agora então que tenho o meu sacco cheio d'ouro. »

Esse dinheiro gastou-o em pouco tempo; como no fundo tinha bom coração, empregou tambem uma boa parte em esmolas. Em resumo, um bello dia, viu-se de novo sem eira nem beira. Não perdeu tempo em lamentações e pôz-se a caminho em busca de alguma aventura. Chegou a um paiz cujo rei acabava de perder o filho unico.

« Que sorte! disse elle. Tenho bem presente

como fez o meu companheiro e vou resuscitar o morto. Vão ainda pagar-me melhor do que para a filha do outro rei. »

Apresentou-se portanto no palacio, onde se soube que outr'ora n'um paiz vizinho a filha do rei fôra reanimada por um antigo soldado. O conselho d'Estado convocado para se saber se deviam aceitar o prestimo do compadre Galhofa para fazer o mesmo ao principe que acabava de morrer, foi de opinião que se lhe devia entregar o corpo como elle o pedia.

Tendo feito retirar todas as pessoas, cortou os membros e fel-os ferver, como vira fazer a S. Pedro. Depois, quando a carne se desprendeu completamente dos ossos, pegou n'elles e quiz arranjal-os de modo a reconstituir o esqueleto. Mas não pôde conseguil-o; depois de tel-os misturado, gritou por tres vezes : « Em nome de Deus todo poderoso, morto, levanta-te! »

Mas nada se mexeu; pronunciou de novo essas palavras, sem obter successo algum. Então, raivoso, bateu com os pés e exclamou : « Principe obstinado, levantas-te ou não, vou reduzir os teus ossos a pó! »

A estas palavras, S. Pedro, disfarçado como outr'ora, appareceu e disse :

« O que fazes ahi, mau impio! Ousas querer resuscitar um morto, sem teres arranjado os ossos na sua ordem natural!

— Meu rico camarada, respondeu o compadre Galhofa, não sei fazel-o d'outro modo : fiz o mais que poude.

— Vamos, por esta vez, ainda te vou tirar de apuros; mas se não queres ser desgraçado para o resto da tua vida não procures fazer milagres. E não julgues nem penses em pedir uma recompensa qualquer ao rei. »

S. Pedro então pôz os ossos em boa ordem, reanimou o principe, e desappareceu em seguida. O rei, a côrte e todo o paiz estavam n'uma alegria extrema; pediram ao compadre Galhofa que dissesse o que desejava como recompensa. Apesar de achar absurdo ter-lhe S. Pedro prohibido de reclamar fosse o que fosse pelo seu trabalho, recusou formular um pedido. Mas indirectamente, por meio de allusões habeis arranjou-se de modo a mandar-lhe o rei encher o sacco de moedas d'ouro.

Depois dirigiu-se para as portas da cidade, aonde S. Pedro veio ter com elle e disse-lhe : « Não te ordenei eu que não exigisses coisa alguma do rei? e eis-te com um sacco cheio d'ouro !

— Não pedi nada, respondeu o compadre Galhofa, absolutamente nada. Não tenho culpa se o rei, sem me prevenir, mandou encher de ouro o meu sacco.

— Bem, não fallemos mais em tal, replicou S. Pedro; como já te disse não tornes a ter a ousadia de tentares fazer milagres.

— Não te rales; com o dinheiro que aqui tenho, estou livre de difficuldades para o resto da minha vida.

— Bem te conheço, compadre, vaes esbanjar esse ouro tão depressa como da primeira vez. Mas, afim de que não sejas tentado a infringir as minhas ordens, vou conceder ao teu sacco a virtude de conter logo tudo quanto tu desejares que lá se ache. Agora, adeus para sempre, e porta-te bem.

— Adeus » respondeu o compadre Galhofa pensando lá comsigo : « Na realidade, mais vale não ter negocios com elle; tem umas idéas muito extraordinarias. »

Pôz-se á boa vida, atirando o dinheiro pela janella fóra; mas, como da primeira vez, os pobres tiveram a sua parte. Quando só tinha quatro vintens, pôz-se de novo a caminho. Passando em frente d'uma hospedaria, para lá entrou; e arrastado pela sua habitual leviandade achou muito engraçado gastar logo o que lhe restava, para ficar como tantas vezes estivera, isto é, sem um unico real.

Pediou portanto tres vintens de vinho e um vintem de pão. Estava em vias de encetar essa frugal refeição, quando chegou-lhe ao nariz um delicioso cheiro de pato assado, e, com effeito, entrando na cozinha, viu no forno dois patos magnificos. De repente, lembrou-se d'uma coisa que esquecera de todo, que o sacco tinha a virtude de attrahir para dentro d'elle tudo quanto o seu dono desejava.

« Vamos lá vêr, disse elle, se o camarada não enganou-me. » E, sahindo da estalagem, exprimiu o desejo que os dois patos saltassen para dentro do sacco. Immediatamente, lá appareceram. Pôz-se a caminho, e, ao chegar perto d'uma limpida fonte, parou, para provar o bello assado que apanhára.

N'este comenos passam dois pobres operarios que fitavam com olhos de inveja o pato ainda inteiro. O compadre Galhofa que sabia bem o que era a fome, teve dó e disse-lhes : « Approximem-se e tomem lá este pato. Comam e bebam á minha saúde. » Depois de mil agradecimentos, foram direitos á estalagem d'onde saíra o compadre Galhofa, e, tendo pedido pão e um quartilho de vinho, iam regalar-se com o pato.

A mulher do estalajadeiro vendo isso, e pensando que esses homens de tão miseravel apparencia não podiam ter um assado tão bom, teve uma suspeita e disse ao marido : « Vae vêr á cozinha se os nossos patos ainda lá estão. » Foi o que fez o estalajadeiro.

Quando encontrou o forno vazio, ficou persuadido que os dois operarios tinham feito mão baixa, nos patos emquanto não havia ninguem na cozinha, e, pegando n'uma vassoura, precipitou-se sobre elles, gritando : « Oh seus atrevidos! Oh seus larprios! não contentes de me roubarem os patos, vêm ainda comel-os diante de mim? »

Os outros, muito espantados, responderam que estavam innocentes; que um antigo soldado, que tinham encontrado perto da fonte proxima, lhes fizera presente d'esse pato.

« Grandes mentirosos ! replicou o estalajadeiro. Esse bravo soldado acaba de sair d'aqui; vi-o partir, e n'essa occasião os patos ainda estavam no forno. Paguem-me depressa, sem protestar, dois escudos um para cada pato.

Os outros naturalmente recusaram por não serem culpados e por não serem dinheiro. Então o estalajadeiro fez manobrar a vassoura ; felizmente puderam atinar com a porta e fugir a toda a pressa.

O compadre Galhofa, que não pensava que a sua generosidade tivesse semelhantes resultados, tinha-se posto a caminho; á noite chegou á porta d'uma pessima estalagem, em frente da qual havia um castello magnifico. Entrou e pediu um canto para passar a noite. O estalajadeiro respondeu-lhe que não tinha sequer um lugar vazio, que a casa estava cheia de gente graúda; com effeito, no pateo, achavam-se bellas equipagens.

« É singular, disse o compadre Galhofa, como é que esses senhores vieram a esta espelunca em vez de irem para o esplendido palacio em frente?

— Sim, respondeu o estalajadeiro, parece com effeito singular; mas é que no castello ha almas d'outro mundo; todos os que tentaram lá passar a noite não tornaram mais a sair.

— Se já houve quem tentasse a aventura, disse o compadre Galhofa, posso fazer outro tanto.

— Previno-o que não lhe conto lérias; póde perguntar a todos d'aqui; dir-lhe-hão que vae arriscar a vida.

— Não será a primeira vez. Dê-me de cear, e eu me encarrego de desembruxar a terra. »

Depois o compadre Galhofa dirigiu-se directamente para o castello; ceou alegremente, deitou-se sobre um banco, n'uma grande sala e adormeceu sem mais cuidados. Eis que á meia noite foi despertado por um ruído infernal, e viu nove medonhos feiticeiros, que, fazendo horriveis caretas, dansavam em roda d'elle.

« Saltem quanto quizerem, disse elle, com tanto que nenhum se approxime. »

Mas os demonios, apertando cada vez mais o circulo, começaram a bater-lhe; agarrou então no seu cajado e pôz-se a desancal-os. Lançaram-se todos a elle; um agarrou o pelas pernas, outro pelos cabellos, dois outros puxavam-no para traz; caiu, e iam estrangulal-o, quando elle gritou : « Preveni-os de não se chegarem para mim. Vamos, saltem todos os nove para dentro do meu sacco. »

Immediatamente para lá entraram e o compadre Galhofa, levantando-se, foi apertar solidamente os cordeis da boca do sacco; depois adormeceu, como se nada tivesse havido até pela manhã.

Quando o estalajadeiro, os hospedes, e o fidalgo a quem pertencia o castello maldito chegaram julgando encontral-o morto, elle veio ao encontro d'elles muito fresco e bem disposto. Foi um espanto geral. « Como então? não lhe aconteceu nada? disseram-lhe elles.

— Sim, respondeu. Nove marotos de todos os diabos quizeram matar-me; mas metti-os todos dentro do meu sacco. Vou leval-os e ficam livres d'elles para sempre. »

O proprietario do castello agradeceu-lhe, recompensou-o ricamente e offereceu-lhe um bello emprego, se quizesse ficar ao seu serviço. « Não, respondeu elle, estou muito habituado a mudar de sitio; preciso de ar livre, espaço e aventuras. » Despediu-se então e dirigiu-se para uma forja. Tendo posto o sacco sobre a bigorna, pediu ao ferreiro e aos ajudantes para baterem em cima com toda a força. Quando souberam do que se tratava, bateram com effeito com furia. Os diabos soltaram gritos terriveis, por fim calou-se tudo. O compadre Galhofa então abriu o sacco; oito demonios jaziam sem vida; o nono, que soubera abrigar-se conforme pudera na dobra do coiro, saltou para fóra e, sem esperar por mais safou-se para o inferno.

O compadre Galhofa recommçou a sua vida vagabunda, e teve ainda muitas aventuras que seria longo contar. Assim chegou á velhice e desejando ter um bom fim, foi procurar o sancto ermita e

disse-lhe : « Estou cansado de correr o mundo e queria agora preparar-me a ganhar o paraíso.



— Meu filho, disse o anachoreta, a uns passos d'aquí encontram-se duas estradas. Uma é larga, plantada d'árvores muito copadas; a outra é um atalho estreito, arduo, pedregoso e onde o sol sem cessar dardeja os seus raios. Vae e escolhe um

d'esses dois caminhos; lembra-te, porém, que é sómente com trabalho e penas que se alcança o céo.

O compadre Galhofa fez como o ermita lhe dissera; ao chegar ao encruzamento dos dois caminhos, a sua incessante leviandade mais uma vez predominou e por instincto tomou pela bella estrada facil. No fim d'um certo tempo chegou a um portão todo preto, que era o do inferno. Bateu á porta. O demonio que estava n'esse dia de guarda no cubiculo era o unico sobrevivente dos nove diabos do castello, o mesmo que escapára com alguns ferimentos ás marteladas do ferreiro. Assustado ao vêr o compadre Galhofa, em vez de abrir a porta, pôz logo todos os ferrolhos, e foi avisar toda a sequella do diabo que estava á porta um latagão que queria dar cabo d'elles. A banda dos demonios veiu logo e disse-se ao compadre Galhofa que jamais o deixariam entrar no inferno.

« Comtudo tenho de me abrigar em alguma parte, » dizia elle, e voltando para traz foi tomar o atalho arduo que o levou ás portas do paraiso. Lá bateu e S. Pedro veio abrir.

« Olá, és tu camarada, disse o compadre Galhofa; eis-me em terra conhecida. Deixa-me entrar.

— Ora essa, disse S. Pedro, só cá vens depois de seres corrido de toda a parte; se te tivessem aberto a porta do inferno, lá estarias agora. Nada,

não fizeste bastante penitencia pelos teus peccados. Não te podemos aqui receber.

— Está bem, replicou o compadre Galhofa, se é assim que te comportas para com um velho amigo, nada mais quero ter de commum contigo; toma lá, o sacco ao qual deste a virtude que lá sabes. Toma o teu presente. » S. Pedro sorrindo para comsigo de o vêr amuado pegou no sacco e pendurou-o ao seu lado. Immediatamente o compadre Galhofa desejou lá achar-se, e no mesmo instante, arrastado milagrosamente atravez a fenda da porta entrou no paraiso. S. Pedro tendo tudo contado a Deus que sabia que o compadre Galhofa tinha no fundo bom coração, deixou-o lá ficar socegado.



JOÃO O VALENTE

Era uma vez um bom homem mais a sua mulher; tinham um unico filho, um rapaz chamado João. Viviam n'um valle afastado e cultivavam um pequeno campo.

Um dia a mulher foi á floresta para apanhar lenha; levou comsigo o Joãosinho que tinha apenas tres annos. Era na primavera; a criança corria contente por aqui e acolá, colhendo violetas, lirios e outras lindas flôres. E assim se metteram cada vez mais pela floresta do que costumavam.

De repente, dois ladrões saíram detraz d'uma grande arvore, e apoderando-se da mulher e da criança, obrigaram-nas a vir com elles até ao fundo do bosque, onde havia annos ninguem penetrara ainda. A pobre mulher fartou-se de rojar-se a seus joelhos, de supplical-os de os deixar

voltar para juncto do marido; os ladrões tinham um coração de pedra e não se sensibilisaram com as suas lagrimas e antes a ameaçaram de a bater se não andasse para a frente.

Depois de terem andado durante duas horas atravez das bouças e moitas, chegaram ao pé d'um rochedo, onde occulta pela hera haviam praticado uma portasinha. Os ladrões ahi bateram; e logo vieram abrir. Entraram e depois de ter atravessado um grande corredor muito estreito, penetraram n'uma vasta caverna, que estava allumiada por uma grande fogueira. Nas paredes estavam dependuradas espadas, laminas e outras armas que luziam á luz das chammas; no meio estava uma mesa onde mais quatro ladrões com o capitão estavam sentados, entretidos a jogar ás cartas. O capitão levantou-se e veio consolar a mulher que tremia como varas verdes; disse-lhe que precisava d'alguem para a limpeza da casa e para lhes fazer a cozinha, e que d'ora ávante seria ella encarregada d'esse trabalho; que no fim de contas seria bem tratada e comeria melhor do que em sua casa, e, conduzindo-a por uma fenda de rochedo, fel-a entrar n'uma outra caverna mais pequena, onde estavam um leito e alguns moveis, e que lhe devia servir de quarto para ella e o filho.

Teve de se resignar. A mulher limpava a caverna e cozinhava as iguarias que os ladrões lhe traziam. Passaram-se assim annos; João crescia e

tornava-se d'uma força extraordinaria. Dentro em pouco tinha esquecido o pae e tudo quanto vira e conhecera antes de ter sido fechado n'esse covil.

A mãe justamente não lhe fallava em coisa alguma, para que elle não pedisse para sair, a que os ladrões nunca teriam consentido; ensinou-lhe a lêr n'um velho livro de aventuras cavalherescas que encontrára n'um armario, e que estava todo cheio de descripções de grandes batalhas o que muito divertia o Joãosinho.

Quando o pequeno fez nove annos, talhou n'um grande ramo de carvalho um forte cajado que escondeu debaixo da cama. Depois disse á mãe: « Diga-me lá, rica mamã, quem é o meu pae e onde está elle? Quero sabel-o, absolutamente sabel-o. »

A pobre mulher não respondeu. « De que servirá dizer á criança o que se passou, pensou ella. Só pensará então, em ir ter com o pae, e esses maldictos ladrões não o deixarão de certo sair d'aqui. Não, decididamente isto vae tornal-o muito infeliz. »

Mas tinha o coração prestes a rasgar-se. João não conheceria jamais o pae, que os chorava sem duvida a ambos como mortos. A noite, quando os ladrões entraram com uma rica presa João, tendo-se armado do cajado, veio collocar-se diante do capitão e disse:

« Quero saber quem é o meu pae. Diga-m'ó já ou dou cabo de você com este pau. »

O capitão rebentou a rir e deu uma tal bofetada no João que este foi rebolar a dez passos. João levantou-se em silencio, pensando que ainda era preciso esperar um anno até adquirir bastante força para dar cabo dos ladrões: « Em todo o caso torno a experimentar, » dizia elle para consigo.

No fim d'um anno, retirou o cajado do esconderijo onde o tinha posto, limpou-lhe o pó e exercitou-se a manejal-o com ligeireza. À noite os ladrões fizeram um festim enorme, despejaram grandes garrafas de vinho, e tendo-se por fim embriagado completamente, adormeceram no chão por debaixo da mesa. João n'este momento agarrou no pau e, despertando o capitão, perguntou-lhe novamente quem era o seu pae. O ladrão applicou-lhe, como da primeira vez, uma boa bofetada. João caiu no chão; mas levantou-se logo e fez chover sobre o capitão e os ladrões que vinham ao soccorro do seu chefe, uma tal saraivada de pancada que no estado de embrutecimento em que se achavam não souberam evitar. Moídos de pancada caíram uns após outros, como mortos.

A mãe assistia n'um canto a esse curioso espectáculo, cheia de admiração pelas proezas do seu corajoso filho, que, depois de deitar por terra sem movimento o ultimo ladrão, veio ter com ella e lhe disse : « Bem vês minha mãe, que é serio.

Metteu-se-me na cabeça saber quem era o meu pae. Por tanto tens de m'ó dizer.

— Meu adorado João, respondeu ella, é preciso primeiro sair d'aqui e depois iremos á sua procura. »

Tirou da algibeira do capitão, sem difficuldade a chave da porta da caverna, João apoderou-se d'um grande sacco onde amontoou ouro, prata e joias que retirara do bahú onde os ladrões armazenavam o producto das suas rapinas. Carregou com o sacco ás costas e seguiu a mãe pelo corredor da entrada. Quando ella abriu a porta e que se viram lá fóra, em plena luz do dia, João ficou como que petrificado ao vêr pela primeira vez o sol, as arvores, as flôres, ao ouvir os cantos melódiosos dos passarinhos.

Depois de ter assaz admirado esse espectáculo, a mãe levou-o a travez da floresta; acabou por atinar com o caminho e por descobrir o atalho que ia até a sua casinha.

Quando já estavam quasi perto, viu o marido sentado á porta, com a cabeça baixa e mergulhado na dôr que lhe causava sempre o desapparecimento da sua mulher e do filho que julgava terem sido devorados pelos lobos. Qual não foi o contentamento do pobre homem, quando os dois queridos seres do seu coração se lançaram nos seus braços.

Choraram todos de alegria; o pae não cessava

de admirar o seu João, que, apesar de só ter doze annos, era já mais alto do que elle e que parecia ser forte como um turco. Entraram para dentro da casinha, João poisou o sacco sobre um banco, que se quebrou com o peso; o sacco extremamente pezado, como se póde julgar, arrombou, ao cair, o soalho e foi rolar até á adega.

« Sancto Deus, exclamou o pae, o que aconteceu? Lá temos a nossa pobre cabana estragada. E não tenho um real sequer para a mandar arranjar.

— Console-se, meu pae, disse João, n'esse sacco, ha bastante para construir cem casas como esta. »

E com effeito, quando foram buscar o sacco, o pae viu o rico thesouro que elle continha.

No dia seguinte foi comprar nos arredores uma bella propriedade, com terras esplendidas e com numerozo gado. Como toda a vida trabalhára não quiz ficar de braços cruzados. Portanto cultivou elle proprio a sua quinta e ensinou a João o modo de lavrar. O bravo rapaz saiu-se tão bem, que, quando auxava a charrua, os bois quasi que não tinham de fazer força, por tal modo manejava o instrumento com vigor.

Viveram assim alguns annos no meio d'uma felicidade tranquillã. Mas um bello dia, João disse ao pae : « Dou-lhe a quinta e tudo mais que comprou com o meu dinheiro; prepare-me apenas com

um tronco de carvalho, um bom cacete que pese pelo menos uns vinte e cinco kilos. Depois irei pelo mundo fóra em busca de aventuras.

Quando obtive o dito cajado, que o pae mal podia levantar com as duas mãos, despediu-se dos paes e tomando pela primeira rua lá foi direito por ella fóra. Ao chegar a uma vasta e sombria floresta ouviu um ruido singular, um forte estalar; olhou em volta de si e avistou um latagão que, acocorado no chão, estava a torcer dois pinheiros para fazer uma corda grossa; manejava-os como se fossem simples varas de vime.

« Olá! gritou João, o que fazes?

— Arranquei hontem uns grandes carvalhos, respondeu o outro, e estou fazendo uma corda para os atar e os ir vender.

— Vamos, deixa esse officio, disse João e vem comigo.

— E com prazer; aborreço-me aqui n'esta solidão. « disse o torce-pinheiros. Foi assim que João o alcunhou.

Levantou-se e viu-se que era mais alto do que o João, que comtudo tinha a estatura d'um tambor-mór. Metteram-se pela floresta; de repente sentiram tremer a terra, e ouviu-se um ruido como se tivesse caído um raio. Approximaram-se e viram um gigante, que dava murros n'um enorme rochedo para arrancar grandes bocados de pedra. Interrogado pelo João, disse que até então dormia

ao ar livre; mas que havia algum tempo, ursos, lobos e outros bichos vinham farejal-o durante o somno.

« Esses terríveis animaes, accrescentou elle. não se atrevem a morder-me, mas accordam-me. Por isso vou construir uma casa, onde poderei dormir de noite socegado. Como vêm, estou ahi talhando pedras para a construir.

— Vem antes comnosco, quebra rochedos, disse o João; os tres junctos seremos bastante fortes para conquistar um reino.

— D'accordo, » respondeu o gigante, e eis-os a caminho, sempre atravez da floresta, que não tinha fim. A vêl-os, os animaes ferozes fugiam espavoridos.

Pela noitinha chegaram a um velho castello abandonado e meio em ruinas; entraram para lá e passaram a noite. No dia seguinte, João desceu ao antigo jardim onde só haviam hervas e espinhos. De repente um jaralí enorme precipitou-se sobre elle; mas João só com uma cajadada matou-o logo. Pôz n'um instante o pesado animal ao hombro e levou-o para o castello. Com a ajuda dos companheiros, esfolou o animal e, tendo posto a metade no espeto, fizeram um festim succulento.

Decidiram então que cada qual por sua vez ficaria, no castello a cozinhar, emquanto os outros dois iriam caçar. No primeiro dia ficou o torce-pinheiros encarregado de preparar o jantar;

emquanto vigiava o assado, viu entrar um velhinho, todo encarquilhado, que lhe disse ter muita fome e desejar um pedaço de javali.

« Sae já d'aqui para fóra, respondeu o outro, um aborto como tu não tem precisão de carne. »

Mas, d'um só pulo, o anão salta para cima d'elle, deita no chão o torce-pinheiros e enche-lhe a cara de murros, até elle pedir perdão, não podendo já respirar.

O velho ainda lhe deu por cima mais uns pontapés e retirou-se tendo assim passado a furia.

O desancado levantou-se, todo moido; mas, quando os outros dois entraram, trazendo um veado, não lhes contou a sua desgraça. « Se o velho voltar, pensou elle, mais vale que não saibam a força que elle tem, e que apanhem tambem alguns murros seus. » E regosijava-se com a idéa que os outros receberiam igualmente a sua carga.

Com effeito, no dia seguinte, o quebra-rochedos tendo ficado no castello, recusou igualmente um pouco de carne ao velhinho, que viera pedil-a com delicadeza; foi tão mal tratado como o torce-pinheiros. Quando este entrou á noitinha, viu que o companheiro tambem tivera a sua conta. Disse-lhe uma palavra a esse respeito, accrescentando : « Silencio! não caias em avisar o João. Não seria divertido, se elle só escapasse aos muros d'esse maldicto anão. »

No dia seguinte, era a vez de João a preparar a

comida e a assar o veado. Entrou o velhinho e pediu como das outras vezes um bocado do assado.

« É um pobre diabo, pensou o João; vou dar-lhe um pouco do meu quinhão para não prejudicar os outros. »

E cortou-lhe uma bella fatia do seu quinhão; o anão depois de a ter devorado pediu mais outra. João deu-lhe ainda um outro bocado maior. O velho depois de o ter comido, voltou pela terceira vez á carga.

— Meu amigo, disse João, agora basta; és muito indiscreto. »

O anão então, furioso, atira-se a João, para o maltratar como fizera aos outros; mas, d'esta vez, enganára-se de força. João applicou-lhe duas bofetadas terriveis; o anão, ganindo de dôr, safou-se pela escada do castello abaixo. João, pensando que elle ainda não estava bem fustigado, correu atraz d'elle, mas tropeçou contra a raiz d'uma arvore. Quando se levantou, o anão tinha tomado a dianteira, João comtudo seguiu o atravez da floresta até perto d'um rochedo, onde o anão desapareceu subitamente por uma abertura.

João notou bem o sitio, e voltou para o castello. Quando os companheiros voltaram á noite da caça, ficaram bastante admirados de encontral-o bem disposto como de costume; contou-lhes a aventura do anão, e elles pela sua vez não fizeram

mais mysterio do que lhes tinha acontecido.

— É muito bem feito, disse João a rir. Porque não lhe deram uma pequena porção do seu jantar? Ora essa, que grandes palermas, deixaram-se então espancar d'esse modo por um anão? Mas eu vou vingal-os. Amanhã partiremos á sua procura. »

João foi inspeccionar o sitio por onde desapparecera o anão, e reconheceu que a fenda do rochedo ia dar a um poço sem agua. Então o torcepinheiros fez logo uma corda, enquanto João preparava um cesto.

Depois dirigiram-se os tres até ao rochedo, e João pondo-se dentro do cesto, foi descido pelos companheiros até ao fundo do poço. Ahi encontrou uma porta de ferro, solidamente fechada; mas com uma cacetada, fel-a voar em estilhaços.

Entrou n'uma vasta salla; no meio estava sentada uma menina d'uma belleza resplandecente, e coberta de cadeias pesadas; ao lado d'ella estava acocarado o maldicto anão que ao ver João, fez uma careta medonha de raiva. A jovem fitou João por modo tão triste, que elle logo se sentiu cheio de compaixão por ella, resolvendo libertal-a da tyrannia do anão. Deu-lhe algumas pauladas e matou-o. Depois retirou as cadeias que prendiam a menina.

Disse-lhe então ella que era filha d'um poderoso rei; mas que tendo recusado casar com um

horrível feiticeiro esse a raptara, fechando-a no subterrâneo confiado á guarda do anão. Então



João fez-a entrar no cesto; os dois companheiros prevenidos retiraram-na do poço, e depois fizeram descer outra vez o cesto. João, quando ia para abrir lembrou-se que os dois sujeitos não eram lá

muito francos, que já lhe tinham occultado a aventura do anão. Portanto, desconfiando, só pôz o cacete no cesto; e fez bem; depois de terem subido o cesto até meia altura do poço os companheiros deixaram-no cair de repente, pensando que se era o João que lá estava dentro, morria com semelhante queda e livres d'elle poderiam reclamar ao pae da menina uma recompensa por tel-a libertado.

O valente João escapára felizmente á morte; mas estava muito atrapalhado para encontrar um meio de sair do poço. Depois de muito matutar ia entregar-se a um completo desanimo quando remexendo tudo na salla viu brilhar no chão uma luz estranha : abaixou-se e viu que era uma pedra encastada n'um anel que o anão trazia no dedo. Ferido por uma idéa subita, pegou no anel, e voltou-o, como se deve fazer com um anel magico. De repente, ouviu um ruido singular, e viu apparecer muitos espiritos aereos que lhe disseram ter-se elle tornado agora seu amo pela posse do anel e perguntaram o que elle queria.

João ainda um pouco estonteado por tão feliz sorte que o salvava d'uma morte quasi certa, mandou-os tiral-o do poço. Sentiu-se logo levado como se tivesse azas. Ao chegar á luz do dia não vio nem os companheiros perfidos, nem a jovem princeza ; correu até ao castello : tambem ninguem.

João voltou outra vez o anel e os espiritos

tendo-se logo apresentado diante d'elle, perguntou-lhes o que era feito dos companheiros e da princeza.

« Vão agora atravessar o rio que está a uma legua d'aqui. »

João para lá voou e ao chegar á margem viu o torce-pinheiros e o quebra-rochedos, levando a princeza banhada em lagrimas, dentro d'uma barca e remando os dois para a margem opposta. Fulo, atirou-se á agua para os perseguir sem reflectir que se tinha uma força prodigiosa em compensação não sabia nadar; além de que o cacete guarnecido de ferro com o seu peso arrastava-o para o fundo. Ia afogar-se quando teve a presença de espirito de voltar muito depressa o annel. Immediatamente os espiritos tiraram-no d'agua e transportaram-no para a barca como elle o ordenára.

Então fazendo um terrivel sarilho com o pau atirou com os dois companheiros para o rio. Pegou depois nos remos e tendo alcançado a outra margem conduziu a princeza ao pé do rei, seu pae. O principe que tinha só essa filha e que depois da sua desappareição estava engolphado em negro pezar ficou contentissimo. João desposou a linda princeza e foi mais tarde o rei do paiz. Mandou vir para juncto de si o pae e mãe e deu-lhes um magnifico castello onde viveram felizes durante muitos annos.

OS SEIS HOMENS

QUE CONSEGUEM TUDO

Era uma vez um valente soldado que se chamava Martinho; tinha-se comportado corajosamente durante a guerra e arriscado muitas vezes a vida.

Feita a paz, deram-lhe baixa e para voltar para a terra recebeu apenas alguma moeda miuda. Foi reclamar ao rei que o mandou passear. « Ora espera, disse elle lá para comsigo furioso, trata-me assim! Pois bem tenho cá na idéa que hei de encontrar gente para te obrigar a entregar-me os thesouros do teu reino. »

E foi-se embora. Atravessando uma floresta viu um homem que arrancava arvores enormes tão facilmente como se fossem nabiças. « Queres

entrar ao meu serviço, disse-lhe elle, e vires em busca de aventuras? »

— Não digo que não, respondeu o outro, mas deixa-me primeiro levar á minha mãe a provisão de lenha para o inverno e depois tens-me ás ordens.

Então carregou ás costas com seis carvalhos dos maiores e levou-os muito satisfeito sem mesmo vergar com o peso. D'ali a pouco voltou e então puzeram-se ambos a caminho. Ao sair do bosque, viram um caçador de joelho em terra e apontando; mas por mais longe que se olhasse não se via nem sequer amostra de caça.

« Que fazes tu ahí? disse-lhe Martinho.

— A duas leguas d'aqui, respondeu elle, está um moscardo a atormentar um cavallo, ora eu quero matal-o sem ferir a sua victima. »

E disparou o « Olha, disse-lhe Martinho, o atirador da tua força, faz-me muita conta, queres vir comnosco? »

O outro aceitou de boa vontade. Mais adiante acharam-se em presença de sete grandes moinhos de vento que andavam furiosamente e no emtanto não havia no ar a mais pequena brisa.

Depois de terem contemplado maravilhados este espectáculo, continuaram o caminho. Ao cabo de uma hora, viram empoleirado n'uma arvore um homem que tapava uma das ventas com o dedo ao passo que assoprava com a outra.

Em que te divertes-tu? disse-lhe Martinho

— Faço andar os moinhos de vento que estão a uma legua d'aqui. Devem ter passado ao pé.

— Com effeito; disse Martinho. É muito habil, mas os meus dois criados que aqui vês também o são bastante. Vem comnosco e os quatro reunidos havemos de fazer proezas. »

A proposta agradou ao outro que logo desceu da arvore e os acompanhou. Um pouco mais adiante encontraram um homem muito alto e muito magro que estava só n'um pé ao passo que amarrava o outro com uma correia.

« Que diabo estás-tu ahi a fazer? perguntou-lhe Martinho.

— Sou andarilho de profissão, respondeu elle, e quando tenho as duas pernas livres ando mais depressa do que vôam os passaros.

— O que, replicou Martinho, com semelhante talento não fazes melhor figura no mundo. Vem comnosco e farás fortuna. »

O andarilho aceitou. Mais adiante viram um homemsinho muito gordo que tinha o chapéu todo inclinado sobre a orelha direita.

« Que cara mais engraçada que tu tens, disse-lhe Martinho; põe o teu chapéu convenientemente sobre a cabeça; são capazes de te julgar bebado ou doido.

— Não digo que não, respondeu o outro, mas se me cobrisse a cabeça como as outras pessoas,

em volta de mim haveria um frio tão intenso que os pobres passarinhos cahiriam no chão, mortos, gelados.

— Oh que preciosa virtude! Vem conosco e havemos certamente de aproveitá-la. Os seis juntos conseguiremos tudo. »

A coisa não desagradou ao gorducho e dirigiram-se então para a capital. Ouviram anunciar ao som da trompa que a filha do rei desafiava todos os homens a correr; aquelle que a vencesse casaria com ella, mas se fosse vencido teria a cabeça cortada. Martinho foi ao palacio declarar que aceitava o desafio, mas que mandaria correr em seu lugar um dos seus criados.

« Como quizeres disse o rei; mas então também elle arrisca a vida e se fôr batido, terão ambos a cabeça cortada. »

Ficou tudo marcado para o dia seguinte.

Encontraram-se ao pé da cidade, no meio de uma multidão de curiosos. Era preciso ir encher uma bilha com a agua particular de uma fonte situada a uma legua de distancia e de a trazer cheia até ao ponto de partida.

A princeza desceu do estrado onde estava reunida a côrte; o andarilho tirou a correia que prendia uma das pernas e collocou-se ao seu lado; ambos receberam uma bilha; depois, ao signal, partiram ambos.

A princeza corria tão depressa como um galgo,

mas o seu adversario ia como o vento e no espaço de vinte segundos desapareceu aos olhares dos



assistentes. Mais alguns segundos ainda, e chegou á fonte. Encheu a bilha e voltou para traz. Mas o calor era suffocador e como tinha um grande avanço, julgou poder tomar alguns instantes de repouso; estendeu-se na relva, para fazer uma

somnéca, tendo tido a precaução de pôr debaixo da cabeça um tronco d'arvore para não dormir muito tempo por ser travesseiro duro.

No intervallo a princeza tambem chegara á fonte, enchera a bilha e voltava tambem quando viu o adversario sempre adormecido; aproximou-se d'elle muito devagar, despejou a bilha que elle puzera a seu lado e foi-se embora sem se apressar, segura então da victoria.

Martinho e os companheiros estavam perplexos de nem sequer verem apparecer ao longe o seu campeão; o caçador então que tinha um olhar de lynxe, olhou com muita attenção para a fonte e descobriu-o sempre a dormir. Então apontando a espingarda disparou com tal certeza que a balla veiu sem tocar no andarilho tirar-lhe o tronco d'arvore sobre o qual tinha a cabeça.

O andarilho accordou levantou-se e viu logo de que se tratava. Sem perder a cabeça correu como uma sétta para a fonte e voando sempre como o vento voltou ao ponto de partida. Ao passar ao pé da princeza, essa fez esforços sobre humanos para chegar primeiro; mas ainda lhe faltavam uns dez minutos.

Quanto ao vencedor nem sequer soprava, mas confessou que lhe fôra preciso levantar um pouco as pernas para ganhar o tempo perdido.

A princeza estava desconsolada com a sua perda; o rei tambem estava desconsolado de ser

obrigado a dar a mão da filha a um simples soldado, a um villão sem origem, nem fortuna.

Tendo reflectido por que modo podia faltar á sua palavra, exclamou de repente : « Consola-te, minha filha! Achei; amanhã estaremos livres d'esses marotos. »

Depois, dirigindo-se a Martinho, felicitou-o pela sua victoria e disse que ia offerecer a elle e a seus companheiros um jantar opiparo. Mandou-os entrar para uma sala destinada de costume a guardar os thesouros e que, para não ser exposta a incendios, era toda construida em ferro. As janelas estavam guarnecidas de fortes grades de ferro.

Depois do festim, no momento da sobremesa o rei mandou fechar a porta á chave e accender sob o soalho um fogo de inferno; mandou aquecer até que o ferro com que era construida a sala estivesse rubro durante uma hora.

Em breve, Martinho e os seus companheiros sentiram um calor intoleravel; pensaram primeiro que era o resultado dos vinhos deliciosos que lhes tinham offerecido para beber. Mas d'ali a pouco, o ar estando cada vez mais suffocante quizeram sair; viram que estavam presos e que o rei queria fazel-os perecer miseravelmente.

« O maroto não contou comigo, disse então o gorducho », e ao mesmo tempo enterrou o chapéu até as orelhas. Immediatamente produziu-se um

frio que venceu o fogo a ponto das comidas que ainda ficavam gelarem e os convidados tremerem o queixo.

Ao cabo de uma hora o rei mandou abrir a porta, esperando ver Martinho e os seus companheiros, completamente calcinados; mas precipitando-se para fóra da sala gritaram : « Uma casa de jantar fresca é de certo agradável; mas Vossa Magestade exagerou um pouco; tivemos frio de-veras. Veja, o que resta ainda da comida está tudo gelado. »

O rei conteve a custo a sua furia; mandou chamar secretamente os criados encarregados de fazer um fogo para assar um boi e ameaçou-os de os mandar enforcar por não terem cumprido as suas ordens. Mas elles levaram-no ao pé do forno que estava por debaixo do quarto de ferro e onde ainda ardiam muitos troncos d'arvore.

O rei percebeu então que Martinho e os seus, não eram gente qualquer e que possuíam dons particulares e que seria melhor entender-se a bem com elles. Perguntou-lhes, portanto, quanto ouro queriam para renunciar á mão da princeza.

« Quero tanto quanto um dos meus criados puder levar, respondeu Martinho. Voltarei d'aqui a quinze dias; até lá póde reunir todo o ouro que possuir, prata e baixella; e talvez não chegue.

O rei não fez caso d'estas palavras, tomando-as

por um gracejo. Mas Martinho mandou chamar todos os alfaiates do paiz e occupou-os durante quinze dias a fazer um sacco enorme de panno muito forte. No dia marcado, voltou ao palacio com o companheiro que arrancava arvores como se fossem simples nabiças e ao qual entregára o sacco que só por si fazia um fardo do tamanho de uma casa.

Ao vêr isso, o rei que primeiro julgava vêr-se livre com alguns milhares de moedas d'ouro, ficou muito assustado. Mandou vir uma pipa d'ouro; dez moços vigorosos empurravam-na a custo; mas o criado de Martinho pegou n'ella só com uma mão e metteu-a no sacco. Fez outro tanto á segunda e á terceira pipa. Todo o thesouro do rei teve a mesma sorte e o sacco estava apenas a meio.

Então o rei foi obrigado a exigir dos seus subditos, para resgate da filha todo o ouro que possuíam. Vieram duzentos carros carregados até acima. O companheiro de Martinho metteu tudo, ouro e carros para dentro do sacco que d'esta vez estava quasi cheio, amarrou-o com um cabo e atirando com ligeireza para cima dos hombros foi-se embora com o amo e os outros companheiros.

Voltando a si do primeiro espanto, o rei entrou n'uma violenta colera, vendo partir todos as riquezas do reino. Mandou montar a cavallo dois regimentos de cavallaria e deu-lhes ordem de per-

seguir Martinho, de lhe tirar o sacco e tudo quanto elle contivesse.

Quando os soldados alcançaram os nossos seis companheiros, cercaram-nos e gritaram-lhes de abandonar já o sacco e fugirem sem mais explicações; senão seriam presos ou massacrados se resistissem.

« Atrevem-se a querer prender-nos! disse rindo ás gargalhadas aquelle que assoprava com tanta força e tapando com o dedo uma venta fez sair da outra um tal furacão que cavallos e cavalleiros foram pelos ares em todas as direcções. Houve um official que ficou pendurado a uma arvore; gritou que sempre se batera valentemente, recebera nove ferimentos na guerra e não merecia ser atirado pelos ares como uma palhinha. Martinho reconheceu que a reclamação era justa e ajudou o bravo a descer da arvore. « Volta para juncto do teu rei, disse-lhe elle, e faz-lhe vêr que mesmo mandando contra nós todo o exercito o meu creado em breve o dispersaria.

O rei reconheceu que todo o seu poder era sem effeito sobre estes homens e nunca mais os importunou. Martinho repartiu com os companheiros o ouro do sacco e apesar de terem vivido muito velhos nunca chegaram a ver-lhe o fundo.

OS SETE CORVOS

Era uma vez um bom homem que tinha sete filhos, todos rapazes; desejava muito ter uma filha. Algum tempo depois a mulher deu á luz uma menina encantadora, mas tão mimosa, tão fina que se receou não vivesse e decidiram que, o cura achando-se ausente era preciso baptisá-la já.

O pae mandou então um dos filhos buscar agua pura á fonte; a criança partiu a correr e os seis irmãos acompanharam-a. Quando a bilha estava cheia, começou uma discussão para saber quem a havia de levar, cada qual pretendendo ter melhores pernas do que o vizinho; no meio d'essa discussão a bilha caiu e quebrou-se. Os garotos, atrapalhados, não se mexiam d'ali não se atrevendo a voltar para casa e arrostar a colera do pae. Este, com effeito, estava furo; tinha medo que

a pequena morresse sem ter sido baptisada « Estes marotos, dizia elle, já cá deviam estar ha muito tempo; estão de certo a brincar e esqueceram o que lhes pedi ».

Depois, no fim de algum tempo, as crianças não apparecendo ainda, o pae que já não cabia em si de furia soltou uma terrivel praga, amaldiçoou-os e disse : « Deus permitta que esses patifes sejam mudados em corvos. »

Ainda palavras não eram ditas que nos ares ouviu-se um bater d'azas; chegou á janella e viu sete jovens corvos, muito pretos, passar por cima da casa e voarem para muito longe.

Por mais que se arrependesse o mal já estava feito; já não estava na sua mão destruir a maldicção lançada. A mãe quasi ia morrendo de tristeza; felizmente a menina adquiriu forças e cresceu de dia para dia mais em belleza e gentileza; era a unica consolação dos paes. Para a não entristecer não lhe contaram que tivera irmãos; mas um dia um máo vizinho disse para a criança que lá no fundo ella era a culpada da desgraça dos irmãos. Muito afflicta, foi ter com a mãe e pediu-lhe a explicação d'estas palavras. Então já não havia meio de lhe occultar a verdade. Para a socegar os paes disseram-lhe que fôra uma fatalidade e que apezar de ter sido por causa d'ella que os irmãos tinham sido mudados em corvos, ella comtudo era innocente.

Mas a pequena tinha uma consciencia tão delicada que estas palavras não conseguiram tranquillisal-a; pensou que era o seu dever absoluto, ainda que fosse ao fim do mundo, ir á procura dos seus irmãos para quebrar o encanto que pesava sobre elles. Esta idéa não a deixava socegar e um dia abandonou furtivamente a casa levando só um anel, presente dos paes, um pão, uma faquinha, uma borracha com agua e uma cadeira para sentar-se quando estivesse cançada.

Percorreu assim o universo em todos os sentidos, soffrendo fome e sêde e correndo muitos perigos; mas anjos bons a protegeram e não lhe aconteceu desgraça alguma. Um dia, que vendo todas as suas penas baldadas, chorava amargamente, appareceu-lhe um anjo do céo e disse : « Teus irmãos moram na montanha de vidro que está a dois dias de jornada para o norte. Eis um ossinho que tem a virtude de abrir a porta da montanha ».

A criança encheu-se de coragem e apressou-se em chegar á montanha de vidro; estando defronte da porta, que era de crystal espesso, quiz pegar no osso que lhe dera o Anjo; tinha-o perdido no caminho. Chorou amargamente; depois teve uma idéa e cortou o dedo minimo, sem hesitar, para ver se o osso não poderia substituir o outro para abrir a porta.

Apenas o introduziu na fechadura que as duas

portas se abriram; entrou immediatamente. Um anãosinho deteve-a perguntando-lhe o que queria.

« Procuo os meus irmãos os sete corvos », respondeu ella.



— São os meus amos, replicou o anão, foram passear, mas não vão tardar a recolher; vou pôr a meza para a ceia.

E tendo posto sete pratos e sete cópos sobre a meza serviu a comida e a bebida para a refeição

da noite. A rapariga tirou um bocado a cada quinhão e bebeu um golo em cada copo e no ultimo deixou cair o anel, em seguida retirou-se para o quarto ao lado.

De repente ouviu-se um croar e um bater d'azas; eram os sete corvos. Tinham muita fome e sentaram-se logo á mesa. Mas todos a um tempo disseram : « Quem tocou no meu prato, e no meu copo? Foi certamente uma boca humana ».

O septimo despejou o copo e viu no fundo o anel; pegou-o no bico e todos reconheceram que vinha do pae e da mãe.

« Oh, sancto Deus, disse um, como póde este anel ter vindo aqui parar. Se fosse a nossa irmã-sinha que o trouxera e que nos viesse beijar, o encanto, que causa o nosso desgosto, estaria quebrado! »

Ao ouvir estas palavras a rapariga que estava atraz da porta appareceu e beijou e abraçou ternamente os seus irmãos. No mesmo instante voltaram á fórmula natural. Qual não foi a sua alegria, bem o podem imaginar.

No dia seguinte voltaram para casa, levando as algibeiras cheias com os thesouros que continha a montanha. Encontraram os paes que foram bem pagos do cruel pezar em que viviam desde a partida da filha.

ALVA-NEVE

Era no inverno, e os flocos de neve caíam do céu como fina pennugem. Uma rainha, nobre e bella, estava ao pé da janella aberta do palacio; bordava e ao mesmo tempo olhava os flocos balouçarem-se docemente no ar; picou-se o dedo com a agulha e tres gottas de seu sangue purpurino caíram na neve. E produziu um effeito tão lindo de côres, o branco picado de vermelho e realçado pela negra moldura da janella que era de ebano que a rainha disse para comsigo : « Desejava ter uma filha cujo rosto branco de neve levemente carminzado seria emmoldurado de preto! »

Algum tempo depois teve uma menina cuja tez era tão deslumbrante como a mais pura neve, realçada pelo vermelho claro e os cabellos negros como o ebano. Chamaram a criança Alva-Neve; tinha apenas mezes quando a mãe falleceu.

O rei, seu pae, casou, em segundos nupcias, com uma princeza de grande belleza, mas de um orgulho infernal; não podia supportar a idéa que havia alguém mais bonita do que ella.

Possuia um espelho magico no qual se mirava e admirava a miudo; e então dizia :

« Espelho, gentil espelho, quai é a mais bella de todo este paiz? »

Havia já annos que uma voz, por detraz do espelho, respondia : « Princeza sois vós a mais bella! » Sentia-se feliz; porque sabia que o espelho só podia dizer a pura verdade. No emtanto Alva-Neve crescia e augmentava em belleza e graça; quando teve sete annos era tão bella como o dia.

Um dia a rainha, sua madrasta, consultou como de costume o espelho, que respondeu-lhe :

— « Real senhora, sois muito bella, mas Alva-Neve é-lo mil vezes mais. »

Estremeceu de raiva e fez-se verde de ciumes. Desde então quando via Alva-Neve, que todos adoravam pela sua gentileza, tinha crises de furia; seu orgulho magoado não a deixava em descanso e perdeu o somno. Emfim já não podendo mais, mandou vir um caçador do seu sequito e disse-lhe : « Não quero mais tornar a vêr a princeza. Arranja-te como puderes e leva-a para o bosque onde a matarás; has de me trazer o coração e o figado e dar-te-hei um sacco cheio de ouro. »

O criado obedeceu, levou Alva-Neve para a floresta, sob o pretexto de lhe mostrar os veados e as corças brincando. De repente agarrou-a e puxando pela faca de matto ia-lhe enterrar-lh'a no coração. A criança, banhada em lagrimas supplicou-o de a deixar em vida.

« Prometto-lhe, disse ella, ficar na floresta e nunca mais voltár ao palacio. D'este modo os que o mandaram matar-me nunca saberão que me poupou a vida. »

O caçador, que não era máo homem, teve dó da innocente creatura e disse-lhe : Pois bem, vá lá; fica na floresta; mas livra-te de a deixares, porque então a morte seria certa.

« Nada arrisco, pensou elle; os animaes ferozes vão devoral-a em breve e a vontade da Rainha será feita, sem que eu seja obrigado a sobre carregar-me de um crime abominavel. »

E matando um cabrito, tirou-lhe o coração e o figado e apresentou-os a rainha como se fossem de Alva-Neve. No seu rancor feroz, á rainha mandou-os preparar pelo cozinheiro e comeu-os com uma alegria cruel.

Durante esse tempo a pobre pequena, que ficára sósinha na floresta, estava com muito mêdo e não sabia que fazer. De repente ouviu os uivos dos lobos e o grunhir dos ursos; então cheia de terror pôz-se a correr; os pésinhos delicados feriram-se nas pedras agudas e rasgou-se nos espinhos; isso

não a de teve. Passou ao pé de muitos animaes ferozes que não lhe fizeram mal. Emfim á noitinha, offegante, esfalfada chegou ao pé de uma gentil casinha que estava no meio de uma clareira ; entrou mas não viu ninguem.

A habitação comtudo não parecia abandonada ; tudo estava muito aceiado e bem arrumado e era prazer vêr tudo em ordem. N'uma mesa, coberta com uma bella toalha, muito branca, achavam-se postos sete talheresinhos, prato, colher, facta, garfo e copo, tudo tão pequenino e mimoso que parecia ser para umas crianças. No quarto ao lado haviam sete caminhas cobertas com lençoes muito brancos.

Alva-Neuve que morria de fome e sêde, come um pouco do que já estava servido nos pratos mas não querendo privar os convivas esperados apenas tirou um bocadinho de cada e bebeu un golo em cada copo de vinho.

Depois caindo de canceira foi deitar-se n'uma caminha, mas a primeira era curta de mais a segunda muito estreita ; só depois de as experimentar todas é que encontrou meio de descansar os pobres membros na septima. Fez a sua oração e em breve adormeceu profundamente.

Entretanto anoitecera e pouco depois chegaram os donos da casa ; eram sete gnomos, esses seres pequeninos que procuram o ouro, a prata e outros metaes na montanha. Cada qual accendeu uma

tocha e viram logo que alguem tinha entrado em casa ; não estava tudo perfeitamente na ordem em que elles tinham deixado.

Sentaram-se á mesa. « Quem mexeu na minha cadeira ? disse o primeiro — Quem tocou no meu pão disse o segundo — Quem me tirou um bocado de carne, disse o terceiro — E o quarto : Quem bebeu pelo meu copo — Quem provou os meus legumes, disse o quinto — O sexto perguntou : Quem se serviu da minha faca ? — E o septimo : Quem comeu com o meu garfo ?

Depois da refeição foram para o quarto ao lado. Ahi tambem notaram uns após outros que se tinham deitado em suas camas. Emfim o septimo descobriu Alva-Neve dormindo sempre do somno pacifico da innocencia pura. Correram todos com as tochas e disseram : « Que encantadora, que linda criança ! » Nem por isso a accordaram, e aquelle cujo leito estava occupado foi deitar-se em cima de duas cadeiras.

No dia seguinte, quando Alva-Neve accordou-levantou-se e vendo-se na presença dos sete anões ficou muito assustada. Mas elles sorriram-lhe como a um amigo e perguntaram-lhe o nome e qual a causa que a trouxera á sua casa. Contou-lhes quem era, e como uma madrasta a reduzira a fugir para estas solidões. Então elles disseram-lhe :

Queres ficar comnosco ? Não te faltará nada.

Arrumas a casa, fazes a cozinha, cozes e lavas. Não é o trabalho de uma princeza ; mas quando tiveres acabado o teu trabalho serás a nossa rainha. »

Alva-Neve acceitou de boa vontade e tudo andou ás mil maravilhas. De manhã os anões partiam para as cavernas, onde cavavam para encontrar os minerios ; durante o dia Alva-Neve limpava, varria e preparava a comida. Á noite os anões voltavam e todos jantavam. « Toma conta com a tua madrasta ; em pouco saberá onde estás, disseram elles ; por isso durante a nossa ausencia, não deixes entrar aqui ninguem ?

Ao cabo de algum tempo a má rainha que julgava Alva-Neve bem morta, teve a fantasia de consultar o espelho, ainda que estivesse certa que elle ia responder-lhe que já não tinha rival em beldade. Imaginem o seu furor extremo quando elle respondeu : « Real senhora, sois a mais bella de todo o paiz, mas Alva-Neve que por traz os montes vive e em casa dos sete anões é mil vezes mais bella. »

Percebeu que o caçador a enganara. Novamente devorada pela febre da inveja só pensava no meio de matar Alva-Neve e só teve algum allivio quando julgou ter encontrado esse meio.

Como sabia um tanto a arte de bruxa, poudo com facilidade disfarçar-se ; tingiu o rosto e tomou os modos de uma velha ; vestiu-se como uma

vendedora e foi do outro lado dos montes com um fornecimento de coisas bonitas, até á casa dos sete anões.

Bateu á porta e gritou « Bellas coisas para vender, bellas coisas !

Alva-Neve que estava no primeiro andar e que se aborrecia todo o santo dia sósinha, abriu a javella e perguntou-lhe o que tinha para vender.

« Oh ! coisas lindissimas, respondeu a rainha olhe, par exemplo colletes dos mais elegantes. » E ao mesmo tempo mostava um collete de setim côr de rosa lindissimo. Alva-Neve nunca tinha visto um colete e queria um. Pensou lá comsigo : « Esta boa mulher póde bem entrar sem perigo. »

Desceu então e puxou pelo ferrolho. Comprou o collete ; então a rainha disse-lhe : « Vaes vêr como te fica bem ; vou adjudar-te a atacal-o. »

Alva-Neve deixou-a atacar ; então a cruel inimiga puxou com tanta força o cordão que a pobre criança perdeu a respiração e cahiu como morta. A rainha muito contente voltou para o palacio.

Mas, felizmente, os anões n'esse dia tendo terminado o trabalho mais cedo que de costume recolheram logo depois ; acharam a sua querida Alva-Neve sempre estendida no chão sem movimento. Cortaram á pressa o cordão e levaram-na para o ar livre. Acabou por respirar um pouco ; emfim voltou a si e poudé contar o que succedera : « Foste muito imprudente, disseram os anões ; a

velha não era senão a tua horrivel madrasta. Portanto no futuro não deixes entrar mais ninguem quando cá não estivermos. »

A má rainha logo que voltou ao palacio, correu ao espelho esperando emfim ouvir proclamar a sua belleza, o que para ella era a musica mais suave. Como da vez precedente, o espelho respondeu :

« Real Senhora, sois a mais bella de todo este paiz. Mas Alva-Neve que traz-os montes vive com os sete anões é mil vezes mais bella. »

Ouvindo isto sentiu o sangue gelar-se nos veias ; fez-se branca d'inveja e depois rubra de raiva. Quando voltou a si procurou novamente um meio para perder o innocente objecto do seu rancor.

Pegou n'um magnifico pente, cheio de perolas e besuntou os dentes com um veneno que ella propria compôz.

Depois disfarçando-se ainda em velha, mas com outro todo que da vez precedente, dirigiu-se para a casa dos sete anões. Bateu á porta e gritou : Bellas coisas para vender, bellas coisas ! »

Alva-Neve abriu a janella e disse. « Siga o seu caminho, não abro a ninguem.

— Podes comtudo, respondeu a rainha, vêr as lindas coisas que aqui tenho. Olha, este pente digno de uma princeza. Pega n'elle e admira-o á vontade ; não se paga á vista. »

Alva-Neve deixou-se tentar pelo brilho da tar-

taruga e das perolas; depois de ter bem admirado o pente, quiz compral-o, abriu a porta á velha que lhe disse : « Espera vou ajudar-te a pôr o pente nos teus lindos cabellos, para que estejas bem penteada. »

E enterrou o pente com violencia; mal os dentes tocaram na pelle, Alva-Neve caiu fulminada. « Eis-te emfim, bem morta, Flôr de Belleza! exclamou a rainha soltando uma gargalhada feroz e apressou-se em voltar para o palacio.

Felizmente, no seu excessivo odio, compuzera para fazer soffrer a sua victima mais tempo um veneno que não matava logo. Quando os anões voltaram á noite, acharam Alva-Neve sempre estendida no chão. Adivinharam o que se passára e tiraram depressa o pente. O veneno ainda não tinha produzido o seu effeito e com um antidoto fizeram voltar a si Alva-Neve.

« Foi ainda a tua madrasta quem te fez essa partida, disseram elles. É preciso que nos promettas, por tudo quanto ha de mais sagrado, que nunca mais abrirás a porta, seja lá a quem fôr? Alva-Neve prometeu tudo o que lhe pediram.

Apenas de volta ao castello a rainha pegou no espelho. Mas o resposta foi como das vezes precedentes. Alva-Neve é mil vezes mais bella.

Pôz-se a tremer de raiva e quasi ia caindo no chão. « Has de morrer, miseravel creatura, disse

ella, ainda que eu tenha de o pagar com a minha vida. »

Levou uma semana inteira a consultar todos os alfarrabios de bruxaria para fabricar uma maçã, impregnada de um veneno subtil; é isto só uma metade é que estava envenadada a que era mais vermelha e que tinha um perfume tão delicioso que dava vontade de a provar; a outra metade, mais pallida podia ser comida sem perigo.

Então disfarçou-se em saloia e metteu a maçã n'um cesto com outras. Foi outra vez á casa e bateu á porta. Alva-Neve chegou á janella para dizer que não abria a viva alma.

« Mas não preciso entrar, respondeu a falsa saloia; posso passar as maçãs pela janella se as quizeres comprar. Olha, vê lá como esta é magnifica; o seu perfume embalsama. Prova e estou certa que comprarás o resto para fazer uma surpresa aos teus protectores, os sete anões. »

Alva-Neve estava sentada, mas desconfiava sempre um pouco e disse :

« Não, não me atrevo a aceitar.

— Que receias? disse a rainha. Olha, vou comer a metade da maçã e tu depois provarás o resto para veres o gosto delicioso que tem. »

Cortou a parte mais verde da maçã e pôz-se a comel-a. Alva-Neve tranquillizada pegou na outra metade; apenas lhe deu uma dentada, caiu no chão sem vida.

A má madrasta, saltando e rindo, com uma alegria infernal, exclamou : « Eis-me emfim livre



d'esta creatura que causava o meu tormento !
d'esta vez os anões não poderão chamal-a vida. »

Apressou-se em regressar ao palacio e consultar o espelho. D'esta vez respondeu-lhe : « Real Senhora, sois a mais bella de todas »

Sentiu-se transportada de alegria e de prazer e o coração tranquillo tanto quanto o póde estar o coração invejoso.

Os anões, quando voltaram á noite, acharam Alva-Neve estendida no chão, morta. Levantaram-na e procuraram em vão o que pudera causar a sua morte; a rainha levara o resto da maçã. Depois de terem debalde tentado tudo para a chamar á vida, collocaram a sua querida filha adoptiva n'um leito e choraram durante tres dias. Quizeram então enterral-a, mas ella ainda tinha as suas frescas côres, dir-se-hia que estava só dormindo. Não se poderam resolver a mettel-a n'um tumulo frigido debaixo da terra e fabricaram um caixão de vidro onde estava gravado o seu nome em letras doiradas, collocaram-no dentro e levaram-na para o cume do montanha vizinha; e cada um por sua vez ficava ao pé d'ella para a guardar contra os animaes ferozes. Mas podiam dispensar-se d'isso; todos os animaes da floresta, mesmo os lobos e os ursos e até mesmo os mochos e os abutres choraram a innocente criança.

Muitos annos se passaram assim, e Alva-Neve estava sempre estendida sem movimento; mas a tez era ainda como a desejara a mãe; branca de neve, levemente rosada; os longos cabellos pretos como o ebano; não tinha o mais leve signal de morte.

Um dia um jovem principe, filho do poderoso rei, tendo-se perdido na caça, na floresta, chegou

á montanha onde Alva-Neve repousava sempre no seu caixão de vidro. Viu-a e ficou encantado com a sua belleza. Apezar do anão que estava de guarda ter-lhe dito que ella estava morta, declarou não poder mais viver sem tornal-a a vêr e offereceu todos os thesouros para podel-a levar para o seu palacio.

« Não, respondeu o anão, não cedemos a nossa querida filha por todo o ouro do mundo ».

O principe, muito triste, ficava engolphado na contemplação da belleza tão pura de Alva-Neve.

Durante esse tempo chegaram os outros anões e vendo a sua tristeza, tiveram dó d'elle e fizeram dom de Alva-Neve, sabendo que elle não deixaria de collocal-a na sala d'honra do seu castello.

O principe tendo então encontrado os criados mandou-lhes pegar no caixão aos hombros e dirigiram-se para o castello. Mas no caminho um d'elles tropeçou n'uma raiz d'arvore. Alva-Neve foi sacudida com violencia e da boca, meia aberta, saiu o bocadinho da maçã que ella dentara e que não engulira. Então Alva-Neve completamente reanimada, respirou profundamente e abriu os olhos.

O principe, no auge da alegria, tirou a tampa do caixão. Alva Neve voltou a si de todo, levantou-se e disse. « Meu Deus, onde estou ? »

O principe contou-lhe o que se passara e disse-lhe em seguida : « Agora acabaram todos os teus tormentos. És para mim mais preciosa que tudo quanto há no mundo ; vamos chegar ao palacio de

meu pae, que é um grande rei e serás a minha esposa bem amada. »

Como o principe era cheio de graça e gentileza, Alva-Neve aceitou a sua mão. O rei muito satisfeito por ter uma nóra tão bella e encantadora fez preparar tudo para umas nupcias esplendidas.

Convidou a má rainha que, não sabendo quem era a noiva, pôz os seus fatos mais bellos pensando eclipsar todas as damas e donzellas. Depois de vestida, pegou no espelho para ouvir proclamar a sua belleza triumphante. Mas ficou cheia d'espanto quando elle respondeu-lhe : « Real Senhora, sois a mais bella d'este reino ; mas Alva-Neve que vae casar com o filho do rei vizinho é mil vezes mais bella. » Cheia d'angustia ao saber que a sua maldadez não dera resultado não queria ir á festa ; mas a inveja não a deixou socegar ; precisava ir vêr o innocente objecto do seu rancor.

Quando fez a sua entrada perante toda a Côrte, Alva-Neve, reconhecendo a sua mortal inimiga, ia desmaiando de susto. A horrivel mulher fitava-a como uma serpente que quer fascinar um passarinho. Mas n'esse momento os anões que tambem estavam convidados apoderaram-se d'ella e calçando-lhe á força uns sapatos de metal, forjados por elles e aquecidos ao fogo, obrigaram-na a dansar assim á chicotada caiu no chão morta.

Houve em seguida uma festa magnifica onde reinou a maior alegria entre grandes e pequenos.

OS TRES RAMOS VERDES

Havia uma vez um piedoso ermitão que vivia no cume de uma montanha adusta. Passava todo o tempo em orações, salvo quando ia buscar agua a uma fonte, lá no valle, com dois baldes que elle acarretava ao suor do rosto. Regava então as pobres e magras plantas que a custo cresciam nos rochedos e matava a sede dos pobres passarinhos e outros animaes innocentes que habitavam n'aquelle logar.

Já quando vivia entre os homens, tinha sido um modelo de virtude. O Deus bom vendo a pureza do seu coração, enviava-lhe todos os dias um anjo levar-lhe o pão á gruta.

Passaram-se muitos annos assim quando um dia o solitario, já muito velhinho, viu ao longe no meio de um cortejo de gente de justiça, um criminoso que levavam á forca.

« É bem feito para esse patife, disse elle. Que o diabo o leve ».

À noite depois de ter ido buscar os baldes d'agua não achou nenhum alimento sobre a pedra que lhe servia de mesa, o anjo do Senhor nada trouxera. Cheio de pezar fez o seu exame de consciencia para vêr que peccado commettera, e porque razão Deus estava descontente. Mas de nada se lembrou comtudo prostrou-se no chão e ficou toda a noite em oração.

No dia seguinte de manhã emquanto derramava lagrimas amargas pensando que offendera o Senhor, ouviu um lindo passarinho cantando alegremente; « Oh! tu cujo coração está cheio d'alegria, disse-lhe elle não me poderias dizer que peccado commetti, afim que possa fazer penitencia e alliviar minha alma opprimida ?

— Posso respondeu o passarinho. Andaste mal quando amaldiçoaste o desgraçado criminoso que iam enforcar. Eis porque o Senhor está zangado contigo ; mas quando te tiveres arrependido, perdoar-te-ha. »

N'esse mesmo momento appareceu o Anjo e entregando ao ermitão um ramo d'arvore secco e coberto de musgo disse-lhe :

« Conheces agora o teu peccado. Eis a penitencia que o Senhor te impõe. Voltarás para o mundo para mendigar o teu pão de porta em porta. Se te receberem durante uma noite n'uma casa

caridosa, é-te prohibido lá ficares no dia seguinte.
E para dormir só encostarás a tua cabeça sobre



esse duro ramo de madeira secca ; quando sairem
tres rebentos verdes o teu peccado estará expiado. »

O ermitão reconhecendo plenamente a sua culpa,
e o coração contricto começou a penosa peregrina-
ção que o Senhor lhe ordenára: Muitas vezes

quando cansado e soffrendo fome, pedia um pedaço de pão, punham-no a andar brutalmente; outras vezes, crianças más atiravam-lhe pedras, e ficava dias inteiros sem comer uma migalha; mas nunca, mesmo por pensamento, murmurou contra a sua dura sorte.

Uma vez tinha mendigado um bocado de pão todo o sancto dia e á noite em todas as casas onde batera para pedir abrigo fecharam-lhe a porta na cara injuriando-o. Arrastou-se com difficuldade até á floresta proxima e ahi chegou a uma caverna habitada. Entrou e viu uma velha occupada em cozinhar.

Não quer, disse elle, deixar-me aqui ficar esta noite e dar-me uma codea de pão?

— Dar-lh'a-hei de boa vontade, mas não póde aqui ficar. Tenho tres filhos que são tres bandidos de profissão; d'aqui a pouco vão recolher para cear e se o vissem matal-o-hiam e a mim tambem por lhe ter offerecido hospitalidade.

— Oh! porque razão, disse elle, fariam mal a um pobre velho? Não me expulse e me obrigue a passar a noite na floresta no meio da tempestade que vae arrebentar e dos lobos que me hão de devorar. »

A mulher tinha bom coração, deixou-se commover e indicou-lhe um canto para descansar os membros lassos. Quando o viu deitar a cabeça sobre o ramo d'arvore, perguntou-lhe porque não

aceitava a palha que lhe offerecera. Então contou-lhe o seu peccado. Poz-se a velha a soluçar e disse: « Se é assim que o Senhor castiga um unico mau pensamento, que fará dos meus maus filhos quando comparecerem na sua presença para serem julgados? »

Pela volta da meia noite os bandidos recolheram, jurando, praguejando porque tinha lhes falhado o golpe projectado. Por isso ao verem o ermitão ficaram furiosos.

« Porque razão, maldosa mãe, gritaram elles, recebeste contra a nossa vontade. esse homem que póde ir denunciar o nosso esconderijo? »

— Não têm nada a receiar, disse ella, é um pobre penador que expia um peccado.

— Vamos, velho maroto! disseram elles ao ermitão, conta-nos os teus crimes; divertir-nos-ha saber se são maiores do que os nossos. E elle contou-lhes então o que passára; de que modo, vendo conduzir ao supplicio um bandido, tinha dito, para comsigo, que era bem feito, se o diabo o levasse, e de que modo, só por ter tido esse mau pensamento, o Senhor lhe impuzera uma dura penitencia e com justiça.

Ouvindo isso os bandidos ficaram mudos e pensativos; apesar de estarem endurecidos no mal, tocára-lhes o coração; pensaram bem, reconheceram os seus crimes e juraram mudar de vida.

Cumpriram com a sua palavra. No dia seguinte

de manhã, quando quizeram abandonar para sempre a caverna, viram o ermitão de rosto risonho e parecendo sempre dormir. Foram acordal-o, mas em vão, estava morto, e tres ramos verdes tinham nascido sobre o bocado de madeira secca.

Era o emblema dos tres peccadores endurecidos que elle encaminhára para o bem. O Senhor havia-lhe perdoado e chamára-o para o Céu.



O IRMÃO E A IRMÃ

Era uma vez um rapazinho e a sua irmã Maria; eram orphãos e viviam em casa da madrasta muito má, da mulher com quem o pae casára depois da morte da mãe. Uma manhã o irmão disse á irmã : « Depois que perdemos a nossa mãe, nunca mais tivemos um dia de felicidade; a nossa madrasta bate-nos todos os dias, quando nos encontra no seu caminho dá-nos pontapés. Para comer dá-nos umas codeas de pão duro ; o cão é muito mas feliz do que nós. De vez em quando tem um bom bocado de carne. Que Deus tenha dó de nós ! Vem comigo e vamo-nos embora ; em parte alguma podemos ser mais infeliz do que aqui. »

Pegou-lhe na mão e fugiram da casa paterna. Choraram muito quando a perderam de vista e que se sentiram sós n'este vasto universo. Depois

de terem andado todo o dia por montes e valles chegaram á noitinha a uma grande floresta. Ao cabo d'algum tempo já não podendo mais de fome e canceira pararam ; encontraram então uma arvore ôca onde passaram toda a noite.

No dia seguinte quando acordaram o sol já ia alto e estava muito calor. Que sêde que tenho disse o irmão ; se soubesse onde ha uma fonte ia já beber. Olha parece-me ouvir o murmurio d'um rio. »

Andaram na direcção do ruido da agua. Mas a madrasta que era uma bruxa, depois d'elles terem partido soubera, consultando os seus alfarrabios, que tinham ido para a floresta, e tendo ido atraz d'elles encantára todas as fontes. Ao chegarem ao pé do regato, cuja agua susurrava, caindo sobre lindos seixos, o irmão precipitou-se para matar a sede. Mas a irmã correu atraz d'elle e agarrou-o. Tinha comprehendido o que dizia a fonte : « Quem beber da minha agua, dizia ella, será transformado em tigre, será transformado em tigre ! »

— Peço-te querido mano, disse Maria, não bebas aqui, serias transformado em tigre e comer-me-hias.

— Soffro muito respondeu o irmão, mas terei paciencia até a proxima fonte. »

Mais adiante encontraram outra que murmurava. « Quem beber da minha agua, será transformado em lobo. »

A irmã ouviu e disse : « Mano não bebas ainda, serias transformado em lobo e comer-me-hias. »
— Esperarei ainda um pouco, respondeu elle,



mas na outra fonte, por mais que digas e faças, hei de beber. Já não posso mais aguentar a sede que me devóra. »

Ao cabo d'alguns minutos ouviram susurrar um outro regato : dizia : « Quem beber da minha

agua, será transformado em cabrito, será transformado em cabrito. »

Maria comprehendeu o que elle susurrava, e disse : Peço-te mano, não bebas ainda serias transformado em cabrito e fugirias de mim. Mas elle já se tinha deitado no chão e bebia no regato. Immediatamente foi transformado n'um cabritinho. A irmã soltou n'um pranto e o cabrito tambem chorava tristemente. « Consola-te, disse elle, por fim, nunca te hei de abandonar e preservar-te-hei dos caçadores. » E poz-lhe em volta do pescoço o seu collar d'ouro a unica coisa que lhe restava da mãe, e fabricou com juncos uma corda para o prender para que elle não fugisse. Metteram-se mais ávante na floresta e chegaram a uma casinha abandonada, mas onde se podia ainda viver.

« Estaremos aqui muito bem, disse ella, foi apanhar musgo e folhãs seccas e fez duas caminhas, para o cabrito e para ella. Depois todas as manhãs ia buscar raizes, fructas, nozes, e fez provisões para o inverno, assim como feno para o cabrito que a acompanhava ; e quando elle tinha pastado, brincava com ella. Á noite recolhiam muito cansados, fazia a sua oração e adormecia com a cabeça encostada ao cabrito. Se o irmão tivesse podido recuperar a fórmula humana, não teria desejado mais nada senão continuar esta vida modesta e tranquillã.

Passaram-se assim muitos mezes. Um dia o

jovem rei do paiz veio com numeroso sequito caçar na floresta. E o ruido das trompas, o latido dos cães, os gritos dos caçadores chegaram até á casinha. O cabrito ficou muito sobresaltado.

« Mana, disse elle (conservára o uso da palavra) mana deixa-me sair; já não posso mais; é preciso que siga a caçada; mas não tenhas medo, não me hão de apanhar. » Por mais coisas que ella dissesse para combater esse desejo, o cabrito estava tão triste, que por fim ella abriu-lhe a porta: « Mas promette-me, disse, de voltar esta noite; bate á porta e dize: « Mana sou eu! » E então irei logo abrir. » O cabrito pulou para fóra da casa e em breve chegou ao sitio da caçada. O rei e o seu sequito viram-no e quizeram apanhal-o, mas quando julgavam podel-o conseguir elle escapavalhes e em dois ou tres pulos desapparecia no bosque deixando muito atraz os melhores cães. Quando chegou a noite voltou para casa muito contente do seu dia. « Mana sou eu! » disse elle. E ella que ficára todo o tempo angustiosa, abriu-lhe logo e cobriu-o de beijos.

No dia seguinte a caça continuou novamente; e o cabrito que tinha descançado, ouvindo soar a trombeta, tanto fez que a irmã abriu-lhe outra vez a porta, depois de elle ter promettido recolher-se á noite. D'esta vez, mais atrevido, a proximou-se tanto dos caçadores que o rei viu que elle tinha um collar d'ouro, e tanto mais empenho mostrou

em apanhal-o. Mas sempre lhes escapava ; no entanto um dos caçadores lançou-lhe uma setta (a polvora n'esses tempos remotos, ainda não tinha sido inventada) e feriu-o levemente na pata. O cabrito coxeava um pouco e não pôde correr tão depressa. O caçador pôde segui-o e chegou ac mesmo tempo que elle ao pé da casinha e ficou muito admirado ouvindo-lhe pronunciar com voz humana estas palavras : « Mana sou eu ! » Voltou para traz e foi contar o facto ao rei que ficou ainda mais maravilhado.

Durante esse tempo a irmã estava muito triste vendo o seu querido cabrito ferido ; lavou-lhe a pata e embrulhou-a comervas salutarees. « Descança, disse ella, para te curares depressa. » Com effeito, no dia seguinte já não tinha mais nada, e quando ouviu soar a trompa, o cabrito saltou para o chão e pediu para sair. A irmã chorou muito e disse : « Não, fica ao pé de mim, d'esta vez os crueis caçadores são capazes de te matar e eu morreria de tristeza.

— Mas se me obrigas a ficar aqui, respondeu o cabrito, ainda morro mais depressa. A febre e a impaciencia devoram-me quando ouço a trompa e os cães. »

Tanto insistiu, que muito triste e inquieta a irmã consentiu afinal a abrir-lhe a porta. Pulando d'alegria dirigiu-se até á caçada. Quando o rei o viu disse para os seus criados : « Persigam-no sem

cessar, até á noite, mas livrem-se de lhe fazer o menor mal. »

Assim foi. Quando chegou a noite o rei disse para o caçador que na vespera seguira o cabrito : « Agora conduz-me até á tal casinha. » Ao chegar ao pé da porta, bateu, e disfarçando a voz, murmurou : « Mana, sou eu ! » Immediatamente Maria, que muito ansiosa estava á escuta, abriu a porta, e ficou terrorisada ao vêr entrar o rei coberto d'ouro, ao passo que elle ficava maravilhado com a belleza da rapariga. Nunca vira rosto tão angelico, e elle que recusára a mão de muitas orgulhosas princezas, exclamou : « Encantadora criança, queres vir para o meu palacio e casar comigo ? »

— Não, respondeu ella, não posso deixar esta casa, antes do meu cabrito estar de volta ; nunca o abandonarei, mesmo pelo mais bello throno do mundo. »

Mas n'este momento o lindo animal chegou aos pulos.

« Poderás sempre guardal-o juncto de ti, respondeu o rei, e prohibirei, sob pena de morte que lhe façam mal. »

Então Maria aceitou ser rainha e seguiu o rei segurando pela corda de junco o cabritinho. Chegando ao palacio o rei confiou Maria á sua mãe, e pouco depois deram-se as festas do casamento. Os regozijos foram d'uma magnificencia extrema ; o povo estava encantado de ter uma rainha tão

bella e bondosa. O cabritinho não foi esquecido; deram-lhe um grande parque para elle só, onde podia brincar á vontade e pastar a herva mais fina.

A historia do encontro do rei e da Maria na floresta chegou aos ouvidos da má madrasta, que julgára até então que o cabrito tinha sido devorado pelos lobos e que a irmã morrera de fome. Ficou furiosa e jurou por todos os demonios do inferno que destruiria a felicidade da innocente Maria.

Quando a jovem rainha teve um filho, a má bruxa disfarçada em pobre veio girar em volta do palacio, entrou, sem ser vista no jardim onde Maria justamente passeava sósinha. A rainha ao vê-la approximou-se para lhe dar uma esmola, mas n'este momento a madrasta tocou-lhe com uma varinha de condão e a pobre Maria achou-se transportada a cem leguas n'uma prisão guardada por dragões.

Quando as aias a vieram buscar e a não encontraram, foi um desgosto universal. O rei pôz em campanha os seus mais habéis policias; mas nenhuma pôde descobrir a rainha.

No emtanto a bruxa não tinha podido combinar o seu maleficio de modo a ter completamente em seu poder a victima do seu rancôr. Durante a noite Maria tendo manifestado o desejo de vêr o filho e o cabrito, a madrasta foi obrigada a trazel-a pelos ares até ao palacio.

A rainha approximou-se do berço e beijou terna-

mente o filho; depois acariciou meigamente o cabrito que dormia sempre no seu quarto. Reírou-se em seguida e os diabos, ao serviço da bruxa, levaram-na para a prisão. A ama e a governante da criança, ao vê-la, tinham ficado petrificadas; não se atreveram a dizer nada a ninguém, com medo que julgassem que tinham enlouquecido.

Na noite seguinte voltou novamente a rainha e depois de ter beijado o filho e o cabrito disse antes de desaparecer :

« O que será do meu filho, o que será do meu querido cabritinho? Ainda volto mais uma vez, e depois nunca mais. »

A ama no dia seguinte contou tudo ao rei, que andava mergulhado no mais negro pezar. Primeiro pensou que ella tinha perdido a razão, mas a idéa que talvez pudesse tornar a vêr a sua Maria adorada, fez com que ficasse na noite seguinte ao pé do filho. Viu, com effeito, a rainha, que depois de ter beijado o filho e o cabrito disse com voz triste :

« O que será do meu filho, o que será do meu cabritinho? Vou-me embora para sempre. »

Então o rei, que estava mudo de surpresa, precipitou-se, agarrou-lhe pela mão chamando-a pelo seu nome.

Immediatamente quebrou-se o encanto e os diabos que estavam prestes a levar a jovem rainha, fugiram para os infernos.

Ella contou então ao rei o que succedera. O rei

fez prender pela justiça a má bruxa foi condemnada á fogúeira. Logo que ella morreu na meio das chamma a sorte que lançara ao irmão de Maria já não teve effeito e elle recuperou a fôrma humana. A sua irmã, a rainha, estava no auge de alegria; foram recompensados pelo que tinham soffrido e viveram felizes o resto da vida.



JOÃO NO AUGÉ DA FELICIDADE

João servira o seu amo durante sete annos. « Meu amo, disse elle então, acabou-se o tempo do meu contracto, desejava voltar para o pé de minha mãe. Dê-me o meu ordenado. »

— « Serviste-me fiel e honradamente respondeu o amo. Um tal serviço pede igual salario. »

E deu-lhe uma barra de ouro que era quasi do tamanho da cabeça de João. Este pegou no lenço embrulhou a barra, pôl-a ás costas e metteu-se a caminho para ir ter com a mãe. Emquanto ia por ahi fóra, pondo a custo um pé diante do outro, vem a passar um cavalleiro trotando alegremente n'um cavallo ardente e vivo.

« Oh, disse João em voz alta, que bom que ha de ser andar a cavallo! Este homem está ali sentado como n'uma poltrona, não topa os pés de encontro

ás pedras, não gasta calçado e avança sem mesmo dar por isso.

— Mas, oh João, disse o cavalleiro que o ouvira, porque vaes a pé?

— É porque assim é preciso, respondeu João. Tenho um fardo muito pesado para levar para casa; é ouro, bem sei; mas pesa como burro nos meus hombros e nem sequer posso levantar a cabeça.

— Queres-tu saber uma coisa? disse o cavalleiro que parara, Muda commigo. Dou-te o meu bonito cavallo e tu dás-me a barra d'ouro.

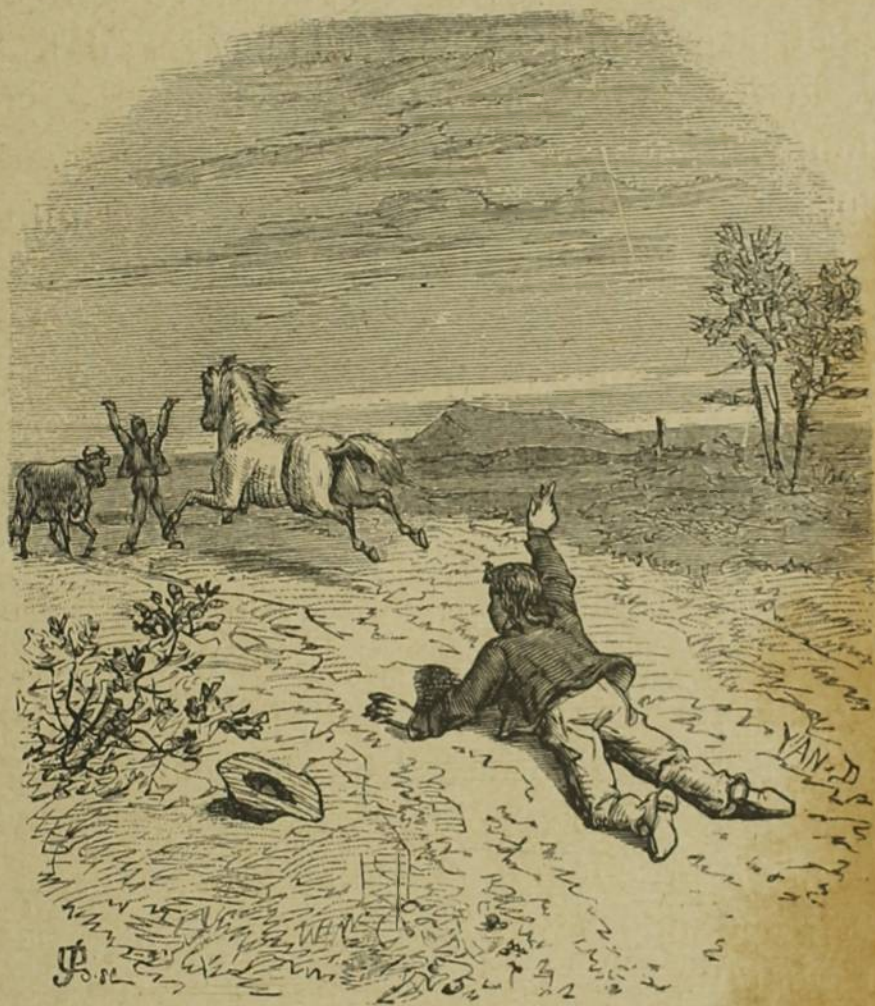
— Oh! de muito boa vontade. Mas previno-o que vae estar carregado. »

O cavalleiro apeou-se muito depressa, pegou na barra e ajudou João a montar a cavallo. « Quando quizeres ir como o vento, disse-lhe elle, depois de lhe ter mettido as redeas na mão, basta fazer um estalinho com a lingua e gritares: « hop, hop! »

João foi ás nuvens de contentamento, logo que se viu empoleirado lá no cavallo e partiu a trote largo. Ao cabo de algum tempo teve a idéa de ir mais depressa. Deu um estalinho com a lingua e disse hop! hop! O cavallo obediente partiu a galope, pulando fogosamente e zás! João vae pelos ares cair no fosso, abeira da estrada. O cavallo continuava sempre o seu caminho; mas um camponez que vinha em sentido contrario, conduzindo uma vacca, agarrou-o peias redeas e trouxe-o para o

pé de João, o qual tendo-se levantado, apalpava-se para vêr se não tinha nada quebrado.

« Ora que brincadeira, montar a cavallo, disse



de mau humor. Está-se exposto a encontrar um animal como este que me sacode e me atira pelos sares. Obrigado, já não quero arriscar-me outra vez a torcer o pescoço. Nunca mais torno a montar a cavallo. Mas falle-me d'uma vaquinha como a sua; basta ir atrás d'ella muito socegado e além

d'isso tem-se leite, manteiga, queijo para o resto da vida. Quanto não daria eu para ter um semelhante animal?

— Se lhe causa tanto prazer disse o camponio, posso trocar a minha vacca pelo seu cavallo. »

João consentiu cheio de alegria; o camponez saltou para cima do cavallo e partiu a galope.

João fez andar a vacca deante de si muito devagar e pelo caminho fóra ia reflectindo nas vantagens do negocio que acabava de fazer.

« Comtanto que eu tenha um bocado de pão, dizia elle lá comsigo, e de certo não é isso que me faltará, posso agora, quando tiver fome, comer tambem um bocado de manteiga e de queijo; se tiver sede, ordeno a vacca e tenho leite optimo. Que podes tu desejar mais, ó Joãosinho? »

Ao chegar a uma estalagem, parou e julgando ter agora fornecimento para toda a vida devorou todo o farnel que levára para a viagem e gastou os ultimos vintens n'um copo de cerveja. Em seguida dirigindo-se para a sua aldeia, lá partiu com a vacca.

O sol dardejava os seus raios, estava um calor suffocador e pela volta do meio dia, João achando-se no meio da charneca, sem uma arvore para se abrigar, tinha tanto calor, que até a lingua se lhe pegava á boca. « Mas tenho un remedio, disse elle, vou ordenar a vacca e refrescar a garganta com leite bom. »

Amarrou a vacca a um pau, na estrada e tirando o barrete de coiro, começou a puxar a teta da vacca; mas por mais que puxasse e apertasse com força nem sequer teve uma gotta de leite. Não sabendo do officio, fazia aquillo tão mal, que o animal zangou-se e deu-lhe uma patada na cabeça e o João foi rebolar a dez passos de distancia onde ficou sem os sentidos. Felizmente chegou um carniceiro empurrando um carrinho com um porquinho dentro. « Que brincadeira é essa? » disse elle e ajudou o João a levantar-se João contou-lhe o que se acabava de passar o carniceiro offereceu-lhe a borracha e disse: « — Vamos, beba uma pinga, par o pôr direito. Quanto á vacca, acredito que não tenha podido tirar-lhe leite; é uma vacca velha e secca, boa para ser atrelada a um carrete ou levada ao matadoiro.

— Oh diabo, disse João, arranjando os cabellos um pouco emmarenhados com o trambulhão, quem tal diria? A verdade é que matando-se o animal, ainda se tem muito de comer; mas não gosto de carne de vacca, não é saborosa. Ah! se fosse um porquinho. Isto é que era petisco! e as salcichas bem feitas!

— Olhe, João, disse o carniceiro; é por ser você, e eu lhe querer ser agradavel; tome lá o meu porco e dê cá a vacca.

— Que Deus lhe pague esse serviço d'amigo! » disse João e entregando-lhe a vacca, levou o porco

segurando-o pela corda com que elle estava amarrado no carrete. A andar pensava que tudo ia ás mil maravilhas; apenas tinha uma contrariedade e logo ella desaparecia. N'isso encontra um rapazinho que levava um pato muito gordo debaixo do braço. Trocaram os bons dias e puzeram-se a conversar. João contou as suas aventuras, gabando-se da sua boa sorte. O rapaz contou que levava o pato á aldeia vizinha; era uma encommenda para um baptisado.

« Tome-lhe o peso, disse elle, levantando-o pelas azas, é pesado, não acha; tambem já la vão dois mezes que o engordamos com o que há de melhor. Quem tiver a sorte de metter o dente em semelhante assado, terá de limpar a banha nos cantos da boca.

— É verdade, disse João, tomando o peso ao pato; é um bonito animal. Mas o meu porquinho tambem não é mau, cá no seu genero. »

O rapaz não disse nada, mas pôz-se a olhar por todos os lados, inquieto. Depois abanando a cabeça disse: « Olhe, a historia do seu porco não me parece lá muito limpa: Acabam de roubar um ao regedor da aldeia onde passei agora. Tenho um palpite que deve ser esse que você ahi tem: Sim, tenho cá esse palpite. Que terrivel coisa, se o apanhassem com elle; a primeira que lhe faziam era mettê-lo n'uma masmorra escura. »

João assustadissimo exclamou. « Oh Divino Senhor, valha-me n'esta desgraça. Você que

conhece o paiz e póde portanto melhor esconder-se da justiça leve o porquinho e dê-me o seu pato.

— Arrisco muito no negocio, disse o rapaz mas para o tirar d'apuros, vou fazer o que me pede. »

Pegou na corda e levando o porquinho metteu-se por um atalho e desapareceu prestamente. O honrado João, livre de cuidados, continuou a caminhar. « Calculando bem, disse elle, ainda ganho na troca. Primeiro a carne de pato é mais fina, mais saborosa que a do porco; e com toda esta banha vou fazer fatias deliciosas durante o inverno. E sem fallar nas plumas para fazer uma almofada, na qual vou dormir sem que seja preciso embalar-me. Santo Deus, como minha mãe vae estar contente com tão lindo animal. »

Depois de ter atravessado a ultima aldeia, antes de chegar á sua, viu um amolador parado com a sua caranguejola. Fazia andar a roda e cantava ao mesmo tempo.

*Amolo facas, navalhas e tesouras,
E ao sol gyra, gyra sempre a minha roda.*

João parou e olhou para o que elle estava fazendo; depois disse : « Vae tudo á medida dos seus desejos, visto estar tão contente?

— Oh se vae, respondeu o outro. Todo o officio manual é ouro em barra. Um bom amolador tem sempre dinheiro na algibeira. Onde é que você

comprou esse bello pato? nunca vi tamanho por aqui.

— Não foi o que se chama comprar, troquei-o por um porquinho.

— E o porco?

— Por uma vacca.

— E a vacca?

— Por um cavallo.

— E o cavallo?

— Por uma barra d'ouro do tamanho da minha cabeça.

— E todo esse ouro?

— Deu-me o meu amo por sete annos de serviço.

— Vamos lá, disse o amolador, já vejo que você não se perde por esse mundo. Se assim continuar ha de chegar a ouvir todas as manhãs tinir dinheiro na algibeira, quando enfiar as calças e então terá feito fortuna.

— Está bem de vêr, disse João. Mas o que devo eu fazer?

— Faça-se amolador como eu. Para isso é preciso ter primeiro a pedra de amolar; o resto vem depois. Tenho aqui uma; já está um pouco gasta, mas tambem para lh'a dar só lhe peço o pato. Aceita?

— Que pergunta? respondeu João. Se devo ter, como diz, sempre dinheiro no bolso, nunca mais terei cuidados, nem trabalhos; serei o homem mais feliz da terra. »

E entregou ao amolador o pato, e este deu-lhe então a pedra de amolar e mais uma outra qualquer que apanhou no chão. « Olhe, disse para João, tome lá, mais esta por cima, e uma pedra excelente para fazer uma bigorna e endireitar pregos ou arranjar as ferramentas Tome conta n'ella. »

João pegou nas duas pedras e partiu muito alegre, os olhos brilhantes de contentamento. « Nasci bem fadado, disse elle, sae-me tudo direito. »

No emtanto como caminhava desde a manhã achou-se cansado; depois teve fome, mas já não tinha nada de comer, tendo devorado o farnel para festejar a troca da vacca. Andava a custo e a cada instante era obrigado a descansar; as pedras pesavam horrivelmente e lá para comsigo pensava quanto lhe seria agradável, não ter de as levar agora que estava cansado. Arrastando-se como uma lesma, chegou por fim ao pé de uma fonte, contente de poder refrescar, as guelas e descansar um pouco na herva.

Não querendo estragar as pedras, collocou-as á beira da fonte e abaixou-se para encher o barrete d'agua. Mas sem reparar, empurra as pedras que vão rebolar com grande ruido até ao fundo da agua.

João, quando as viu desaparecer, pulou de alegria, e de joelhos agradeceu a Deus, com as lagrimas nos olhos de lhe ter concedido esse favor su-

premo e de o ter desembaraçado d'um pesado fardo.

« Era isto a unica coisa que me incommodava ainda. Não ha ninguem mais feliz do que eu. »
E o coração contente, não tendo mais nada nas mãos, pôz-se a caminho e só parou quando chegou á choupana de sua mãe.



O JUDEU NO MEIO DOS ESPINHOS

e:

IV

Era u a vez um ricaço, muito avarento, que tinha um criado, honrado e trabalhador, como não havia outro, e que se chamava Martinho. Todas as manhãs, o bom rapaz levantava-se o primeiro, e deitava-se o ultimo; quando havia um trabalho custoso, perante o qual os outros recuavam, elle atacava-o com coragem. E ao mesmo tempo estava sempre contente e de bom humor.

Quando findou o primeiro anno de serviço, o amo, com quem elle não combinara salario, nada lhe deu, pensando que d'este modo Martinho, não tendo dinheiro no bolso, não estaria tentado d'ir para outro sitio. Martinho não disse nada e nem por isso trabalhou menos. No fim do segundo anno, quando o amo tambem nada lhe deu, tambem nada disse.

Ao cabo do terceiro anno, o amo levado por remorsos, metteu a mão no bolso para recompensar o fiel criado, mas reflectindo, deteve-se e retirou a mão vazia. Martinho disse-lhe então : « Meu amo, servi-o durante tres annos o melhor que pude, agora quero um pouco ver mundo; quer ter a bondade de me pagar o que me deve ?

— Está bem, respondeu o amo avarento, sempre estive muito contente contigo e vou recompensarte como mereces. Toma lá tres vintens novos, um por cada anno que me serviste. »

Martinho que estava sempre satisfeito com tudo e que tinha uma ingenuidade infantil no que dizia respeito a dinheiro, julgou receber um thesouro, que o dispensaria de trabalhar durante muito tempo. Despediu-se do amo e foi-se por montes e valles, cantando, pulando, e alegre como um pintoasilgo.

Ao passar ao pé d'uns abrolhos, viu sair um velhinho todo corcovado que lhe gritou : « Olá, alegre compadre, não pareces ter a tua conta dos pezares d'esta vida. »

— Para que me hei-de eu ralar respondeu Martinho tenho no bolso o salario de tres annos de serviço.

— E a quanto se eleva o teu thesouro?

— A tres vintens novinhos, muito luzidios, Olha, ouve-os tinir, quando bato no bolso?

— Ouve lá, disse o anão, dá-os cá. Sou um

pobre velhinho, já não tenho força para trabalhar.

Tu, ainda és novo e forte e estás em estado de ganhar facilmente a tua vida. »

Martinho que tinha bom coração, teve dó do velhinho e entregou-lhe os tres famosos vintens, que lhe causavam tanta alegria.

« Como és caridoso, disse então o anão, autoriso-te a pedir tres coisas, uma por cada vintem.

— Ora adeus, maganão, replicou Martinho, isso só se vê nos contos de fadas. Mas vá lá, vou experimentar. Quero primeiro uma sarabatavia com a qual poderei acertar em tudo quanto eu apontar; depois uma rebeca que tenha o poder de obrigar a dansar todos os que me ouvirem. Emfim desejo que toda e qualquer pessoa seja obrigada a conceder-me o primeiro pedido que eu lhe fizer.

— « Foste moderado nos teus desejos. » disse o anão e abaixando-se tirou da uma moita uma sarabatona e uma gentil rebeca de algibeira.

— Toma, disse elle entregando-as a Martinho e fica sabendo além d'isso que ninguem te poderá recusar o primeiro pedido que lhe fizeres. Martinho encantado, continuou o seu caminho cantando de contente. Pouco depois encontrou um judeu, muito feio, com uma barba de bode muito comprida e que estava parado a ouvir cantar um pinhasilgo n'uma arvore.

« Como é extraordinario que um animal tão pe-

queno tenha uma voz tão forte. Quanto não daria eu, para o ter dentro de uma gaiola.

Posso satisfazer o teu desejo, disse Martinho e apontando a avesinha com a sarabatana acertou-lhe logo; o pintasilgo atordoado caiu da arvore no meio dos abrolhos.

« Vá lá, seu patife, disse Martinho, vá lá buscar o passarinho.

— Tratas-me duramente, respondeu o judeu, mas comtudo agradeço-te e vou apanhar o lindo pintasilgo. »

Depois metteu-se pelos abrolhos, abrindo caminho a custo. De repente, Martinho teve uma idéa divertida; começou a tocar rebeca. Immediatamente o judeu levantou as pernas e pôz-se a saltar, a saracotear-se, prendendo-se nos ramos e nos espinhos, no meio dos quaes se achava e que lhe arrancavam os pellos da barba; o fato estava todo roto e a cara arranhada.

— « Ai! Ai! gritava elle, está quieto, não toques mais n'essa maldicta rebeca; aqui não é sitio para dansar! » Mas Martinho não parava, pensando lá comsigo.

« Este melro esfolou tanta gente durante a sua vida, que é justiça ser agora tambem esfolado um pouco »

E pôz-se a tocar rebeca cada vez mais depressa. O desgraçado judeu, obrigado a acompanhar a cadencia saltava e pulava; a cara estava em sangue,

o fato caia aos bocados, gania de dôr. De repente gritou : « Tenha misericórdia, páre, pelo amor de



Deus e dar-lhe-hei uma bolsa cheia de ouro que tenho na algibeira.

— Tanto me contas, disse Martinho, que vou já guardar a rebeca. Mas deixa-me felicitar-te, danças admiravelmente. »

Então pegando na bolsa que o judeu lhe entregara, soltando suspiros profundos, continuou o caminho, cantando de contente. Quando estava fóra do alcance da vista, o judeu não contendo mais o furor, exclamou. « Miseravel musico, hei de me vingar. Infame maroto ! para valeres cinco reis era preciso primeiro que t'os mettessem na boca. Espera que vaes pagar ao centuplo o que me fizeste soffrer. »

Tendo assim exhalado a sua raiva, tomou pelos atalhos e chegou primeiro do que Martinho á proxima cidade por onde elle tinha de passar. Foi logo a casa do juiz e caindo-lhe aos pés disse : « Justiça, senhor Juiz ; justiça ! Acabo de ser maltratado e roubado na estrada por um patife. Veja os meus fatos em pedaços, a cara, as mãos em sangue. Tirou-me á força a bolsa cheia de corôas, as economias de toda a minha vida, tudo quanto possuo n'esta terra. Peço-lhe senhor Juiz, que me mande entregar o meu bem, senão resta-me só morrer de fome.

— Foi com uma espada que o ladrão te pôz n'esse estado? disse o Juiz.

Não, agarrou-me e arranhou-me com as unhas. É ainda novo; e traz comsigo uma sarabatana e uma rebeca ; póde facilmente reconhecê-lo a estes signaes. »

O juiz pôz logo os soldados em campanha e em breve encontraram Martinho que muito socegado

se dirigia para a cidade. Prenderam-no e levaram-no ao tribunal onde se encontrou com o judeu que renovou a sua accusação.

« Não toquei n'esse homem, respondeu Martinho; tambem não lhe tirei á força a bolsa; offereceu-m'a de bom grado para que eu não tocasse mais na minha rebeca, cujos sons lhe contendiam com os nervos.

— Mente! gritou o judeu, mente descaradamente.

— Está ouvida a causa, pronunciou o juiz; nunca se viu um judeu abandonar voluntariamente uma unica moeda d'ouro só para não ouvir má musica. Senhor Martinho commetteu o dito crime no meio da estrada e vae já ser enforcado. »

O carrasco, que tinham mandado chamar, agarrou em Martinho e levou-o para a forca. Toda a cidade achava-se reunida na praça o judeu tinha-se posto á frente de todos e mostrava o murro fechado a Martinho, gritando : « Maroto, vaes ser recompensado como mereces. »

Martinho estava muito socegado e deixava fazer; subiu sósinho os degraus da escada encostada á forca; ao chegar lá a cima voltou-se para o juiz, que viera fiscalisar a execução, e disse-lhe : « Antes de morrêr, quer conceder-me um derradeiro pedido?

— Pois sim, disse o magistrado, com tanto que não peças para que te perdoe a vida.

— Não, não peço tanto, disse Martinho; desejava ainda tocar um bocadinho na rebeca. »

Ouvindo estas palavras o judeu soltou um grito de terror e disse : « Senhor juiz, em nome de Deus, não permitta.

— Porque não lhe hei-de eu dar essa pequena alegria, disse o juiz. Vá lá, vão buscar a rebeca d'este homem.

Ai! meu Deus, tres vezes ai! exclamou o judeu quando, depois de ter tentado fugir, viu que era impossivel furar pelo meio de tanta gente.

« Dou-lhe uma moeda d'ouro, disse elle ao ajudante do carrasco, se me amarrar com força ao páu da forca. »

Mas n'esse momento Martinho deu a primeira arcada na rebeca. O juiz, o escrivão toda a gente da justiça, os assistentes, incluso o judeu, estremeeceram; á segunda arcada levantaram todos a perna, o carrasco desceu pela escada abaixo e pôz em posição de dansa.

Martinho então tocou a bom tocar. A multidão saltava, dava cambalhotas; o juiz e o judeu que estavam á frente pulavam como cabritos. Jovens e velhos gordos e magros, todos entravam na dansa até mesmo os cães levantavam-se nas patas trazeiras e bailavam como as outras pessoas. Martinho apressou o movimento; então a gente remexeu-se quenem uma banda de possessos, batiam com as cabeças de encontro ás outras e pisavam-

se a bom pisar. Todos ganiam com dôres, o juiz a deitar os bofes pela boca fóra gritou. « Perdôo-te, mas acaba de tocar. »

Martinho achando que o gracejo durára bastante tempo, parou e mettendo a rebeca na algibeira, desceu da escada e veio collocar-se de frente do judeu que estando esfalfado, exausto, sentára-se no chão e a custo podia respirar.

« Maroto, disse elle, vaes agora confessar donde provêm a bolsa, cheia de corôas de ouro que tu me deste. Não mintas, senão pego outra vez na rebeca e tornas a dansar uma sarabanda.

— Roubei-a, roubei-a, disse o judeu cheio de espanto. Mas tu ganhaste-a honradamente; tinha-t'a dado para que não tocasses mais rebeca. »

O Juiz entrou logo em scena e o inquerito tendo provado que havia effectivamente roubo, mandou enforcar o máo judeu. Martinho continuou ainda mais aventuras; mas que quem as conheceu, não as escreveu no papel e ficaram perdidas para nós assim como a sua rebeca.

HISTORIA
DE UM HOMEM QUE FOI PELO MUNDO FÓRA
PARA APRENDER A TREMER

Um pae tinha dois filhos : o mais velho era muito sensato e de bom conselho, sabia sempre o que tinha a fazer ; o mais novo era tapado como uma porta, não podia comprehender nem aprender nada e as pessoas ao vê-lo tão estúpido diziam : « Coitados dos paes, que encargo para elles. »

Quando havia um recado a fazer, encarregavam sempre d'isso o mais velho. Mas quando já era tarde e que era preciso ir buscar alguma coisa pelo caminho ao lado do cimiterio, o mais velho dizia : « Oh pae, porque te não lembraste d'isso durante o dia ? Tenho tanto medo de passar á

noite por aquelle caminho ! Tremo que nem varas verdes. »

Outra vez quando, em noites de inverno, ao pé da lareira, alguém contava essas historias ter-riveis que fazem arripiar a pelle, o mais velho interrompia a cada instante o narrador, para dizer : « Ai que medo, até estou todo a tremer ! »

O mais novo, lá no seu canto, onde estava met-tido resmungava : « Ouço sempre dizer ao meu irmão e a mais gente : « Estou a tremer ! » E só eu nunca tremo ; é por que son muito estúpido, como elles dizem. Deve ser uma coisa muito difficil, que aprender a tremer. »

Um bello dia o pae chamou-o de parte e disse-lhe :

« Ouve lá, estás crescido e forte e já é tempo de ganhares a tua vida. Olha o teu irmão, que trabalho que tem e como é habil no seu officio ; mas tu has-de sempre ser tapado.

— Pae, olhe-lá, respondeu elle, ha uma coisa que muito me gostaria aprender ; seria a tremer ; não tenho a mais pequena idéa do que isso possa ser. »

O mais velho, ouvindo isso, soltou uma gar-galhada e disse : Meu pobre mano, como és inge-nuo ! Nunca prestarás para nada. És ainda tão parvo, na tua idade ! »

O pae, suspirando. disse : « Tremer ! mas has

de acabar por aprendel-o sósinho. Mas não é com isso que se ganha a vida. »

Algum tempo depois receberam a visita do sacristão da igreja da parochia. O pae contou-lhe a pena que lhe causava a estupidez do filho.

« Talvez não crer querer, que ultimamente, perguntando-lhe eu que officio queria aprender, respondeu-me que desejava aprender a tremer. »

— Se é só isso, disse o sacristão eu meu encargo de o pôr fino.

A proposta agradou ao pae, e João (assim se chamava o rapaz) entrou em pensão em casa do sacristão. Estava encarregado de tocar o sino. Ao cabo de alguns dias, o sacristão foi accordal-o á meia noite e disse-lhe para subir á torre e tocar a rebate; em seguida saiu e foi esconder-se no campanario.

Quando João chegou lá acima e quiz pegar na corda, viu na escada uma cara muito branca alumiada pelos raios da lua que passavam por uma fresta da torre.

« Quem vae lá? » gritou elle; mas nada de resposta; a cara não tugiou nem mugiu.

« Falla disse João, ou então vae-te embora; não tens nada que fazer aqui. »

O sacristão (era elle que ali estava, embrulhado n'um lençol) não se mexeu; julgou que João ia tomal-o por uma alma do outro mundo.

« Vamos lá, disse João, o que é queres? homem

honrado, abre a boca e falla, senão atiro-te pelas escadas abaixo. »

« Não se atreve a fazel-o », pensou o sacristão e ficou immovel como se fosse de pedra. João pela terceira vez, disse-lhe que respondesse, mas em vão; então arremessando-se com toda a força ao phantasma atirou-o pela escada abaixo. O sacristão parou n'uma volta da escada e ahi ficou estendido sem sentidos. Então João tocou o sino, como lhe haviam dito, tornou a descer sem se occupar com o homem branco, por cima do qual saltou, foi metter-se na cama e adormeceu.

A mulher do sacristão, que estava mettida no segredo, não vendo voltar o marido teve medo e foi accordar o João « Não viste ninguem na torre »? perguntou ella.

— Vi, disse-elle. Quasi lá em cima um homem de branco estava ao pé da casa do sino; não me quiz dizer quem era. Então julgando que era um ladrão, atirei com elle pela escada abaixo. Está estendido ao comprido nos degraus.

— Bicho peçonhento, disse a mulher, era o meu marido.

— Que quer você que eu lhe faça, disse João. Vá ver; se fôr elle peça-lhe desculpa, apézar de ser elle o unico culpado. »

A mulher subiu, e encontrou o sacristão que voltava a si, mas que andava com muito custo porque estava todo magoado. Levou-o para a cama

e correu logo a casa do pae de João, soltando gritos afflictivos e disse-lhe : « Venha vêr a desgraça que causou o seu maldito filho ; atirou com o meu marido pela escada abaixo. Leve-me já lá de casa esse sujeito. »

O pae, muito assustado, foi a casa do sacristão, e depois de sacudir muito João que dormia que nem um abbade, disse-lhe : « Que bregeirice fizeste ainda ? Foi o diabo que te metteu semelhante idéa na cabeça.

— Antes de me accusar, escute, respondeu João ; estou innocente de todo. O sacristão disfarçado, estava no topo da escada como quem quer fazer partida. Tres vezes lhe perguntei, o que estava ali fazendo ; não se mexeu. Então livreime d'elle atirando-o por ali abaixo.

— Vamos, disse o pae, pelo que vejo nunca-me darás senão desgotos. Não te quero vêr mais ; vaes deixar o paiz.

Oh meu pae, prefiro isso, logo que amanhecer, ponho-me a caminho. Talvez lá por fóra aprenda a tremer ; deve ser uma arte para sustentar um homem.

— Aprende o que quizeres, disse o pae, é-me indifferente, comtanto que não ouça mais fallar em ti. Amanhã de manhã vae lá á casa, dar-te-hei algum dinheiro e irás visitar regiões longinquas. Mas mesmo n'esses paizes, prohibo-te de

dizeres d'onde vens e, quem é o teu pae, para não ter de córar de vergonha.

— Estou pelos ajustes, disse João e voltando as costas adormeceu

De manhã muito cedo foi buscar o dinheiro que o pae lhe promettera e eil-o á caminho pela estrada fóra resmungando de vez em quando : « Se eu pudesse aprender a tremer ; quem déra que soubesse tremer : » Encontrou um homem que o ouviu e travou conhecimento com elle ; mais além acharam-se ao pé de um patibulo onde tinham sido enforcados na vespera sete ladrões. « Vês estes sete personagens que fizeram conhecimento com a forca ! Pois bem, passa uma noite ao pé d'elles e podes estar certo que ficarás sabendo o que é tremer.

— Se é só isso, disse João, saberei dar conta do recado ; volta amanhã de manhã ; se as coisas se passaram como dizes, para te recompensar dar-te-hei tudo quanto possuo, isto é cincoenta escudos. »

Parou ao pé da forca e esperou socegradamente pela noite. Então tendo frio, foi apanhar lenha e accendeu o lume. Pela volta da meia noite estava um vento frigidissimo e apesar de estar ao pé do fogo, João tinha frio. Os enforcados empurrados pelo vento tambater uns de encontro aos outros. « Eu que estou ao pé do lume tenho o nariz gelado

disse João ; em que estado não hão-de estar esses pobres diabos, lá em cima ! »



É como tinha um bom coração, pegou na escada e despendurou todos os sete um após outro. Em seguida foi carregar o lume e collocou-os em volta para que se aquecessem. Vendo que se não

mexiam, mesmo depois das chammias terem chegado aos fatos, gritou-lhes : « Tomem conta, senão vão outra vez lá para cima, de castigo. »

Os mortos não se mexeram e os fatos arderam á vontade. Então zangado, disse. « Assim o querem, peor para vocês ; vou pendural-os novamente lá nos ares. Não quero ser queimado tambem. »

E pendurou-os no patibulo na mesma ordem em que elles estavam. Em seguida estendeu-se ao pé do lume e dormiu socegradamente até o outro dia. Chegou então o homem da vespera que lhe disse : « Salte para cá o dinheiro ; já deves saber o que é tremer. »

— Como queres que o saiba, respondeu João. Não são esses palermas, lá em cima que m'os ensinaram ; nem sequer abriram-a boca são tão degeitosos que pondo-os eu ao pé do lume para se aquecerem, deixaram queimar, sem se mexer, os farrapos que tinham em cima da pelle. »

O homem que já contava com o dinheiro, foi-se embora resmungando : « Nunca vi na minha vida, semelhante homem. »

João foi-se embora por outro lado, dizendo sempre : « Quem me déra tremer. Meu Deus, porque não posso en tremer como toda a gente. »

Um carroceiro que por ahi passava, ouviu-o e disse : Olá, meu compadre, d'onde vens tu ?

— Não sei, respondeu o João.

— Quem é o teu pae ? continuou o carroceiro.

— Não posso dizer, replicou-elle.

— O que estás tu para ahi a resmungar continuamente?

— Queria tremer e ninguem me pode ensinar.

— Deixa lá essas tolices; são idéas que te vcem á cabeça porque tens barriga vazia, vem comigo, levo-te a uma estalagem onde poderás cear bem.

À noite chegaram com effeito a uma estalagem de bonito aspecto. Ao entrar João não se pode conter e lá repetiu a sua ladainha: « Ah, quem me dera poder tremer. »

O hospedeiro que o ouviu, soltou uma gargalhada e disse. « Se queres ter arripios não podes encontrar melhor sitio do que este, para satisfazer o teu desejo. »

— Calla-te, disse a mulher. Para que fallas á este rapaz n'uma coisa que causou a morte de tantos temerarios? Para que queres que os lindos olhos d'este rapaz, tão franco, não tornem mais a vêr a luz do dia? »

Mas João gritou logo: « Pouco importa que a coisa seja difficil comtanto que chegue a saber o que causa o tormento de toda a minha vida; é por isso que ando percorrendo o mundo. »

E tanto insistiu com o estalajadeiro que elle por fim contou-lhe, que havia ali perto um castello encantado, onde certamente quem lá quizesse passar tres noites aprendia a tremer. O rei pro-

metterá, a quem tentasse a sorte, a filha em casamento, a mais linda princeza que tivesse apparecido a luz do sol. Além de que, o que saísse victorioso das provas das tres noites, descobriria no castello immensas riquezas, actualmente guardadas pelos espiritos maus « Tem vindo muitos, e corajosos, continuou o estalajadeiro; mas nenhum d'elles tornou a sair-vivo do castello »

No dia seguinte João foi ter com o rei e pediu-lhe licença para passar tres noites no castello maldito. O seu ar resolutivo agradou ao rei que lhe disse : « Sabes que podes levar contigo tres objectos á vontade, mas nada que esteja vivo.

— Pois bem, respondeu João, manda-me dar um fuzil e uma pedra para acender o lume, um banco de torneiro e outro de cinzelador com uma faca. »

O rei mandou pôr durante o dia, tudo isso no castello. À noite João lá se installou e começou por accender um bom lume na grande salla; pôz ao lado o banco de cinzelador e sentou-se no banco de torneiro.

« Quem déra poder tremer, disse elle novamente. Está-me a parecer que ainda não é d'esta vez. »

Pela volta da meia noite, pôz mais lenha no lume e assoprou para que elle pegasse bem. De repente ouviu, n'um canto, vozes gritando, « Miaú, Miaú ! que frio que está !

— Bem tolos são, se têm frio, disse João, cheguem-se para o lume e aqueçam-se. »

Immediatamente dois enormes gatos pretos saltaram para seu lado e olharam-no com ar feroz, os olhos parecendo soltar chammás. Depois de se terem aquecido, disseram : « O' compadre, que achas? Se jogassemos ás cartas para matar o tempo?

— Vá lá, respondeu elle. Mas deixem ver primeiro as patas. »

Os gatos mostraram as garras.

« Olá! como vocês têm as unhas compridas, podem marcar-me as cartas, disse elle. Esperem que eu as corte primeiro. E pegando-lhes pelo gasganete, apertou-lhes as patas no torno de cinzelador.

« Mais vale que me não arrisque a jogar com espertalhões da sua força. »

E com uma acha matou os dois animaes e atirou-os pela janella na agua do fosso do castello.

Em seguida foi sentar-se ao pé do lume; mas logo depois, de todos os cantos e mesmo da chaminé, saiu uma quantidade de gatos pretos e também de cães pretos com collares de ferro rubro. Havia tantos que elle já não sabia onde pôr os pés. Estes horriveis animaes faziam um barulho de todos os diabos e puzeram-se a desmanchar o lume e á atirar por todos os lados as achas accesas. Durante alguns minutos divertiu-se a vêr este

sabbat; mas por fim, viu que a coisa ia muito longe e pegando na faca, gritou :

« Raspem-se já seus patifes ! »

E atirando-se a elles, tanto deu que fez uma enorme carnificina, e o resto fugiu. Depois de ter atirado os cadaveres para o fosso, arranjou o lume e fêl-o pegar outra vez. Então sentiu um peso nas palpebras e apeteceu-lhe dormir. Viu no fundo da sala uma cama ; abriu e deitou-se para fazer uma somneca ; no mesmo instante o movel pôz-se em movimento sósinho e enfiou pelos corredores do castello.

« É divertido, disse João, vá lá um bocadinho mais depressa. »

E logo a cama pulou como se fosse puxada por seis cavallos, descendo e subindo as escadas, precipitando-se atravez das salas, a adega o sotão ; as portas abriam-se quando elle passava e depois fechavam-se com ruido. Hop ! hop ! era uma corrida desenfreada. Por fim João fartou-se ; os cobertores, as almofadas estavam em desordem e tudo por cima d'elle ; saltou para o chão e voltou tranquillamente para o pé do lume onde dormiu em paz até ao dia seguinte.

Veu então o rei ; vendo João estendido no chão julgou que as almas do outro mundo o tinham morto como os outros, e disse :

« Coitado d'este bello e valente rapaz. » Mas João

accordou, levantou-se e disse : « Oh, ainda lá não estamos. »

O Rei, maravilhado e muito contente perguntou-lhe como estava.

« Muito bem, respondeu João, diverti-me bastante, e espero que as outras duas noites hão de se passar do mesmo modo.

E foi para a estalagem. Quem ficou admirado foi o estalajadeiro. « O quê, és-tu, disse. Não morreste cem vezes? Mas ao menos já sabes o que é tremer?

— Isso sim, disse João, cada vez menos. É desconsolador. »

Quando chegou á noitinha, foi outra vez lá para o castello. Um pouco antes da meia noite, ouviu por todos os lados, um ruido, um barulho extraordinario, e mais nada ; mas logo depois cahiu pela chaminé abaixo o tronco de um homem soltando gritos horriveis.

« Olá, gritou João, ainda falta a metade, este pobre homem precisa das suas pernas. »

O barulho recomeçou outra vez e o resto do corpo chegou pelo mesmo caminho.

« Vou accender o lume, disse João, para que elle possa aquecer-se. »

Quando se voltou, as duas partes tinham-se colado e João viu sentado no seu banco um grande individuo, com ar feroz e uma grande barba.

— « Ah! tiras-me o logar, sem me pedires

licença, disse João, ora vamos, ala, que se faz tarde. Que vergonha! n'essa idade ainda não sabe ser delicado! »

O homem não se queria mexer, mas João empurrou-o com força e sentou-se.

Começou outra vez o barulho e João viu descer pela chaminé metades e quartos d'homem, que logo se soldavam para formar latagões parecidos com gigantes. Puzeram em linha nove tibias humanas e com duas caveiras, em lugar de bolas, jogaram aos paulitos.

João que gostava muito d'esse jogo pediu para entrar na partida.

« Pois sim, respondeu um d'elles, comtanto que tenhas dinheiro.

— Isso está bem visto, disse João. Mas parece-me que as bolas não estão lá muito redondas. »

E pegou n'uma caveira, fixou-a no banco de torneiro e deu-lhe uma fórma perfeitamente redonda. Em seguida, atirou uma e exclamou : « Veem como agora rebola. Vamos, lá, toca a divertir-nos. »

O jogo continuou ; mas apesar de sua mão não tremer, João não era da força d'elles e perdeu ; o abono não era grande ; pagou-o.

Deu meia-noite ; desapareceu tudo n'um instante como se os tivessem assoprado.

João estendeu-se no chão socegradamente e dormiu até ao dia seguinte. Quando o rei quiz saber

o que se passara, disse-lhe : « Vae tudo muito bem. Joguei aos paulitos, perdi é verdade, mas só alguns cobres ; ha só uma coisa que me aborrece, cada vez sei menos o que é tremer. »

Na terceira noite estava outra vez no banco pensando no problema que o apoquentava, quando entraram seis gatos-pingados trazendo um caixão que puzeram no chão.

— « Olha, disse João, talvez seja o meu primo que nunca vi e que morreu ha dias? »

E foi levantar a tampa do caixão. Viu o corpo de um homem que não conhecia.

« É o meu primo, disse e apalpou-lhe a cara que estava fria como um espelho.

« Talvez esteja doente?

Voltou para o pé do lume, aqueceu as mãos e veiu esfregar as bochechas do cadaver.

O morto estava frio. Então João levou-o para o pé do lume e pondo-o ao collo, esfregou-lhe com força as mãos, os braços e todo o corpo para chamar a circulação do sangue, mas sem resultado.

« Uma idéa, disse elle. Lembro-me que uma vez que tinha frio, deitei-me ao pé do meu irmão e que aqueci muito depressa.

Levou o corpo para cima da cama, que voltára para o seu logar, deitou-se ao lado, tendo o cuidado de se tapar muito com o cobertor. No fim de algum tempo, com effeito, o morto aqueceu um pouco e mexeu os braços e as pernas.

« Vá lá, disse João, agradece-me. Parece-me que te aqueci bem.

— Eu, disse o morto, vou estrangular-te.

E sentando-se na cama avançou as mãos para agarrar João pelo pescoço.

— Ah, sim, disse João, é esse o teu reconhecimento. Vamos, ala, volta para o caixão porque decerto não és o meu primo. »

E pegando com força no morto, mettu-o no caixão e fechou a tampa. Os seis gatos-pingados avançaram então e levaram o caixão. »

« No meio de tudo isso, disse João, não vejo de que modo vou aprender a tremer. » No mesmo instante appareceu um homem, um gigante de aspecto terrivel; tinha uma barba branca muito grande; os dentes tinham mais de uma pollegada de comprimento, e as unhas tambem. « Joveni imberbe, gritou elle, vou-te ensinar a tremer; ainda mais, vou matar-te.

— Não vás tão depressa, disse João; para me matares é preciso primeiro que eu consinta; porque sou tão forte como tu, apezar de seres duas vezes maior do que eu.

— É o que vamos ver, disse o monstro.

Vamos experimentar a nossa força, se fores mais forte do que eu, deixo-te em paz. »

E atravez dos corredores sombrios, levou João a uma forja; pegando então n'um martelo bateu sobre a bigorna e mettu-a pela terra dentro.

« Isso não é nada, » disse João; e pegando n'um machado approximou-se da outra bigorna. O velho gigante seguiu-o e pôz-se a seu lado; então João enterrou o machado na bigorna, mas com tanta habilidade que apanhou a barba do outro e entalou-a junctamente com o machado.

« Estás preso agora, disse João, e vou matar-te. »

E com uma barra de ferro, pôz-se a bater no gigante, que preso pela barba como estava, não se podia voltar. O velho gemia com dôres e pediu-lhe para parar, promettendo enriquecê-lo. João então retirou o machado; o gigante achando-se livre, conduziu-o a uma caverna e mostrou-lhe, tres grandes caixas cheias de ouro e joias. « Uma é para os pobres, outra para o rei, outra para ti. »

Apenas dissera estas palavras, deu meia noite; o gigante desapareceu e João achou-se n'uma obscuridão completa.

Mas ás apalpadelas, lá conseguiu descobrir a porta e subindo a escada, encontrou o lume e adormeceu tão socegado como das outras vezes.

No dia seguinte, quando chegou o rei com toda a côrte, João disse-lhe. « Eis a prova terminada e creio que vou ser rico mas parece que é de proposito, ainda não sei o que é tremer. » E contou as aventuras da noite.

« Emfim, disse o rei, conseguiste quebrar o encanto que pesava sobre este castello e vaes casar com minha filha, a herdeira da corôa. »

Foram buscar á caverna o immenso thesouro e celebraram-se umas nupcias esplendidas. João, durante algum tempo, parecia ser muito feliz; amava muito a mulher, a bella princeza. Mas no fim de algum tempo, a princeza ouviu-o resmungar outra vez : « Quanto não daria para poder tremer, como qualquer mendigo o póde fazer! »

Zangou-se e contou o caso á sua aia, uma comadre muito esperta, que lhe disse : « Não se apoquente, eu o farei tremer. »

A camarista mandou preparar um balde d'agua onde nadavam umas centenas de peixes. Na seguinte noite, quando João estava bem a dormir, a princeza levantou a coberta e a aia despejou na cama o balde com os peixes, que se puzeram a saltar em cima de João. Acordou assustado e inundado e ao sentir os peixes a saltarem gritou :

« Oh! estou a tremer, estou a tremer. Obrigado, minha mulher, fizeste-me arripiar. »

OS MUSICOS DA CIDADE DE BREMA

Havia em tempos um homem no fundo da Allemanha que possuia, havia muito tempo um burro, o qual depois de ter servido o amo, o melhor que pudera, perdia as forças e já não podia trabalhar. O amo começava a diminuir-lhe a ração; então o animal, receando por fim ser entregue ao escorchador, fugiu uma manhã e tendo ouvido dizer que em Brema, o burgmestre recrutava musicos n'aquelle momento, pôz-se a caminho para essa cidade pensando poder utilizar a sua bella voz.

No caminho encontrou um cão de caça, que sentado sobre o trazeiro uivava lamentosamente. « Que tens tu para ladrares assim? » disse-lhe elle.

— Revolta-me a injustiça d'este mundo, respondeu o cão. Estou velho, a vista diminue, o faro tambem e as lebres começam a zombar de mim.

Então meu amo esquecendo quantas peças de caca lhe ajudei a apanhar, quiz matar-me. Evitei o golpe e fugi. Mas como vou agora ganhar a vida?

— Ouve lá, disse o burro, vem comigo até Brema onde precisam de cantores; conto apresentar-me como baixo, tu podes ser barytono. »

O cão ficou encantado com a proposta e ambos puzeram-se a caminho. Mais adiante, viram um gato á beira da estrada que em logar de se occupar com elles parecia absorto nas suas tristes reflexões.

« Que desgraça te succedeu? disse-lhe o burro.

— Como queres tu que eu esteja alegre, respondeu o gato, quando a custo acabo de escapar á morte?

Já não sou novo e portanto prefiro estender-me ao pé do lume, resonando á vontade, do que ir apanhar ratos. Mas minha ama não está pelos ajustes e ainda agora quiz apanhar-me para me afogar. Fugiu, mas não sei o que faça agora.

— Vamos, enche-te de coragem, disse o burro, e acompanha-nos até Brema, onde precisam de musicos para os córos; podes desempenhar o papel de tenor. »

A proposta teve o dom de agradar ao gato e lá partiram os tres na direcção da cidade. Ao passar ao pé de uma quinta, viram deante da porta do celleiro, um gallo cantando com toda a força.

« Arripias a gente com os teus guinchos, disse

lhe o burro. De costume é só de manhã que os teus semelhantes cantam d'essa fórma.

— Mas tambem aconteceu-me uma grande desgraça, respondeu o gallo. Minha dona queria fazer a barella; estava apoquentada por que não sabia se o dia estaria bonito para seccar a roupa. Eu que conheço um pouco o tempo, disse-lhe que ia fazer sol. Em logar de me agradecer, como tem gente para jantar no domingo, disse á cozinheira para me cortar o pescoço esta noite, para fazer amanhã uma canja.

Então canto a guela aberta para me atordoar e não pensar mais na minha triste sina.

— És muito tolo de esperar pachorrentamente que te matem, disse o burro. Vamos a Brema onde precisam de bons cantores; contigo formaremos um lindo quarteto, és um excellente soprano. »

O gallo apreciou devidamente este conselho e pôz-se a trotar ao lado dos outros. Mas a noite surpreendeu-os, antes de terem chegado ao termo da viagem. Estavam no meio de uma floresta; estavam cançados e decidiram de ali acampar e passar a noite. O burro e o cão estenderam-se em cima da relva; o gato encarapitou-se n'um ramo. Quanto ao gallo voou até ao topo da arvore. Ia pôr a cabeça debaixo da aza e adormecer quando viu, a pequena distancia, uma luz. Deu parte do caso aos companheiros.

— Talvez ali haja uma habitação, disse o burro; mais vale ir até lá. Encontraremos talvez um



velheiro onde estaremos melhor abrigados que aqui ao ar livre.

— Tens razão, disse o cão; e talvez eu encontre um osso ou dois para cear.

Dito isto puzeram-se a caminho na direcção indicada pelo gallo. D'ali a pouco viram a luz e quando se approximaram de todo, acharam-se em frente d'uma casa, cuja sala do pavimento terreo estava brilhantemente alumiada. O burro que era o maior de todos veiu collocar-se ao pé da janella aberta; viu então sentados á roda de uma mesa coberta de iguarias, de excellente aspecto, uns homens que pelos ditos reconheceu ser ladrões.

O Zé Burro participou aos companheiros o que vira. — Se ao menos tivéssemos algumas migalhas d'este festim! disse o gallo.

— Ah! se ainda tivesse os dentes da minha mocidade, disse o cão, tentaria pôr em derrota estes marotos e poder-nos-hiamos regalar em logar d'elles.

— Mas disse o gato, o mais esperto de todos, talvez haja um meio de conseguir o mesmo fim.

Communicou a sua idéa aos outros que a approvaram e a puzeram logo em pratica. O burro erguendo-se nas patas trazeiras encostou as mãos sobre o parapeito exterior da janella; o cão trepou-lhe para as costas, o gato subiu para cima do cão, e o gallo em cima do gato. Então todos juntos fizeram musica cada qual a seu modo; o burro soltou zurros sonoros; o cão ladrou furiosamente, o gato miou com força e o gallo soltou *cocoricos* e *kikirikis* estonteadores. Ao mesmo tempo o burro deu um pulo enorme e saltou para o meio da sala do festim, quebrando as vidraças e levando sempre

os companheiros que se seguravam como pod iam uns aos outros e continuavam a chinfrineira. Depois correu a galope á roda da mesa.

Os ladrões amedrontados, com a consciencia perturbada, julgaram que era o proprio diabo que os vinha buscar para leval-os para o inferno; precipitaram-se pela porta fóra e fugiram para a floresta. Os nossos quatro animaes então sentaram-se á mesa, cada qual escolhendo o que mais lhe convinha, o burro e o gallo, o pão e os bolos; o cão e o gato, os assados, fizeram uma refeição copiosa e succulenta como jamais tinham sonhado.

Depois de fartos, apagaram as luzes e cada um procurou conchego para a noite. O burro deitou-se no pateo em cima da estrumeira, o cão, no capacho á parta da rua; o gato, debaixo da chaminé da cozinha ao pé das cinzas ainda quentes da lareira, emfim o gallo empoleirou-se nas costas de uma cadeira. Como estavam cançados e com a barriga cheia d'ali a pouco adormeceram profundamente.

Pela volta da meia noite os ladrões tendo-se aproximado da casa e não ouvindo mais nada, o chefe então fez observar que talvez não tivessem tido razão para se assustar e mandou um d'elles reconhecer o terreno. O ladrão, ia no bico dos pés, entrou pela porta de traz e foi á cozinha; pegou n'um phosphoro e tomando os olhos do gato, que brilhavam na escuridão, por carvões accesos,

esfregou o phosphoro. Mas o gato não gostou da brincadeira, bufou, berrou e saltando-lhe á cara arranhou-o a valer. O ladrão, assustado, julgou que era o diabo e fugiu a toda a pressa. Quando passava ao pé da porta entropçou no cão que lhe enterrou os dentes na perna. Cada vez mais assustado quiz fugir pelo pateo, mas pisou o burro que lhe mandou um par de coices e o estendeu no chão; ao cair fez rebolar as pipas e os baldes que por ali estavam e que fizeram um barulho medonho. O gallo accordou então e soltou uns cocoricós atordoadores.

O ladrão levantou-se a pressa e correu para juncto dos companheiros. Quando emfim serenou um pouco disse-lhes :

— Já não ha meio de voltar áquella casa; está habitada por uma banda infernal. Na cozinha uma bruxa horrenda, escarrou-me na cara e arranhou-m'a toda. Ao pé da porta um diabo mordeu-me a perna; no pateo um monstro medonho deu-me uma cacetada, ao passo que lá dentro de casa outra bruxa gritava : « Traze-me cá esse patife, traze-me cá esse patife ! »

Os ladrões terrificados, não só nunca mais tentaram penetrar em casa, mas ainda abandonaram de todo a floresta. Os quatro musicos, installaram-se na casa e depois de terem comido todas as provisões que ella continha, descobriram o thesouro dos ladrões e com esse dinheiro continuaram a

gozar o resto da vida. Foi por isso que nunca chegaram a apresentar-se em Brema como musicos; mas ficaram comtudo assim alcunhados pelos que souberam a sua historia.

O FILHO DE MARIA

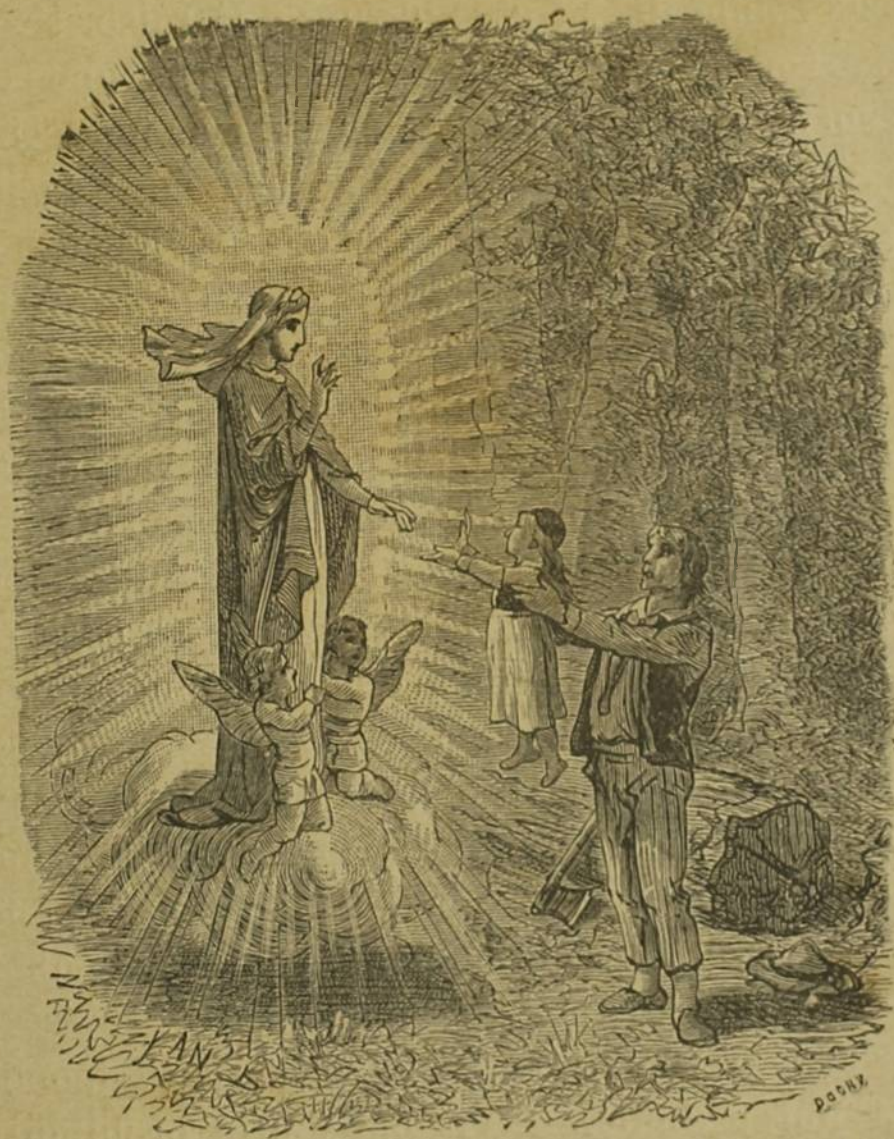
Vivia n'uma vasta floresta um rachador com sua mulher e a filha unica, uma menina de tres annos, chamada Joanna. Trabalhava quanto podia, mas ganhava pouco e muitas vezes não comiam quanto queriam.

Um dia, que a mulher e elle se tinham privado para que a pequenita tivesse bastante pão, o bom homemsinho fôra cheio de cuidados abater uma arvore enorme; de repente appareceu-lhe uma bella senhora; tinha na frente uma corôa de estrellas brilhantes.

« Sou a Virgem Maria, disse ella, a mãe do Menino Jesus. Sei que és demasiado pobre para educares a tua filha. Vae busca-a, quero ser a sua mãe, e occupar-me d'ella. »

O rachador, apezar de ter muito desgosto, assim

como a mãe, de se separar da filha, fez esse sacrificio e entregou a criança nas mãos da Virgem



Maria que levou Joanna para o céu. Ali a pequenita nunca mais soffreu privações, comia bolos, bebia leite delicioso; os fatos eram de ouro e para a destraiem os anjinhos brincavam com ella.

Quando fez quatorze annos, a Virgem um dia chamou-a e disse-lhe : « Querida menina, vou fazer uma grande viagem. Durante a minha ausencia confio-te as treze chaves do Paraizo. Poder te has servir de doze para abrir as portas que conduzem ás magnificencias celestes ; mas na decima terceira, que é esta chavesinha pequena e facil a reconhecer, não lhe toques ; senão será a causa da tua desgraça. »

Joanna prometteu obedecer. Quando a Virgem partiu, ella abriu uma após outras as portas das mansões celestes. Em cada uma estava um dos doze apóstolos, no meio da multidão dos bem aventurados, cercados de um mar de gloria e esplendor. Joanna estava encantada com esse espectáculo e os anjinhos que a acompanhavam tambem se regosijavam muitissimo.

Só faltava a porta prohibida ; e Joanna estava curiosa por saber o que lá havia. « Eu não a queria abrir de todo, disse ella aos anjos, mas apenas empurrar-a um bocadinho para vermos pela abertura.

— Não, responderam os anjos, seria já demais, seria um peccado. A Virgem Maria prohibiu-te que de modo algum tocasses na chavinha pequena ; pensa que se desobedeceres serás infeliz para toda a tua vida. »

Joanna não replicou ; mas a curiosidade não a deixava socegar, perdeu até o somno. Um dia que

os anjos tinham todos ido para um outro lado do paraiso, pensou que era chegado o momento ou então nunca abriria a porta; que afinal de contas ninguem a veria. Foi portanto buscar a chave, e mal a metheu na fechadura, abriu-se a porta por si só e Joanna ficou deslumbrada pela brilhantissima luz, o fogo celeste que cercava a Santissima Trindade. Tapou depressa os olhos com a mão; mas n'este movimento roçou n'um dos raios d'essa luz resplandecente, e um dos dedos ficou todo doirado. Teve medo e, fechando rapidamente a porta, foi a correr pôr a chave no seu lugar. Mas nunca mais socegou, o coração não cessava de bater com violencia, e fartou-se de esfregar, lavar e raspar o dedo; o doirado não saía.

Alguns dias depois, a Virgem Maria, voltou, chamou a rapariga e pediu-lhe as chaves; quando Joanna lh'as entregou, ella disse-lhe: — Não abriste a decima terceira porta, não é assim?

— Não! respondeu Joanna, n'um tom brusco.

A Virgem pôz-lhe a mão sobre o coração, e sentiu que elle palpitava como prestes a estostrar.

« É bem verdade, replicou ella, que não me desobedeceste?

— Não! respondeu Joanna com obstinação.

A Virgem então pegou nas mãos que ella escondia e viu o dedo doirado; ficou sabendo que Joanna não cumprira as suas ordens; mas quiz ainda permittir-lhe de confessar a sua falta e

disse : — Não te deixaste tentar, e não abriste a porta prohibida?

— Não ! respondeu Joanna pela terceira vez.

— Então a Virgem, fitando, a severamente, disse-lhe : — Em primeiro logar desobedeceste-me, depois acabas de mentir obstinadamente, já não és digna de ficares no céo.

Immediatamente Joanna caiu n'um somno profundo, e, quando despertou, viu-se na terra, no meio d'uma floresta sombria. Toda assustada, quiz gritar ao soccorro ; mas não pode articular nenhuma palavra ; estava muda. Pôz-se a correr para sair d'essa solidão que a horrorisava ; encontrava por toda a parte os silvados e abrólhos d'onde não podia sair. Viu-se assim fechada n'um pequeno circulo, no meio do qual elevava-se uma velha arvore ôca enorme que lhe serviu de abrigo ; foi ahi que passou a noite e onde se abrigou da chuva e do vento. Só tinha como alimento raizes e fructos selvagens. No outomno apanhou as folhas mortas e encheu o tronco da arvore afim de poder abrigar-se do frio durante o inverno ; porque os fatos com o uso acabaram por cair em farrapos e só lhe restava, para se cobrir os seus cabellos compridos e sedosos, que lhe caiam até aos pés.

Esteve assim varios annos na miseria, mas sem querer nunca confessar que o seu castigo era merecido. Um dia, nos fins do verão, o rei do paiz, caçando na floresta, perseguia um veado que fugia

para o sitio que servia de prisão á Joanna. Vendose impedido pelos abrolhos, apeou-se do cavallo e com a espada abriu caminho atravez das silvas. Viu então, sentada sobre a herva, a jovem que era mais linda do que o dia; os cabellos que a cobriam como um manto, brilhavam ao sol como o mais puro ouro. Contemplou-a durante muito tempo cheio de admiração.

Por fim disse-lhe : — Como vieste parar a este deserto ? »

Mas não obteve resposta; estava sempre privada da palavra.

— Queres abandonar estes tristes sitios, replicou elle, e vires para o meu palacio ?

Ella consentiu com um signal da cabeça; o rei então tomou-a nos braços, e collocando-a sobre o cavallo, levou-a até ao castello; mandou vestil-a com os mais bellos trajos de côrte. Estava então tão bella, que, elle sendo solteiro, casou com ella, apezar de ella estar sempre muda.

Um anno depois, deu á luz um filho.

De noite, quando estava sósinha, apresentou-se de repente em frente d'ella a Virgem que lhe disse : — Queres agora reconhecer a tua falta, e confessar que abriste a porta prohibida ? Deixarás então de ser muda; mas se persistes no peccado, tiro-te o filho.

Joanna que recuperára por um momento a pa-

lavra, temou em mentir e respondeu : Não, eu não desobedeci.

A Virgem então levou a criança e desapareceu. Quando encontraram o berço vazio, sem vestígios do principesinho, todos na côrte assim como o povo, puzeram-se a murmurar que a rainha era uma bruxa e que tinha devorado o seu proprio filho. Mas o rei que estava louco por ella não deu credito a esses ditos maldosos.

Passou-se um anno e teve um segundo filho. À noite a Virgem veio novamente pedir-lhe para confessar o seu peccado. « Restituir-te-hei a palavra, e o teu filho que levei, disse ella, senão, tiro-te tambem esse que acaba de nascer. »

Mas Joanna, teimando no mal, sustentou a mentira. A Virgem então desapareceu com o princepsinho. No dia seguinte foi um clamor geral contra a rainha ; os conselheiros do rei pediram-lhe para a julgar e condemnar como bruxa. Mas o rei, que a estimava cada vez mais, prohibiu sob pena de morte que a accusassem deante d'elle.

No fim d'um anno, deu á luz uma linda criança. À noite a Virgem Maria tornou a apparecer e disse : « Segue-me ! » E, agarrando-a pela mão, levou-a ao céo, e mostrou-lhe os dois filhos que brincavam com as estrellas como se fossem bólas ; vieram lançar-se nos braços da mãe sorrindo-lhe gentilmente. A rainha, cheia de alegria, devorava-os de beijos.

— Restituir-t'os-hei, disse a Virgem, se reconheceres emfim o teu peccado.

Mas Joanna cada vez mais teimosa continuou a negar. Então encontrou-se de novo no quarto, mas a filha tinha desaparecido.

No dia seguinte quando não encontraram a princeza, o povo amotinou-se pedindo com gritos a morte da bruxa. O rei não podia convencer-se que ella fosse culpada mas não pode resistir ao furor geral. A rainha foi conduzida perante os juizes e fizeram-lhe um processo, sem que ella dissesse uma palavra para se defender.

Foi condemnada a ser queimada viva.

Amarraram-na á fogueira, e largaram-lhe fogo. Quando as chammas começaram a cercal-a, sentiu emfim os effeitos dos remorsos e teve o desejo ardente de confessar o peccado antes de morrer.

Immediatamente recuperou a palavra e exclamou :

« Virgem Maria, sim pequei ! »

No mesmo instante, abriram-se as cataractas do céu e o fogo apagou-se. Então a Virgem Maria cercada d'uma nuvem luminosa appareceu segurando pela mão os dois jovens principes, e tendo ao collo a irmã mais pequena. E, entregando a Joanna os seus filhos, disse-lhe :

— Confessaste as tuas culpas ; sao te perdoadas.

Depois desapareceu. A rainha desceu então da fogueira e conduziu os seus filhos para os braços do pae que ia morrendo de alegria; e viveram felizes todo o resto da sua vida.

A PRISÃO SUBTERRANEA

Era uma vez um rei muito rico e poderoso que tinha tres filhas; atraz do jardim do seu magnifico palacio, mandara plantar um grande pomar com as mais raras arvores fructiferas e d'elle se occupava mais do que em governar o seu reino. Entre outras, obtivera a peso d'ouro uma macieira, que provinha do paraizo; a arvore dava maçãs cujo sabor era delicioso e a côr excedia em brilho o rubim. O rei estimava tanto essa macieira que um dia a sua madrinha, que era uma fada, tendo-lhe permittido ter um desejo, pediu para que todos aquelles que sem permissão colhessem maçãs d'essa arvore, fossem immediatamente transportados a cem leguas debaixo de terra.

Tinha expressamente prohibido ás filhas de colherem maçãs da arvore. Mas um dia d'outomno,

em que as princezas passeavam no pomar, levantou-se um grande vento; correram para ao pé da macieira para vêr se a tempestade não fazia cair algumas maçãs que poderiam então apanhar sem infringir a prohibição paterna. A arvore estava sobrecarregada dos mais soberbos fructos; mas o vento soprava de balde nem uma só maçã cahia.

Então a mais nova das princezas, muito contrariada, disse ás irmãs: « É demais. Não me posso conter e vou colher uma maçã; ha tantas este anno, que o rei, nosso pae, não perceberá que falta uma. No fim de contas se nos prohibiu assim como aos mais de lá tocar, a prohibição não deve ser tão severa para nós, que somos suas filhas, do que para os outros. »

E, sem mais hesitações, levantou-se nos bicos dos pés e colheu uma das maçãs, a mais grossa; ferrou-lhe logo uma bella dentada e disse: « Nunca comi fructo mais delicioso. »

Tentadas pelo exemplo, as duas irmãs fizeram como ella; porém alguns segundos depois, abriu-se de repente a terra debaixo dos seus pés desapareceram no abysmo que logo se fechou.

Passaram-se algumas horas. O rei, não vendo apparecer á mesa as suas filhas, perguntou o que fôra feito d'ellas; procurou-se por todos os cantos do palacio, do jardim, do pomar, depois por toda a cidade e nos arredores; ninguem encontrara o menor vestigio das princezas. O rei desgostoso

mandou annunciar por toda a parte que quem lhe trouxesse as filhas, poderia escolher uma como esposa, fosse elle filho d'um vaqueiro.

Muita gente, mesmo antes de saber da promessa do rei, tinha-se já posto á procura das princezas; ellas tinham ganho todos os corações pela sua gentileza, graça e bondade para com os pobres. Mas não se descobriu em parte alguma vestigios d'ellas. Tres jovens caçadores partiram para bater uma grande floresta, que principiava perto da capital, porque julgavam terem-se ellas ahi perdido.

Depois de andarem durante oito dias por entre os abrolhos e silvados, chegaram a uma clareira; ahi, n'uma collina, elevava-se um castello encantado. Entraram lá, os aposentos eram vastos e com grande luxo; mas não se via alma viva. Na sala de jantar, estava servido um manjar real.

Os caçadores, que havia uma semana, pouco tinham comido e frugalmente, sentaram-se á mesa, e provaram todas essas excellentes iguarias. Depois foram repousar, tendo decidido que a partir do dia seguinte, cada um pela sua vez, guardaria o castello enquanto os outros continuariam a percorrer a floresta para procurar as princezas.

Foi o mais velho o primeiro que ficou no castello. Ao meio-dia viu apparecer um anãosinho que com ar constricto pediu-lhe um bocado de pão. Deu-lhe uma boa fatia; ao recebê-la, o anãosinho

deixou-a cair no chão pediu ao caçador para a apanhar. O que o outro fez de boa vontade; mas, quando se baixava, o maldicto anão tira um chicote que tinha escondido, e, agarrando o caçador pelos cabellos com uma força de gigante, administrou-lhe uma carga bravia, e safou-se.

À noite, quando os dois outros caçadores entraram, o mais velho disse ao segundo irmão como fôra cruelmente espancado; mas não disse nada ao mais novo, que tratavam de parvo e a quem não queriam contar as suas desgraças.

No dia seguinte, quando o mais novo dos caçadores, que se chamava Martinho, ficou de guarda ao castello, viu surgir á sua frente o anão que fez a mesma comedia que na vespera delxando cahir um bocado de pão que Martinho lhe déra a pedido seu. Mas o caçador em vez de o apanhar do chão, disse-lhe: « Ora essa, grande atrevido, não tens senão a estender o braço para apanhares o pão e és tão malcreado que queres que me abaixe para emendar a tua asneira! »

O anão, furioso, levanta do chicote; mas Martinho depressa lh'o arrancou das mãos e pela sua vez chicoteou-o a bom chicotear. O anão gritou que lhe perdoasse e disse: « Larga-me e eu te direi onde estão as princezas que procuram. »

Martinho parou logo e pediu explicação d'essas palavras.

« Sim, replicou o anão, a uns minutos do cas-

tello, no topo da collina, acha-se um poço profundo, mas não tem agua. As princezas estão lá no fundo. Porém previno-te d'uma coisa : se és tu que as vaes buscar, desconfia dos teus camaradas. Pódes acreditar no que te digo; sou um feiticeiro; estou aqui com os meus irmãos em numero de mil, habito dentro da collina, e ainda esta manhã vi as princezas, que choravam amargamente e se lamentavam de estar privadas da luz do dia. O que lhes torna a sorte mais terrivel, é que estão guardadas por horriveis dragões, tendo cada um muitas cabeças; mas não são invenciveis; quem fôr corajoso e resolutu, como tu, póde dar cabo d'elles. »

Então o anão retirou-se. Quando os dois caçadores voltaram e que Martinho os pôz ao corrente do que se passára, decidiu-se que seria elle que iria ao fundo do poço n'um grande cesto que os outros fariam descer com uma corda; levou uma corda; levou uma faca de mato e uma campainha para dar o signal quando fosse preciso fazer subir o cesto. Depressa chegou ao fundo do poço. Ahi, com a luz fornecida por um grande numero de pyrilampos orientou-se atravez um correde e chegou á primeira caverna onde a mais velha estava sentada sobre um rochedo; um dragão descancava as suas nove cabeças nos joelhos da filha do rei, que apesar de estar tranzida de medo, era obrigada a acariciar as cabeças do animal.

Martinho precipitou-se contra o animal e, ferindo-o com a sua faca de mato, abateu-as nove cabeças do monstro. Depois entrou nas outras duas cavernas e livrou, com a mesma coragem as irmãs da princeza dos dragões que as guardavam.

Depois levou as tres filhas do rei até ao sitio onde ficára o cesto, e fez subir primeiro a mais velha; ao signal dado com a campainha, os outros caçadores puxaram o cesto e tornaram a descel-o quando d'elle sahiu a princeza. As duas irmãs foram conduzidas do mesmo á luz do dia.

Só faltava subir o Martinho; mas lembrando-se do aviso do feiticeiro, em vez de se collocar no cesto, poz lá algumas pedras. Bem fizera; quando o cesto estava a meio caminho, os dois perfidos camaradas, querendo ter o merito da aventura, cortaram a corda, e o cesto foi cahir no fundo do poço.

O pobre Martinho nem por isso estava mais adiantado em ter escapado á morte; via-se condemnado a morrer de fome. Não se deixou abater pelo desespero, e voltou para a caverna a fim de encontrar uma sahida. Não a descobriu, mas viu, pendurada a um canto, uma buzina de caça.

« Está bem, disse elle, antes de morrer, vou ainda tocar uma fanfarra. Quem sabe? O acaso é tão grande; talvez alguém me ouça lá por cima. »

E pôz-se a tocar na buzina com toda a força dos seus pulmões. Immediatamente appareceu o anão

seguido d'uma nuvem de feiticeiros que saiam das entranhas da terra.

« Cá estamos, disse elle a Martinho ; pela virtude d'essa buzina encantada, somos obrigados a obedecer-te. O que ordenas ? »

— Não quero abusar do meu poder, respondeu Martinho. Só te peço que me tires d'esse poço e me indiques na floresta, o caminho da capital. »

Os feiticeiros então, agarraram-no solidamente, e trepando como lagartos pelas paredes do poço, retiraram-no e levaram-no atravez da floresta até perto da capital.

Ahi, todos, desde o rei até ao ultimo mendigo, estavam em grande jubilo por causa das princezas terem voltado. Preparavam-se as festas do casamento que devia celebrar-se entre as duas irmãs mais velhas e os caçadores que as tinham trazido e que por meio de terriveis ameaças as forçaram a jurar de nunca revelar ninguem de que modo tinham sido salvas da prisão subterranea.

Mas quando Martinho se apresentou diante d'ellas, a mais nova, não podendo conter o seu reconhecimento exclamou : « Aqui está o nosso salvador ! »

Depois desmaiou ao pensar que tinha violado o seu juramento. O rei, seu pae, pediu-lhe, mal ella voltou a si, a explicação do seu surprehendimente e das suas palavras. Depois d'ella ter declarado que jurara não revelar a ninguem o que se pas-

sára, o rei mandou-a entrar para uma sala, onde estava sósinha, e disse-lhe que contasse tudo á uma das matronas. Foi o que ella fez, e o rei que escutava á parte, ficou assim instruido da verdade.

Mandou immediatamente prender os dois traidores; queria mandal-os matar, mas, a rogos de Martinho, foram apenas expulsos vergonhosamente do paiz. Alguns dias depois Martinho casava com o mais nova das princezas. Quanto á famosa macieira, o rei mandou-a arrancar para que não fosse a causa de nova desgraça que talvez não se podesse remediar.

A LUZ AZUL

Era uma vez um bravo soldado, chamado Francisco, que combatera durante muitos annos em muitas guerras fazendo sempre o seu dever. Mas quando se concluiu a paz e lhe deram baixa, como á maior parte do exercito, não lhe concederam a menor pensão; foi ter com o rei e reclamou contra essa injustiça. Mas Sua Magestade que precisava de muito dinheiro para construir um magnifico palacio, mandou-o passear.

« Talvez um dia m'ò pagues, » disse o soldado, e foi comprar um pão com os ultimos vintens que lhe restavam. Depois saiu da cidade e percorreu o campo a procura d'algum trabalho como moço de fretes, porque não tinha aprendido outro officio senão o de soldado. Passou se o dia sem ninguem o tor occupado.

À tardinha, entrou n'um bosque, e, quando era já noite ainda de lá não tinha sahido. De repente, avistou ao longe uma luz; caminhou n'essa direcção e acabou por encontrar uma casinha. Estava lá uma velhinha que era nada mais nada menos do que uma má bruxa.

« Boas noites, tiassinha, disse Francisco, perdi-me na floresta e venho pedir-lhe hospitalidade para a noite e uma codea de pão para cear.

Uma outra, respondeu a bruxa, teria recusado abrigo a um homem que, como tu, parece um vagabundo. Porém eu, tenho bom coração e vou te dar com que acalmar a fome. Amanhã espero me farás um pequeno serviço.

— De boa vontade, disse Francisco, se estiver em minhas posses.

— Oh! não se trata senão de cavar o meu jardim. »

N'isto, Francisco, tendo ceado, foi deitar-se no celleiro sobre um mólho de palha. No dia seguinte pôz-se á obra e cavou o jardim; custou-lhe a acabar antes da noite.

« Estamos agora quites, disse-lhe a velha; mas se quizeres amanhã rachar a lenha para a minha provisão do inverno dar-te-hei novamente de cear e poderás passar aqui a noite. »

Francisco aceitou e no dia seguinte, rachou até á noite; estava deveras cansado.

« Trabalhaste bem, disse a velha, por isso

amanhã só te pedirei um pequeno serviço que não te fatigará. Terás de descer ao fundo do velho poço que está no pateo, já não tem agua, mas deixei lá cair uma vela; tenho-lhe amor porque dá uma bella chamma azul e nunca se apaga. »

No outro dia Francisco dirigiu-se ao poço com a velha que o deixou descer n'um cesto preso a corda da roldana. Quando chegou ao fundo, viu com effeito uma chamma azul que provinha da véla magica; estava ao lado uma especie de estojo no qual se podia fechal-a; quando se abria o estojo a luz brilhava de novo, e a véla nunca se gastava.

Francisco pegou na véla e no estojo e puxou pela corda. A bruxa subiu o cesto e quando elle chegou a boca do poço, ella estendeu logo a mão e disse :

« Vamos, depressa, passa para cá a minha véla!

Mas Francisco, já desconfiado, respondeu :

« Primeiro quero pôr os pés em terra firme.

— Dá cá depressa, » disse a velha, furiosa.

Francisco tornou a recusar, então, furiosa a bruxa largou a corda, e o pobre Francisco, caiu no fundo do poço. Comtudo não se fez mal algum. Ao levantar-se, e depois de meditar durante muito tempo sobre a sua triste sorte, que o condemnava a morrer de fome, lembrou-se que tinha na algibeira um cachimbo quasi cheio de tabaco.

« Será esta a minha ultima consolação, disse elle, regalar-me ainda fumando um pouco. »

Depois, tendo accendido o cachimbo á chamma azul, pôz-se a fumar. No fim d'alguns segundos, appareceu-lhe um anãosinho preto, que, prostrando-se com respeito, lhe disse :

— Meu amo, o que ordenas?

— Ora essa, o que eu ordeno? respondeu Francisco. Porque me has de obedecer? Nunca na minha vida dei ordens.

— O que sei, disse o anãosinho, é que estou encarregado de executar as tuas vontades.

— Está bem, disse Francisco; tira-me então d'este maldicto lugar.

Então o anão mostrou-lhe um corredor que, ao principio muito estreito, ia-se alargando e por fim e ia ter a uma caverna, onde a bruxa tinha accumulado grandes thesouros. Francisco serviu-se á larga, e, com as algibeiras cheias d'ouro e diamantes, chegou á luz do dia sempre guiado pelo anãosinho.

« Agora, disse elle, vae agarrar essa bruxa maldicta e entregal-a á justiça.

O anãosinho partiu; dentro em pouco appareceu montado n'um grande gato selvagem, levando á frente, ligada mãos e pernas, a horrivel velha que grunhia de modo a fazer fugir os lobos.

No fim d'um certo tempo voltou e disse :

— Está fechada na torre; amanhã irão julgal-a. Que devo ainda fazer?

— Vae descansar, meu rapaz, respondeu Fran-

cisco. Mas se eu tiver precisão de ti, como hei de fazer?

— Não tens senão a fumar um pouco no teu cachimbo depois de o accenderes á luz azul. »

Francisco saiu então da floresta e voltou á capital. Depois foi-se vestir com um fato todo novo e magnifico feito pelo primeiro alfaiate, e hospedou-se no mais bello hotel da cidade onde fez grandes despezas. Ao fim d'alguns dias d'essa vida luxuosa, que lhe parecia um sonho, veiu-lhe ao espirito uma idéa e, com o cachimbo, chamou novamente o anãosinho preto.

— Ouve cá, disse elle, quero vingar-me do rei que me tratou com tanta injustiça. Esta noite irás buscar a sua filha unica, para que ella me limpe as botas.

— E facilimo, respondeu o anão. Mas faz com que isso fique secreto; deves saber que o rei não gosta de chalaças e, no fim de contas, esta é um pouco forte. Mas isso é contigo; eu só tenho que obedecer.

E, com effeito, ao dar á meia-noite, trouxe a princeza, que estava mergulhada n'um somno semelhante ao somnambulismo.

— Menina, mãos á obra, exclamou Francisco, e sirva-me como servi o seu pae. Tome essa vassoura, e varra-me a casa.

A princeza, muda e os olhos quasi completa-

mente fechados, fez como poudo o trabalho determinado.

— Agora, aqui estão as escovas e a graixa, replicou Francisco; limpe-me as botas e faça-as luzir bem, se faz favor.

A filha do rei obedeceu novamente, mas, como nunca fizera semelhante trabalho, levou muito mais tempo.

Depois, ao commando de Francisco, o anãosinho reconduziu-a aos seus aposentos. No dia seguinte contou ao pae o que ella julgava ser simplesmente um sonho.

— Comtudo, accrescentou ella, estou cançadíssima, e tenho os ossos moídos.

Mas o rei, que sabia que no tempo das fadas, passavam-se coisas bem extraordinarias, tomou a coisa a serio e disse á filha para encher, furar as suas algibeiras e de as encher á noite com feijões.

Foi o que ella fez, e, quando o homemzinho veio buscal-a e a levou pelos ares até ao quarto de Francisco, os feijões caíram mostrando assim o caminho que tomára. Mas o anãosinho viu o estratagemma e depois de reconduzir a princeza, foi espalhar feijões por todas as ruas da cidade.

Foi o que vieram annunciar ao rei, que ficou com a certeza que a filha fazia o officio de criada. Ficou cruelmente mortificado. Depois de reflectir, disse á princeza que ficasse com as chinellas ao

deitar-se, e deixasse uma debaixo d'um movel, se a viessem outra vez buscar.

Foi o que ella fez. D'esta vez o anãosinho não percebeu nada, e, quando, no dia seguinte, os criados do rei foram visitar todos os quartos da cidade, descobriram, no quarto de Francisco, a chinella da princeza.

Foi logo agarrado e mettido n'uma prisão.

Por entre as grades da sua cellula, que estava no rez-do-chão, viu ahi collocado como sentinella, um dos seus antigos e bons camaradas do regimento. Conseguiu abrir a janella e chamou o amigo que o reconheceu.

— Escuta, disse Francisco, quando te levantarem a guarda, procura introduzir-te no quarto que eu occupava no hôtél. No fundo do armario de pau, encontrarás um sacco cheio de ouro, isto será para ti; só te peço em troca que me trages um estojo de cobre que encontrarás ao lado.

A coisa sorria ao soldado: conseguiu o que queria, e levou a Francisco o estojo onde se achava sempre a véla de luz azul; emquanto ao dinheiro, guardou-o para si, como fôra convencionado.

Francisco mais socegado, quando foi levado perante os tribunaes, deixou-se, sem protestar condemnar á morte.

Em seguida foi levado ao cadafalco, que estava collocado na maior praça da cidade. Achava-se ahi reunida uma multidão de povo; o rei com toda a

côrte viera collocar-se n'um estrado, querendo saborear o supplicio.

Durante o trajecto, Francisco pediu ao carrasco como ultima graça de o deixar fumar um cachimbo Foi-lhe concedido. Ao accender o cachimbo á luz magica e depois d'algumas fumaças, appareceu ao lado d'elle o anãosinho.

— Espanca toda essa gente, e corre-me com ella, disse Francisco, o rei, a côrte, os juizes e todas as authoridades. Poupa sómente a princeza ; já a fiz soffrer bastante. No fim de contas fui brutal para com ella ; estava innocente dos erros do pae.

O anãosinho então atirou-se a toda a assistencia, e batendo a torto e a direito, com uma força sobrenatural, pôz todos em fuga. O rei foi o unico que não poudé fugir, tanta pancada recebera ; pediu perdão a Francisco que lh'o concedeu seus condições.

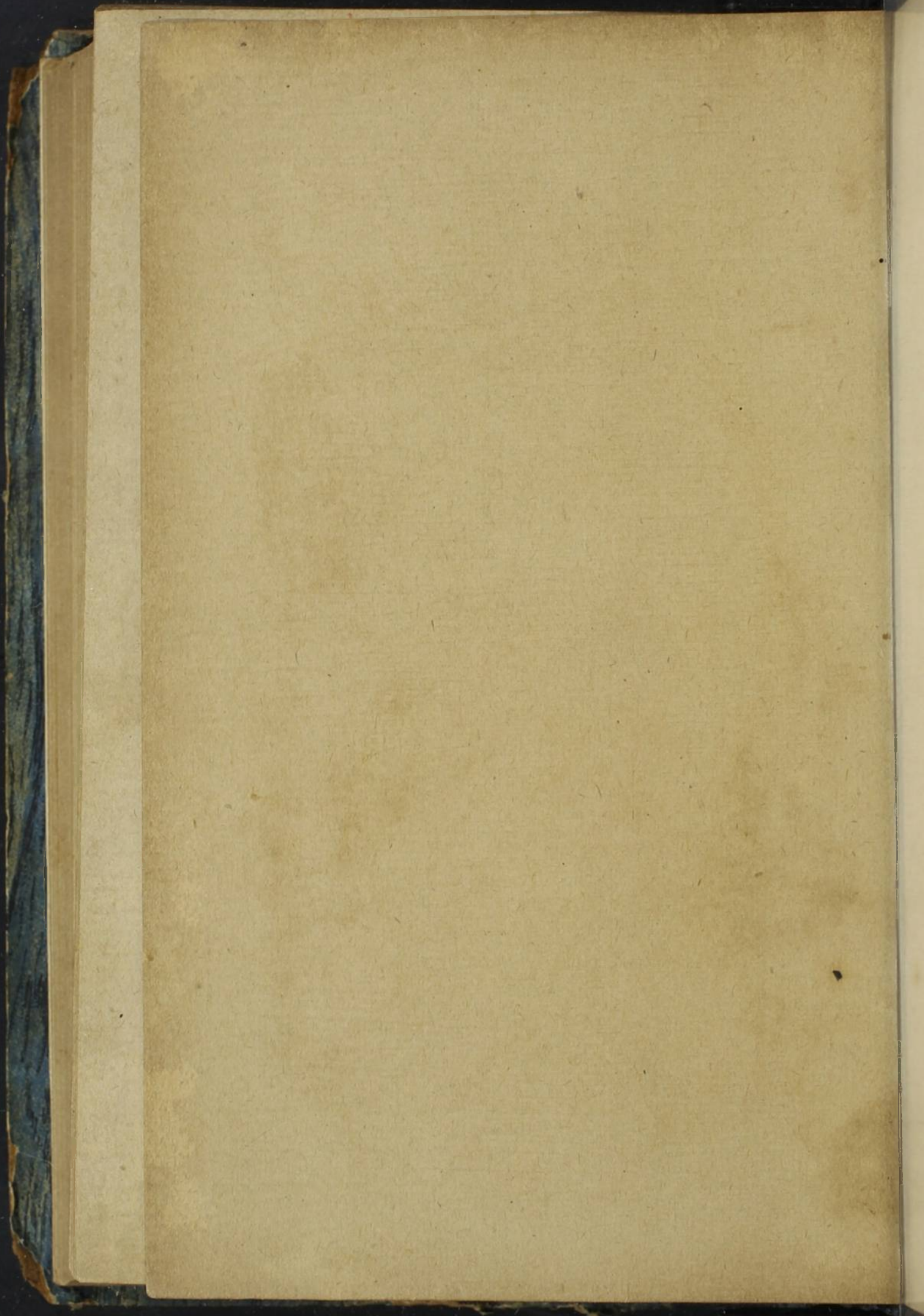
O rei então não quiz ficar atraz e deu a Francisco, a princezâ em casamento.

FIM .

INDICE

| | |
|--|-----|
| PREFACIO. | ▼ |
| Os Presentes do povo pequenino. | 1 |
| A Guardadora de patos. | 7 |
| Joãosinho e Annita. | 23 |
| A Casa da floresta. | 35 |
| O Grypho. | 44 |
| Os Quatro Irmãos espertos. | 59 |
| O Homem com a pelle d'urso. | 68 |
| Os Guardas da sepultura. | 80 |
| A Agua vital. | 89 |
| A morte madrinha. | 102 |
| O Rei da Montanha de ouro. | 109 |
| Branca-de-neve e Rosa-vermelha. | 122 |
| O rei Corvo. | 134 |
| O Pescador e a sua Mulher. | 143 |
| O Compadre Galhofa. | 153 |
| João o valente. | 172 |
| Os Seis Homens que conseguem tudo. | 186 |
| Os Sete Corvos. | 196 |
| Alva-Neve. | 201 |

| | |
|---|-----|
| Os Tres Ramos verdes. | 215 |
| O Irmão e a Irmã. | 221 |
| João no auge da felicidade. | 231 |
| o Judeu no meio dos espinhos. | 241 |
| Historia de um homem que foi pelo mundo fóra para aprender a tremer. | 250 |
| Os Musicos da cidade de Brema. | 268 |
| O Filho de Maria (legenda). | 276 |
| A Prisão subterranea. | 285 |
| A Luz azul. | 293 |



EV. PO1 010F III/72

B. & I.

36110

